

LARA LEAL FÉLIX SIMÕES

**O NEOLIBERALISMO E A CAPTURA DA SEXUALIDADE ATRAVÉS DO OLHAR  
NA PORNOGRAFIA AUDIOVISUAL DE PLATAFORMA: UMA ANÁLISE  
PSICANALÍTICA**

São João del-Rei

PPGPSI-UFSJ

2024

LARA LEAL FÉLIX SIMÕES

**O NEOLIBERALISMO E A CAPTURA DA SEXUALIDADE ATRAVÉS DO OLHAR  
NA PORNOGRAFIA AUDIOVISUAL DE PLATAFORMA:  
UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA**

Trabalho de Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

**Área de Concentração:** Psicologia

**Linha de Pesquisa:** Fundamentos teóricos e filosóficos da Psicologia - Linha 1

**Orientador:** Prof. Dr. Roberto Pires Calazans Matos

São João del-Rei

PPGPSI-UFSJ

2024

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB)  
e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S593 Simões, Lara.  
O NEOLIBERALISMO E A CAPTURA DA SEXUALIDADE  
ATRAVÉS DO OLHAR NA PORNOGRAFIA AUDIOVISUAL DE  
PLATAFORMA : UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA / Lara Simões  
; orientador Roberto Pires Calazans Matos. -- São  
João del-Rei, 2024.  
96 p.

Dissertação (Mestrado - Psicologia) --  
Universidade Federal de São João del-Rei, 2024.

1. Pulsão escópica . 2. Psicanálise e Sexualidade.  
3. Neoliberalismo. 4. Pornografia e Cultura Digital.  
I. Pires Calazans Matos, Roberto, orient. II. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO Nº 23 / 2024 - PPGPSI (13.24)

Nº do Protocolo: 23122.033660/2024-71

São João del-Rei-MG, 15 de outubro de 2024.

A Dissertação **O neoliberalismo e a captura da sexualidade através do olhar na pornografia audiovisual de plataforma: uma análise psicanalítica**

elaborada por **Lara Leal Félix Simões**

e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei como requisito parcial à obtenção do título de

#### MESTRA EM PSICOLOGIA

#### BANCA EXAMINADORA:

Dra. Rosane Zétola Lustoza (UFPR)

Assinado por concordância com ata de defesa realizada por videoconferência

*(Assinado digitalmente em 15/10/2024 10:23 )*  
MARIA GLAUCIA PIRES CALZAVARA  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DPSIC (12.25)  
Matrícula: 2319043

*(Assinado digitalmente em 15/10/2024 16:10 )*  
Roberto Pires Calazans Matos  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DPSIC (12.25)  
Matrícula: 1352922

Visualize o documento original em <https://sipac.ufsj.edu.br/public/documentos/index.jsp>  
informando seu número: 23, ano: 2024, tipo: ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO, data de  
emissão: 15/10/2024 e o código de verificação: c4eef304c7

## AGRADECIMENTOS

Para mim, escrever esta parte repercutiu dias na minha cabeça. O sentimento de nostalgia foi inevitável. Vim de uma família muito pobre. Nos últimos dias, lembrei-me de como a casa em que cresci não teve chuveiro por muito tempo e o banho quente era de canequinha. A geladeira também nem sempre esteve lá; o leite comprado precisava ser consumido no mesmo dia. E, mesmo assim, consegui chegar ao mestrado em uma universidade federal. Não é algo que sonhei, porque nunca me permiti sonhar muito. Mas é um sonho realizado!

Para isso, precisei de muito amor e ajuda. Primeiramente, agradeço à minha mãe, Maria Isabel Leal, afinal ela foi corpo-casa. Agradeço seus inúmeros esforços de sustento e o incentivo ao estudo, pois o conhecimento é algo que ninguém nos tira.

Agradeço à minha avó, Benedita Leal, que me amava ao ponto de me sentir a única pessoa no mundo e me deixou um cuidado que me acompanha todos os dias.

Ao meu namorado, Filipe Tucci, por estar ao meu lado em cada momento, compartilhando alegrias e oferecendo apoio nas dificuldades. Sua companhia e compreensão foram fundamentais para que eu pudesse seguir em frente. E aos seus pais, Cimara e Chiquinho, sem os quais eu não teria os meios para chegar ao meu destino.

Agradeço à minha cachorra Pucca, que morreu aos 14 anos um dia antes da minha qualificação de mestrado. Sua vida foi um presente e sua morte me ensinou que realmente não sabemos o dia de amanhã e que precisamos seguir.

Agradeço a minha analista, Marta Maria, que me ajudou na travessia de períodos em que eu me sentia profundamente impotente. A dita “síndrome da impostora” me ensinou que as coisas realmente nunca estão perfeitas, mas é importante reconhecer conquistas, quaisquer que sejam, e se manter em movimento.

Agradeço ao meu orientador, Roberto Calazans, cujo olhar lançou luz sobre meus passos, guiando-me pelos labirintos desta dissertação, com a sabedoria que inspira e a presença que acolhe.

Agradeço aos professores que tive durante toda a minha formação, pois vocês mudam vidas ao serem o solo fértil onde germina o saber, oferecendo espaços onde o conhecimento floresce, e os sonhos se transformam em conquistas.

E, por fim, agradeço à UFSJ e ao CPNq pelo subsídio financeiro que me viabilizou uma maior dedicação à pesquisa.

Entre ideias, encontros e desafios, estes caminhos me formaram e me expandiram, tecendo em mim uma história que é também deles.

## RESUMO

A presente pesquisa visou investigar o neoliberalismo e sua captura da sexualidade por meio da pornografia audiovisual de plataformas digitais. Utilizando uma abordagem psicanalítica, a pesquisa examinou a relação entre a estrutura econômica neoliberal e as formas contemporâneas de consumo de pornografia, destacando a maneira pela qual a pornografia atual se diferencia de suas formas históricas, com ênfase no papel das plataformas digitais na mediatização do olhar, da pulsão escópica. Exploramos as implicações da pornografia na subjetividade e nas relações sociais, ressaltando a interação entre o poder econômico e a sexualidade, bem como as consequências dessa dinâmica para o bem-estar psíquico dos sujeitos. Sob a luz da teoria psicanalítica, a pesquisa revelou que a pornografia não serve apenas como entretenimento, mas também como um mecanismo de regulação do desejo, promovendo formas específicas de subjetividade alinhadas aos interesses econômicos do neoliberalismo. Este estudo oferece novas perspectivas sobre a relação entre o poder econômico e a experiência subjetiva do prazer e do desejo, destacando a importância de considerar esses fatores na análise das práticas culturais contemporâneas e laços sociais. Assim, a dissertação contribui para um entendimento mais profundo da interseção entre economia, cultura e sexualidade no contexto atual.

**Palavras-chave:** Neoliberalismo; Pornografia Audiovisual; Cultura Digital; Pulsão escópica; Psicanálise.

## ABSTRACT

This research aimed to investigate neoliberalism and its capture of sexuality through audiovisual pornography on digital platforms. Using a psychoanalytic approach, the research examined the relationship between the neoliberal economic structure and contemporary forms of pornography consumption, highlighting the way in which current pornography differs from its historical forms, with an emphasis on the role of digital platforms in the mediatization of the look, the drive scopic. We explore the implications of pornography on subjectivity and social relations, highlighting the interaction between economic power and sexuality, as well as the consequences of this dynamic for the subjects' psychological well-being. In the light of psychoanalytic theory, the research revealed that pornography not only serves as entertainment, but also as a mechanism for regulating desire, promoting specific forms of subjectivity aligned with the economic interests of neoliberalism. This study offers new perspectives on the relationship between economic power and the subjective experience of pleasure and desire, highlighting the importance of considering these factors when analyzing contemporary cultural practices and social bonds. Thus, the dissertation contributes to a deeper understanding of the intersection between economy, culture and sexuality in the current context.

**Keywords:** Neoliberalism; Audiovisual pornography; Digital Culture; Scopic Drive; Psychoanalysis.

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1 - Capa do filme “Anatomia de uma queda” de 2023.....</b>	<b>27</b>
<b>Imagem 2 - Capa e descrição do 1º episódio da série documental “Hot Girls Wanted: Turned On” (2017).....</b>	<b>48</b>
<b>Imagem 3 - Capa da série documental “Hot Girls Wanted: Turned On” (2017).....</b>	<b>49</b>
<b>Imagem 4 e 5- Recorte de relato do site <i>Reddit</i> acessado em 19 de julho de 2023...63 e 64</b>	
<b>Imagem 6 - Capa e descrição do 2º episódio da série documental “Hot Girls Wanted: Turned On” (2017).....</b>	<b>73</b>
<b>Imagem 7 - Capa do filme “Pleasure” de 2021.....</b>	<b>81</b>



## LISTA DE TABELAS

**Tabela 1 - Categorias do site YouPorn que fazem referência à partes ou características do corpo.....76**

**Tabela 2 - Categorias do site YouPorn que fazem referência à atividades sexuais, fetiches e modos de consumo.....78**

**Tabela 3 - Categorias do site YouPorn que fazem referência à características físicas....83**

## SUMÁRIO

<b>PRELIMINARES.....</b>	<b>9</b>
<b>1.1 Point of view: “A pulsão e seus destinos” e a fetichização do olhar.....</b>	<b>17</b>
<b>1.2 Take a BIG look: o olhar na psicanálise.....</b>	<b>23</b>
<b>1.3 Dá um close ao norte do corpo: o olhar erótico.....</b>	<b>30</b>
<b>1.4 Dá um close ao sul do corpo: o olhar pornô.....</b>	<b>33</b>
<b>CAPÍTULO II - A PORNOGRAFIA: ALGUNS DESDOBRAMENTOS HISTÓRICOS E ATUAIS.....</b>	<b>37</b>
<b>2.1 A (in)discreta história da pornografia.....</b>	<b>37</b>
<b>2.3 Escondido é mais gostoso.....</b>	<b>50</b>
<b>CAPÍTULO III - PRAZERES PRIVATIZADOS: PORNOGRAFIA, NEOLIBERALISMO E LAÇO SOCIAL.....</b>	<b>57</b>
<b>3.1 Discursos: não só a pornografia produz gozo.....</b>	<b>57</b>
<b>3.2 Neoliberalismo: o capitalismo e o gozo como fonte rejuvenescedora.....</b>	<b>68</b>
<b>CAPÍTULO VI - DESVELANDO OLHARES: ANÁLISE DE CATEGORIAS PORNÔS.....</b>	<b>76</b>
<b>CAPÍTULO V - OS FINALMENTES: O FUTURO DO OLHAR.....</b>	<b>87</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>93</b>

\*Os nomes utilizados para intitular os capítulos são feitos de trocadilhos. É importante explicar que as subseções do capítulo “Preliminares” possuem trocadilhos que brincam com as categorias de sites pornôs. “Point Of View” é uma categoria pornográfica, filmada como se fosse através dos olhos de um dos integrantes da cena. Na subseção 1.2, eu brinquei com a palavra “BIG”, que está presente em várias categorias de sites pornôs, como big tits e big dick. Também utilizei a palavra “Close”, pois os vídeos pornôs utilizam o *zoom* das câmeras como um recurso indispensável.

## PRELIMINARES

Quando consideramos a pornografia, somos imediatamente remetidos às imagens provenientes da indústria pornográfica, bem como aos seus aspectos negativos, como a estrutura repetitiva, a objetificação da mulher, os cortes e ângulos específicos, e os bastidores da produção, entre outros. A disseminação desse conteúdo é abrangente, e os números financeiros da indústria pornográfica a colocam entre os mercados mais rentáveis do mundo. É inegável que, nos dias de hoje, a pornografia se tornou uma referência visual para representar o sexo.

A representação explícita do sexo por meio de imagens visuais desperta sentimentos ambíguos, combinando desconforto, curiosidade e desejo, frequentemente na mesma pessoa. O que provoca excitação também pode ofender e gerar constrangimento.

Bidaud (2023) argumenta que a representação imagética, seja por meio de filmes, livros ou desenhos, é uma forma de ficção e, portanto, um dispositivo cujos efeitos devem ser examinados criticamente. Citando Mondzain (2008), o autor destaca que toda narrativa visual possui uma dimensão política, pois influencia a maneira como o olhar é articulado, tanto em relação ao objeto observado quanto ao sujeito que observa. Ele observa que, no cenário contemporâneo, a oferta de conteúdo erótico está amplamente disponível em um mercado sem segredos, integrando-se à cultura de massas e sendo facilmente acessível através da internet. No entanto, Bidaud argumenta que o espectador navega pelos mistérios de uma multiplicidade de sites por meio de uma escolha que define sua própria intimidade. Em suma, enquanto uma expressão cultural, a pornografia desempenha um papel estruturante nas representações públicas da sexualidade.

O mesmo autor sublinha que a filosofia, a sociologia e a linguística dedicaram investigações à pornografia, enquanto a psicanálise demonstrou pouco interesse. As produções advindas desse pouco interesse mostram, curiosamente, um certo pudor da psicanálise em relação à atualidade da sexualidade. Para fugir dessa postura, é preciso considerar a pornografia como um fato da sexualidade, proporcionando acessibilidade à excitação sexual no campo da visão e também como um lugar de saber.

Bidaud ainda faz uma diferenciação: a pornografia pertence à história e a toda cultura, enquanto o pornô é o campo da visibilidade contemporânea. Assim, assistir ao pornô não é aprender técnicas que velam a fantasia, mas sim gozar do que se vê e ter domínio sobre o visto.

Mais do que uma influência, eu diria que o sujeito exerce um domínio sobre o "olhado". O olho domina a cena, ele a tem em mãos, se assim posso dizer. O sujeito segura sua cena com o olho. (p. 33).

A abordagem de Bidaud destaca a participação ativa do espectador ao explorar os diversos sites, ressaltando que essa busca é um ato de decisão que molda a intimidade do sujeito. A discussão sobre a necessidade de considerar a pornografia como um fato intrínseco à sexualidade, proporcionando tanto excitação visual quanto um espaço de conhecimento, destaca a complexidade e a multifacetada natureza desse fenômeno cultural. E, ao ressaltar o papel ativo do olhar na experiência da pornografia, fica claro que o olhar não é passivo, mas sim uma força ativa na construção da experiência pornográfica. Isso implica que a pornografia não é apenas sobre o que é mostrado, mas também sobre como é visto e interpretado pelo espectador.

A fotografia, o cinema e a imagem são anteparos da fantasia, do desejo. O sujeito, com seus suportes, consegue estar ali presente no que vê, gozando de onde não está. O autor ressalta que a narrativa pornográfica é inoperante ao cair no fluxo de retorno do mesmo, o filme não precisa de cenas coordenadas, pois ele não chega ao fim, apenas para. Essa suspensão mantém uma expectativa, um deslumbramento a ser procurado, que Bidaud relata ser análoga ao primeiro uso de drogas, o primeiro gozo, esse fenômeno ele observa na clínica. O cerne da busca do ver-isso joga com o saber, a pulsão de saber do período infantil é reinvestida com a energia da pulsão escópica, a pesquisa solitária sobre o enigma sexual.

Logo, é necessária uma compreensão profunda e multifacetada da pornografia, relacionando-a não apenas com questões individuais de desejo e excitação, mas também com questões mais amplas de poder, controle e cultura contemporânea.

As implicações nos laços sociais e, conseqüentemente, nas políticas é algo que aparece recorrentemente na psicanálise ao pensar o social. No percurso freudiano podemos ver isso já no texto “Moral Sexual Civilizada e a Doença Nervosa Moderna”, datado de 1908, onde Freud salienta que a civilização repousa na repressão das pulsões. Para vivermos em

comunidade cada sujeito faz renúncias da parcela do sentimento de onipotência, das inclinações vingativas e agressivas da personalidade. Não por acaso, Freud recorre às concepções de pulsões sexuais proporcionando uma extraordinária quantidade de energia para a atividade civilizada, o deslocamento torna possível a alteração dos objetivos sem a perda de intensidade. Através dessa renúncia, tida como uma contribuição, acontece a obtenção de um acervo cultural que inclui ideais e bens materiais.

No entanto, no neoliberalismo toda energia tem que ser revertida em tempo de trabalho, como se produzir não requeresse renúncias. Costa (2005) destaca que através da lógica do mercado imposta pelo capitalismo, o sujeito foi inserido num meio em que impõe que nada pode lhe faltar. Em nome do seu desejo e incentivado por uma sociedade individualista, movida pelo combustível do hedonismo, o sujeito apreende que, para alcançar a felicidade tão sonhada e prometida, ele não precisa fazer renúncias. Quem não adota esse estilo de vida é um fracassado e marginalizado, mas ainda é força de trabalho e consumo.

Na era contemporânea, o neoliberalismo também tem exercido uma influência significativa na configuração e na percepção da sexualidade, conferindo-lhe um novo estatuto dentro do paradigma sociocultural. Sob essa ótica, a sexualidade é inserida em um contexto de ênfase no desempenho e na visibilidade, onde a capacidade de ser desejado sexualmente é intrinsecamente vinculada ao sucesso individual. Nesse sentido, torna-se imperativo estar constantemente visível e ter a própria visibilidade desejada pela audiência, comumente referida como "seguidores" em plataformas de mídia digital. Essa dinâmica tem contribuído para uma metamorfose na vida cotidiana das pessoas, transformando-a em uma performance mediada pela mídia, na qual cada ação é orientada pela intenção de gerar conteúdo digital. Tal fenômeno é uma reconfiguração das relações interpessoais e da autoimagem, moldadas pela necessidade de validação e reconhecimento público dentro do contexto neoliberal.

Entende-se que a captura da sexualidade é estratégica para o neoliberalismo, pois, de acordo com a interpretação de Bataille (1957/2021) sobre a captura da sexualidade por parte do poder, o neoliberalismo pode se beneficiar ao controlar ou reprimir a expressão da sexualidade, visto que uma sexualidade transbordante poderia diminuir a produtividade no trabalho. Segundo essa perspectiva, ao longo da história, a sociedade tem valorizado o trabalho e a consciência como elementos essenciais da identidade humana, em detrimento do reconhecimento e da aceitação do excesso sexual.

O discurso neoliberal, conforme abordado por Safatle, Dunker e Silva Jr. (2021), enfatiza a liberdade individual, o livre mercado e a economia, princípios que também são fundamentais ao liberalismo. No entanto, o neoliberalismo vai além ao enfatizar a ampla concorrência entre todos, promovendo a organização da subjetividade como se fosse uma empresa. Isso manifesta-se na ideia do “empresário de si”, onde o sujeito é motivado a se autopromover conforme as demandas do mercado, muitas vezes em detrimento da saúde mental e do bem-estar.

Este paradigma tem sido associado a um aumento no mal-estar e no sofrimento, à medida que as pressões da cultura contemporânea e as demandas do mercado de trabalho se intensificam. Dentro desse contexto sócio-político, é importante considerar a interseção entre a psicanálise, a política e a ética, como propõe Calazans (2008):

Segundo Miller, se Lacan deprecia a política no final de seu seminário sobre a ética, é por que a política atua em nome do que podemos chamar de ideais, de projetos identificatórios (Miller, 2004:35). E a psicanálise atua em nome de uma ética. Nesse caso, a ética é contrária à política porque, como aponta mais uma vez Badiou (1998:42), o sujeito não pode delegar representações, mas deve responder em seu próprio nome.

Ainda no que tange à teoria lacaniana, Calazans (2008) coloca que Lacan, seguindo a posição de Freud em *Mal-estar na Civilização*, afirma que os homens empenham-se a encontrar a felicidade e a perseguem à volta do princípio do prazer. Uma crítica central ao neoliberalismo é sua tendência a patologizar o sujeito, atribuindo seus problemas a falhas individuais em se adaptar ou competir em uma sociedade voltada para o mercado. Conseqüentemente, os sintomas de angústia e repetição com frequência são responsabilidades individuais dos sujeitos, em vez de serem abordados em termos das condições sociais e econômicas que contribuem para o sofrimento contemporâneo. O poder exercido pelo neoliberalismo deixa marcas nos corpos e influencia a forma como os sujeitos se relacionam consigo mesmos e com os outros, como argumenta Safatle (2015).

Assoun (1999), baseando-se nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” de Freud, indica que na exploração infantil da sexualidade, a energia primordial da pulsão de ver e as dinâmicas perversas do par exibicionismo-voyeurismo são dominantes. Desse modo, há uma análise da diferenciação sexual a partir da ótica visual. O mistério em torno do falo revela o olhar como um elemento teórico crucial para a elaboração das teorias sexuais

infantis, repletas de contradições entre o que é observado e o que se presume saber. A pulsão de investigação leva o sujeito a despir com o olhar. Entretanto, por mais que o sujeito observe, ele não consegue construir um conhecimento sobre o que vê, apenas supostos que tentam desvendar véus que se tornam cada vez mais opacos. Assim, resta apenas a fetichização do objeto.

O neoliberalismo se utiliza do voyeurismo infantil em suas extensas categorias e narrativas pornô. Dufour (2013), em seu livro "A cidade perversa: liberalismo e pornografia", focaliza a transição da Cidade clássica para a Cidade perversa. Na Cidade clássica, as leis humanas são estabelecidas para contrapor as leis da natureza. Ela é habitada por sujeitos neuróticos que acreditam na existência de um senhor ao qual devem obediência, pois lhe devem suas vidas. Para que esse sistema funcione, é suficiente que pelo menos um dos sujeitos se proclame senhor, e os outros acreditem nisso. O autor ressalta que o senhor é um louco, pois se considera aquele diante do qual os outros devem se curvar. Ele é considerado louco, mas ninguém pode perceber isso, e é por isso que existe o inconsciente, no sentido literal de "não sabido". Dessa forma, todas as contradições do senhor são consideradas mistérios que estão além do entendimento comum.

A Cidade Perversa, por sua vez, busca destacar as leis da natureza em primeiro plano, privilegiando o funcionamento pulsional em detrimento do funcionamento simbólico. No entanto, é importante observar que uma Cidade Perversa não é composta apenas por sujeitos perversos, pois isso não é necessário. Basta que ocorra uma espécie de seleção natural dos habitantes mais propensos a seguir esse caminho, e a pressão sobre os demais sujeitos será forte o bastante para que, mesmo não sendo perversos, eles sejam obrigados a adotar comportamentos perversos. Assim, existem neuróticos com comportamentos perversos (Dufour, 2013). E aqui Dufour tão somente segue Freud: atos perversos não são privativos de sujeitos perversos. É o que ele aponta em sua teoria da sexualidade perversos polimorfa.

A abordagem psicanalítica de Sigmund Freud desempenha um papel fundamental na compreensão da sexualidade humana, especialmente no que se refere à sua relação com o inconsciente e aos mecanismos de defesa psíquica. Ao investigar os casos clínicos de seus pacientes, Freud observou que muitos dos sintomas apresentados estavam intrinsecamente ligados à sexualidade, o que o levou a explorar mais profundamente essa questão.

Um exemplo elucidativo dessa perspectiva é o estudo da cegueira histérica, no qual Freud (1910/1979) analisa como a visão pode ser afetada por dinâmicas inconscientes. Ele sugere que a visão é colonizada pelo olhar do outro, indicando que as percepções visuais são influenciadas pelas expectativas e julgamentos externos. Dentro desse contexto, ocorrem processos de defesa psíquica e somatização de afetos, levando à formação de sintomas como uma espécie de compromisso entre os impulsos reprimidos e as demandas do eu consciente. Como consequência, o eu perde o controle sobre o olhar, que passa a ser dominado pelas pulsões recalçadas.

Portanto, a partir dessa perspectiva psicanalítica, fica evidente que o olhar é profundamente marcado pelo desejo sexual e que desempenha um papel crucial na dinâmica psíquica. Essa compreensão é de particular relevância para o estudo da pornografia, pois sugere que a experiência visual desse conteúdo pode desencadear uma série de processos inconscientes e complexos relacionados à sexualidade e, conseqüentemente, ao laço social.

Além desse ponto, a base teórica estabelecida pela psicanálise permitiu uma análise crítica que foi fundamental para diferenciar o erotismo da pornografia. Essa distinção entre esses dois conceitos é crucial para a investigação do que está em jogo no consumo da pornografia audiovisual em plataformas online.

É importante destacar que esta pesquisa surgiu em resposta à tendência de patologização dos sujeitos que consomem pornografia, os quais são rotulados de forma pejorativa e estereotipada como compulsivos, viciados, depravados, fetichistas, perversos, entre outros adjetivos. Tanto a medicina quanto a psicologia têm tentado explicar esse comportamento por meio de teorias que biologizam a questão, como a ativação do chamado "sistema de recompensa". De acordo com essa perspectiva, a pornografia desencadearia a liberação de dopamina, um neurotransmissor associado ao prazer e a motivação, o que ativaria o sistema de recompensa e levaria o cérebro a buscar repetidamente a pornografia, resultando em comportamentos compulsivos. Além dessa, existem outras teorias que associam o uso da pornografia ao funcionamento cerebral.

No entanto, surge a questão: o sujeito é controlado por seu cérebro? Seria o órgão cerebral o resumo do sujeito? Reconhecemos a importância dessas teorias e dos estudos neurocientíficos. Todavia, a abordagem médica tradicional se concentra no tratamento do



corpo biológico e nos sintomas físicos, com o objetivo de curar o que é percebido como uma disfunção por meio de intervenções diretas no organismo. Por outro lado, a psicanálise destaca que o sujeito encontra algum prazer ou satisfação, denominado "gozo", em seus sintomas. É observada uma tendência na prática médica contemporânea à fragmentação do sujeito, o que resulta em uma separação entre os aspectos psicológicos e físicos do indivíduo.

A psicanálise, conforme exposto por Freud em sua obra "Psicopatologia da Vida Cotidiana" (1901/2023), adota uma abordagem que relativiza o psicopatológico ao incluir fenômenos como esquecimentos, lapsos de língua, atos falhos e superstições. Esses eventos cotidianos indicam que o campo afetado na vida psíquica precisa ser ampliado e aprofundado para além da dimensão patológica, que é comumente vista apenas como doença.

Portanto, a diferença sociopolítica entre a medicina e a psicanálise reside nos seguintes aspectos: a medicina, baseada em fundamentos biomédicos, tende a abordar os transtornos mentais como disfunções orgânicas ou desequilíbrios químicos. Essa abordagem muitas vezes procura intervenções farmacológicas para corrigir essas supostas irregularidades biológicas. Por outro lado, a psicanálise, desenvolvida por Sigmund Freud, adota uma abordagem mais centrada na subjetividade e na compreensão dos processos mentais inconscientes. Ela destaca a importância da história pessoal, das experiências emocionais e dos conflitos psíquicos na formação dos sintomas mentais. Em vez de se concentrar apenas na dimensão biológica, a psicanálise explora a complexidade da vida psíquica e emocional do sujeito.

Diante disso, postula-se que a pornografia, quando analisada através da teoria do olhar proposta pela psicanálise, pode ser vista como uma forma do sujeito explorar seus desejos de forma segura e controlada, destacando assim a importância de uma abordagem mais ampla e integrativa na compreensão do uso contemporâneo da pornografia.

Para melhor alcançar o que está em jogo no uso da pornografia na atualidade farei uma análise do site *YouPorn*, que é um dos sites que compõem o portal *PornHub*. O *YouPorn* surge com a proposta de ser um espaço composto em parte por conteúdos produzidos pelos próprios usuários, o que daria maior consistência ao vínculo entre pornografia, mídias digitais e a realidade dos usuários. Os vídeos amadores são produções caseiras feitas por pessoas que não são celebridades da cultura midiática, as obras são marcadas por uma estética diferente da dos filmes produzidos pela indústria pornográfica. Parreiras (2015) conceitua *Netporn* como um conteúdo que gera uma estética pornográfica particular da internet, aparentemente amador

e despreocupado com o enredo. É uma pornografia que desde o começo visa como fim a publicação na internet, integra um modo independente de criar e consumir e consolida o borramento entre as fronteiras de produtores e consumidores.

Berardi (2019), em sua obra "Depois do futuro", analisa seu mergulho no site YouPorn.com, destacando que essas produções caseiras não revelam a essência do desejo contemporâneo, mas enfatizam a natureza solitária do prazer na era digital. Enquanto o sexo é cada vez mais visível e consumido nas plataformas globais, ele permanece central nos discursos públicos e privados. No entanto, a dessensibilização acompanha essa visibilidade. Em um ambiente saturado pelo constante consumo capitalista, a atenção é capturada pelo presente imediato, resultando em uma consciência dessensibilizada. Essa dessensibilização compromete a formação de laços sociais, tornando-os frágeis ou inexistentes.

No contexto da hiperssexualização contemporânea, a sexualidade é exacerbada e disseminada, mas paradoxalmente, a dessensibilização surge como uma consequência desse excesso. A intensificação do sexo nas prateleiras do hipermercado global reflete uma sociedade onde o prazer é comercializado e consumido de forma fragmentada e descontextualizada. Essa dinâmica não apenas alimenta a hiperssexualização, mas também contribui para uma sensibilidade reduzida em relação aos próprios desejos e aos outros, dificultando a formação de conexões sociais genuínas.

Portanto, o consumo contemporâneo de pornografia e a disseminação da sexualidade na era digital não apenas ilustram a hiperssexualização, mas também evidenciam a dessensibilização como um fenômeno intrínseco à sociedade atual, onde a constante produção e consumo limitam a capacidade de sensibilização e enfraquecem os laços sociais.

Por meio do referido site é possível aos usuários produzir, comentar, interagir e avaliar conteúdos ali publicados. O site utiliza-se de publicidades para financiar o serviço, vários links transportam o usuário para outros sites, como redes que propiciam bate-papos eróticos e encontros privados. É imprescindível notar, diante desse cenário, que as fronteiras entre público-privado e pessoal-coletivo ficam turvas.

A análise do site YouPorn exemplifica como mesmo iniciativas que aparentemente promovem a liberdade e a participação individual, muitas vezes acabam adotando padrões industriais da pornografia convencional e diminuem a capacidade do sujeito de criar

narrativas e fantasias pessoais. Investigar esse fenômeno no contexto mais amplo da pornografia online contribui para uma compreensão abrangente das interações entre sexualidade, mídia e neoliberalismo na sociedade contemporânea.

Também para a construção do referido trabalho foi necessário um levantamento sobre a história da pornografia, e é interessante aqui pensar como a pornografia está associada diretamente ao surgimento e adoção de novas tecnologias. O livro deu lugar ao cinema, que por sua vez foi substituído pelas videocassetes, e hoje o que predomina é o online. O pornô adentrou com sucesso nos ambientes privados dos consumidores. Mas essa entrada não é apenas nos lares, mas sim em todos os cantos, já que a internet torna possível propagar e consumir o conteúdo pornô em qualquer hora e lugar.

A pornografia aproveitou ao máximo as possibilidades proporcionadas pelas transformações tecnológicas, criou configurações de comunidades que favoreceram a reconfiguração da díade produtor-consumidor (Parreiras, 2015). Diante dessa questão sobre a associação da pornografia e novas formas de tecnologia adotadas pela população, notou-se a importância de realizar uma trajetória histórica da pornografia, como ela surge e evolui nas suas modalidades de disseminação.

Ao explorar essa interseção entre pornografia, neoliberalismo e a teoria lacaniana dos discursos, busca-se lançar luz sobre as complexas interações entre poder, subjetividade e cultura na contemporaneidade, contribuindo para uma compreensão mais profunda dos mecanismos que moldam nossas experiências individuais e coletivas.

### **1.1 Point of view: “A pulsão e seus destinos” e a fetichização do olhar**

Freud aborda a teoria das pulsões em detalhe em seus textos "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" e "Pulsões e seus destinos". Ele distingue a sexualidade dos instintos ligados ao comportamento animal irracional e hereditário ao introduzir o conceito de pulsão (*Trieb*) em 1915/1996. A pulsão, que opera entre o físico e o somático, faz parte do organismo e se manifesta no psiquismo através de uma ideia, ao mesmo tempo em que se expressa no corpo por meio de forças constantes.

O estímulo pulsional para o psíquico não advém do mundo exterior, mas do interior do organismo, e atua como uma força constante contra a qual nenhuma fuga é eficaz. A necessidade do estímulo pulsional só é suspensa por meio de uma satisfação, que só é alcançada por meio de uma modificação adequada da fonte interna de estímulos. A pulsão é a marca de um mundo interior, uma evidência de necessidades pulsionais e um ponto de referência para distinguir o interior do exterior (Freud, 1915/1996).

Para entendermos melhor por que a pulsão é um estímulo interno, recorro ao texto de Freud (1915/1980) em que ele trata do recalque. O autor conceitua o recalque primário como a negação da entrada no consciente ao representante psíquico da pulsão. Em outras palavras, o recalque primário é o processo pelo qual a pulsão se insere no campo da representação, encontrando uma expressão psíquica que dará origem ao inconsciente. Logo, a pulsão é representada no plano psíquico pela fantasia.

Nesse sentido, a pulsão é uma força motriz interna constante que nos instiga e nos conduz em alguma direção. No texto “As pulsões e suas vicissitudes”, Freud (1915/1996) se debruça sobre os componentes da pulsão: a fonte, a pressão, a finalidade, o objeto. É articulando esses componentes que podemos articular um dos quatro destinos da pulsão: a reversão em seu oposto; o retorno em direção ao próprio sujeito; o recalque e a sublimação. É ressaltado que, seja qual for a condição, a pulsão jamais estará completamente satisfeita, havendo apenas a satisfação parcial ao alcance do sujeito. Por isso, ao elaborar os destinos da pulsão, Freud não coloca a satisfação como uma saída, pois o aparelho anímico está sujeito ao princípio do prazer, que é uma medida de exigência de trabalho imposta em decorrência da relação com o corpo; as atividades são reguladas por sensações da série prazer-desprazer, em que o desprazer é o aumento do estímulo e o prazer é a diminuição. Toda pulsão é sexual no sentido de uma energia que conduz as ações do sujeito e é a base dos processos que determinam como amamos, desejamos e sofremos.

No entanto, o princípio do prazer é organizador do modo de funcionamento primário do aparelho psíquico e é perigoso para a autoafirmação do organismo diante das dificuldades do mundo exterior. Portanto, ele é substituído pelo princípio da realidade. O princípio da realidade não abandona a intenção de obter o prazer, mas exige e consegue o adiamento da satisfação e a temporária aceitação do desprazer (Freud, 1920/2006).

Uma conclusão importante elaborada por Freud (1905/1996) é que o objeto sexual deriva da pessoa que desperta a atração sexual, e o alvo sexual é a ação para a qual a pulsão impele. Portanto, muitos desvios em ambos são encontrados. É provável que, inicialmente, a pulsão sexual seja independente de seu objeto, e ela não deva sua origem aos encantos deste. No entanto, uma observação da vida sexual na infância mostra que, embora as zonas erógenas sejam dominantes, elementos que envolvem outras pessoas como objetos sexuais estão presentes desde o início. As pulsões recalcadas retornam na vida adulta, pois a sexualidade infantil permanece, e a vida pulsional implica que o sujeito experimente tantas formas de satisfação quanto possíveis. Observa-se que a pulsão sexual ultrapassa a própria capacidade do sujeito em satisfazê-la e se direciona ao infinito nas vias de satisfação, mesmo com o recalçamento a pulsão encontra outros meios.

Lacan no “Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise” (1964/1985), demonstra que a pulsão apreendendo o objeto faz de modo que não é exatamente por aí que ocorre a satisfação. Isso se dá pois a necessidade e a exigência pulsional é constante já que nenhum objeto, de nenhuma necessidade, satisfaz a pulsão. Por exemplo, em relação à pulsão oral não é pelo alimento que ela se satisfaz, mas sim pelo prazer da boca. O que vai a boca, o alimento ou outra coisa, retorna à boca e se esgota nesse prazer. A pulsão contorna o objeto *a* causa do desejo, a economia da pulsão faz essa estrutura de borda.

... a borda remelenta de nossas pálpebras, nossa orelha, nosso umbigo são igualmente bordas também, e que há tudo isso nessa função do erotismo (p. 169).

É justamente na medida em que as zonas anexas, conexas, são excluídas, que outras tomam sua função erógena, que elas se tomam fontes específicas para a pulsão (p. 170).

A dimensão do corpo na teoria freudiana é concebida a partir do fragmento diante da constituição corporal; a natureza do corpo é erógena na psicanálise. A construção do corpo erógeno coloca em destaque a parcialidade corporal, seus órgãos, zonas e partes. O desmembramento é angustiante, mas conduz ao processo de erogeneização que dará os contornos do corpo-prazer. O livro “Pelo cu: políticas anais” (2016), de Sáez e Carrascosa, incluiu um capítulo que aborda Freud, a psicanálise e sua proposta original de entendimento que “se atreve a colocar no centro do pensamento o sexo, o prazer, o desejo, o amor e... o cu” (p. 135).

O livro ressalta que Freud, em seus “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, escreve que a inversão entre homens não supõe necessariamente o sexo anal e que o mesmo não está limitado ao sexo entre sujeitos masculinos. Além disso, Freud destaca a fase anal no desenvolvimento libidinal, próprio de todos. A fase anal, assim como a oral, permite o apoio da sexualidade em outras funções fisiológicas e é mantida ao longo da vida como portadora de excitabilidade sexual.

Os prazeres anais não podem ser categorizados de forma simplista como passivos, usar o cu dá trabalho, uma vez que o órgão está inserido na complexidade da corporeidade, que transita entre o prazer e a estranheza, assim como ocorre com qualquer outra parte do corpo. Como Sáez e Carrascosa (2016) apontam, Freud revoluciona ao reconhecer o prazer anal com a intenção de explicá-lo sem colocar juízo moral. Ao estudar as perversões, o precursor da psicanálise desvincula a homossexualidade como um tipo de perversão, uma vez que não é óbvio ou pré-definido que um homem tenha interesse sexual por uma mulher, e vice-versa, uma vez que todos os sujeitos possuem uma predisposição originalmente bissexual, que, ao longo do desenvolvimento, pode se transformar em monossexualidade (Freud, 1905/1996).

Com base nas citações de Sigmund Freud (1905/1996) e Jacques Lacan (1964/1985), é possível inferir que a bissexualidade, como uma característica da sexualidade humana, está relacionada à ideia de que a sexualidade infantil não é pré-determinada, e que o prazer é direcionado para a criança consigo mesma e com seu próprio corpo autoerótico. Leader (2021/2023) destaca que o autoerotismo não exclui uma referência ao Outro, as atividades autoeróticas podem ser vistas como formas de conquistar uma independência ou consolo emocional.

Então, atração pode ser por qualquer sexo, já que a diferenciação só ocorrerá em fases posteriores após o complexo de Édipo e resulta de uma série de fatores - em parte constitucionais e em parte acidentais - que são refletidos na diversidade sexual. Freud (1905/1996) ressalta que a pulsão é sempre ativa quando se assume um objetivo, podendo este último ser ativo ou passivo. Por exemplo, no voyeurismo, o objetivo é olhar, ou seja, é ativo, enquanto o exibicionismo é ser olhado, o que significa que é passivo.

Lacan, sobre a pulsão, traz em seu “Seminário, livro 11” (1964/1985), que a sexualidade biológica difere da sexualidade social. A sexualidade biológica tem como objetivo a reprodução, enquanto a sexualidade social busca a filiação, aliança, através da

combinação de significados presentes na transmissão de um nome. Ou seja, a sexualidade social é um laço.

Essa diferença entre sexualidade biológica e social também é apresentada de certa maneira por Bataille em “O erotismo” (1957/2020). O autor expõe que os seres assexuados se reproduzem sem necessitar da formação de laço com outro organismo; o crescimento determina a reprodução, a divisão. Já na esfera dos seres sexuados, isso não é possível. Apesar do mesmo objetivo, os seres sexuados unem-se para reproduzir, enquanto os assexuados dividem-se. Portanto, apenas os humanos fizeram da atividade sexual uma atividade erótica.

O mesmo autor expressa que na experiência humana há o erotismo e com ele ocorre o afastamento do aspecto fundamental de reprodução, dados na objetividade. No erotismo, quanto mais o gozo erótico é pleno, menos há preocupação com os filhos que podem resultar dali. Podemos pensar aqui na sexualidade proposta pela psicanálise, onde não há um objeto específico, já que o objetivo não é pré-formado, e é justamente a variação quanto ao objetivo e objeto um dos pontos principais da teoria pulsional. A sexualidade perversa-polimorfa é fragmentada em pulsões parciais que circulam entre os objetivos e objetos variados.

O que Freud nos diz, em suma, é que a sexualidade é plástica, perversa-poliforma, ou seja, permite montagens e desvios que ultrapassam a normatividade imposta. A pornografia inclusive evidencia, ao longo de sua história, as variações possíveis da sexualidade a partir de seu surgimento, evoluções e modos de circulação, pois a mesma está inserida em um contexto cultural em que há inter-relações entre produtos, produtores e consumidores, questão que veremos mais adiante no capítulo dois.

Inclusive, as infinitas categorias de vídeos pornô trazem como parte de seus principais elementos a desobediência em relação às leis, a violação de tabus - tais como a restrição da sexualidade ao campo do privado e da intimidade - e colocam em dúvida padrões sociais que são frequentemente tratados como naturais do ser humano ao retratar, por exemplo, a fragilidade da heteronormatividade. Parecem denunciar que os modos do sujeito se constituir não cabem dentro das normas impostas, pois em seu quarto com seu aparelho digital e busca na internet ele escapará da moldura social. Ou seja, o cardápio de categorias no site pornô afrouxam os nós das articulações das matrizes sociais.

Além disso, ocorrem os desvios com respeito ao alvo sexual, as transgressões anatômicas e as fixações de alvos sexuais provisórios. Nas transgressões anatômicas,

destaca-se o fator do asco, que dificulta a supervalorização libidinal do objeto sexual, mas que pode ser vencido. A força da pulsão sexual gosta de se exercer na dominação desse asco. Contudo, é esclarecedor sobre a natureza da pulsão ela admitir ampla variação e rebaixamento de seu objeto (Freud, 1905/1996). A vida pulsional implica o sujeito a experimentar sua sexualidade num espectro muito amplo, a pulsão sexual ultrapassa a própria capacidade do sujeito de satisfazer essa força constante e marca uma descontinuidade entre a demanda pulsional e o objeto de aprazimento. Isto é, a pulsão admite substituição do objeto sexual por outro que conserve alguma relação com ele, assim opera o fetiche.

É importante notar que, na maioria das vezes, na escolha do fetiche há uma notável influência persistente de uma impressão sexual recebida na primeira infância. Em outros casos, o que leva ao fetiche é uma conexão simbólica de pensamentos não conscientes para a pessoa, que também não independe das experiências sexuais da infância. Isto significa que o fetichista funciona neuroticamente via recalque. Em seu artigo sobre o Fetichismo (1927/1996), Freud nos conta que teve a oportunidade de analisar vários homens que tinham a escolha de objeto dominada por um fetiche. Porém as mesmas pessoas não o procuravam por causa do fetiche, porque este era raramente percebido como sintoma, apenas como uma anormalidade, e em geral os pacientes pareciam satisfeitos com o fetiche e louvavam as facilidades proporcionadas à vida amorosa. Assim sendo, o fetiche era um descobrimento secundário. Mas se dava desse modo porque o fetiche conservava-se como signo de triunfo sobre a ameaça de castração e como proteção contra ela.

Essa proteção contra a castração, o fetiche enquanto um deslocamento do falo para outra região do corpo ou para um objeto, é o véu que mostra e esconde. O movimento de deslocamento do falo permite uma dupla atitude em relação à castração, isto é, se por um lado esse sujeito percebe a ausência, por outro ele se vê livre para prosseguir como se nada tivesse faltando. Então, a fetichização aparece como restrição do sujeito a uma coisa totalmente envolta pelas fantasias do outrem detentor do suposto poder na relação, nisso a alteridade é fatalmente desmentida.

Freud, ainda no mesmo artigo, ressalta que o objeto criado no processo de fetichização a partir da denegação pode assumir várias formas passíveis de passar despercebido. O fetiche, como um alvo sexual deslocado para propósitos desejados, é mais isento de obstáculos e compromissos para o fetichista, ou seja, ele não encontra dificuldades em alcançar o que para outras pessoas exigia um grande esforço.



Decorrentes dessa natureza, surgem pulsões de prazer em olhar, exibição e também de crueldade. O prazer de olhar, exhibir e de crueldade manifestam-se com uma certa independência em relação às zonas erógenas e só posteriormente se conectam intimamente com a vida genital, transformando-se em voyeurismo, exibicionismo e sadismo-masoquismo (Freud, 1905/1996). Ou seja, a pulsão escópica envolve a curiosidade sexual e busca a satisfação através do olhar. Essa pulsão é descrita como a dualidade entre a atividade e a passividade, ver e ser visto, olhar e ser olhado. Além disso, há a introdução de outro sujeito para quem o sujeito se exhibe, com o propósito de ser visto e olhado, tornando o ato de olhar uma fonte de prazer.

Bataille (1957/2021) expõe que a atividade sexual é contagiosa, como um bocejo ou riso. Se a atividade sexual não se furta a visão, é capaz de excitar. A atividade sexual, mesmo que pouco visível ou simplesmente manifesta através de uma desordem das roupas, coloca facilmente a testemunha num estado de participação.

Agora, vou direcionar o foco para o prazer de olhar e o que está em jogo nas formações de fetiches ao navegar em sites de pornografia como um caminho para a satisfação da pulsão escópica.

## **1.2 *Take a BIG look: o olhar na psicanálise***

A visão é um sentido crucial, assim como os outros, estando intimamente ligada à nossa sobrevivência. A capacidade de observar o ambiente não apenas nos ajuda a sobreviver, mas também nos permite reproduzir fenômenos e ações, facilitando nosso processo de aprendizagem. Após milênios de evolução e história humana, surgem a câmera e o cinema. O audiovisual é potência ao nos permitir observar e reproduzir sistematicamente fragmentos da realidade.

Quinet (2002) na obra “Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise” pontua que foi permitido à psicanálise, com o advento do conceito de pulsão escópica, restabelecer uma função de atividade para o olho não mais apenas como fonte de visão, mas também como fonte de pulsão. A psicanálise descobriu a pulsão escópica, proposta por Freud, e o objeto olhar, proposto por Lacan, como manifestação da vida sexual.

O fenômeno do fetichismo, caracterizado pela substituição do objeto sexual por outro objeto não sexual, é de particular interesse devido às singularidades que o acompanham. Uma das formas de relacionar o fetichismo com o comportamento sexual considerado "normal" é através da supervalorização psicologicamente necessária do objeto sexual, que tende a se propagar por associação a tudo o que está relacionado a ele. Nesse sentido, é comum que haja certo grau de fetichismo presente nas experiências amorosas consideradas convencionais. No entanto, o fetichismo se torna patológico quando ocorre uma fixação excessiva e o objeto fetichizado se desvincula da pessoa que o possui, tornando-se o único objeto sexual capaz de gerar excitação. A transição do alvo sexual convencional para a perversão fetichista representa uma variação na pulsão sexual, que por sua vez pressupõe um rebaixamento na aspiração ao alvo sexual original. Em outras palavras, o sujeito busca o fetichismo como meio de satisfazer suas necessidades sexuais, abandonando o alvo sexual convencional. Este entendimento do fetichismo e suas ramificações foram delineados por Sigmund Freud em sua obra seminal de 1905, "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", cuja relevância persiste até os dias atuais.

Nas considerações de Freud em tal obra (1905/1996) sobre as fixações de alvos sexuais provisórios, é destacada a importância das sensações táteis e visuais no processo de excitação sexual. Os sentidos de proximidade, como o toque, a visão e o olfato, desempenham papéis fundamentais na percepção e interação com o mundo ao nosso redor. Eles oferecem uma sensação de intimidade e absorção no objeto de percepção, tornando a experiência sensorial mais imediata e envolvente. No entanto, é importante observar que esses sentidos de proximidade também podem contribuir para uma relação de objeto parcial, onde há uma certa separação e distância necessária entre o sujeito e o objeto para que ambos sejam percebidos como um todo.

Logo, o contato físico e a visão do objeto sexual são fontes de prazer e estimulação renovada, proporcionando uma continuidade no ciclo de excitação. Condições externas e internas que dificultam ou retardam a realização do alvo sexual podem reforçar a tendência de prolongar os atos preliminares e formar novos alvos sexuais a partir deles, os quais podem substituir os alvos sexuais convencionais. A experiência visual é particularmente significativa, uma vez que a impressão visual é o principal estímulo para despertar a excitação libidínica. É observado que a demora no alvo sexual intermediário do olhar carregado de sexualidade é

uma ocorrência comum em sujeitos normais e pode até mesmo direcionar parte da libido para objetivos artísticos mais elevados.

Um caso curioso de fetichismo apresentado por Freud (1927/1996) foi o de um jovem que transformou certo “brilho no nariz” [Glanz auf der Nase] em fetiche. A elucidação foi que o referido paciente havia sido criado na Inglaterra de depois mudou para a Alemanha, onde quase esqueceu sua língua materna. O fetiche, originário de sua infância mais remota, precisava ser entendido em inglês em vez de alemão pois o “brilho no nariz” era na realidade um “olhar para o nariz”, ou seja, glance=olhar. Portanto o nariz era o fetiche para o qual ele emprestava esse brilho especial que só ele olhava.

No entanto, o prazer derivado da visão pode se tornar perverso quando restrito exclusivamente às genitálias, ultrapassando os limites do asco ou substituindo o alvo sexual convencional. Um exemplo disso são os exibicionistas, que exibem suas genitálias para obter a visão das genitálias do outro. Tal comportamento também reflete o complexo de castração, uma vez que enfatiza a integridade do órgão genital masculino e reproduz a satisfação infantil com a ausência de pênis nos órgãos genitais femininos. Assim, enquanto o olhar pode ser perverso em sua limitação, ele continua a ser uma fonte de prazer sexual, como elucidado pela teoria freudiana.

Na obra "O Olhar e a Voz: Lições Psicanalíticas sobre o Olhar e a Voz" (1948/1999), Paul-Laurent Assoun argumenta que, para que o sujeito fale, é preciso que ele apareça, que seja visível. Contudo, essa visibilidade implica uma referência ao olhar do Outro, o sujeito é observado sem controle pelo Outro, revelando uma onipotência do Olhar. O vínculo entre a boca e o olhar suscita questionamentos diante do duplo meio de desejo do Outro, pois o visual e o acústico são dimensões da representação. Portanto, há uma dupla pertinência do sujeito inconsciente à ordem do olhar (vidente/visível) e da palavra (falante/falado). Em relação às pulsões, Assoun esclarece:

Cada “pulsão parcial” exprime, de algum modo, no plano “local”, a dualidade das pulsões de fome ou de auto-conservação, de um lado, e das pulsões sexuais, de outro. Devemos, então, esperar encontrar, de alguma maneira, no nível do órgão, este conflito em ação, porque as “pulsões parciais aderem às excitações das regiões do corpo” (p.24).

O sintoma, suspenso entre morosidade e prazer, transforma-se em objeto de deleite, permitindo ao sujeito tomar conhecimento do objeto do seu desejo pela sensação, que pode

ser a visual, revelando a duplicidade da questão sem suspender o não-sabido (Assoun, 1948/1999). A partir dessa conclusão, fica mais entendível como o corpo passa pela divisão para ter integração. Como Lacan (1949) coloca: o corpo é fragmentado por seus órgãos para encontrar a função de cada um. A conexão entre a boca e o olhar é apresentada como um vínculo complexo, gerando questionamentos sobre o dualismo no desejo do Outro. Essa dualidade também aparece nas pulsões parciais, no plano local, expressam o conflito entre as pulsões de autoconservação e as pulsões sexuais. Essas reflexões apontam para a interseção complexa entre a visibilidade, a palavra e as pulsões na construção do sujeito inconsciente e do laço social.

Freud (1910/1979) nos diz que envolto em um voyeurismo culpado que sexualiza o olhar e o faz equivalente ao toque sensual, o recalque atua não só no olhar voyeurístico, mas em toda a visão em um tipo de castigo. Em seu texto “O estranho” (1919/1996), Freud explica que os sonhos, fantasias e mitos possuem em comum a ansiedade em relação aos próprios olhos, o medo de ficar cego seria um substituto do temor de ser castrado. O auto-cegamento de Édipo foi uma forma atenuada do castigo da castração que lhe era devido por ter se deitado com sua própria mãe.

A correlação entre o cegamento e a castração é explorada no filme "Anatomia de uma queda" (2023), dirigido por Justine Triet, que recebeu o prêmio da Academia, o Oscar, de Melhor Roteiro Original em 2024, atribuído a Justine Triet e Arthur Harari. O enredo centra-se na queda fatal de Samuel, o esposo de Sandra, da janela mais elevada de sua residência, sendo encontrado morto na neve por seu filho e pelo cachorro. A música na casa, colocada pelo próprio Samuel, estava tocando num volume alto de mais e assim Sandra não escutou a queda, como ela alega. O enredo desenrola-se em torno de um processo judicial que busca determinar se o evento - um suicídio, um homicídio ou um acidente? - implica a responsabilidade de Sandra. Ao longo de duas horas e meia de projeção, são expostos publicamente os detalhes íntimos deste casamento, sejam eles relevantes para a investigação ou não. Entre estes detalhes, destaca-se um diálogo significativo entre Samuel e Sandra, no qual Samuel traz à tona as infidelidades de Sandra, enquanto esta argumenta que Samuel tornou-se sexualmente inativo após o acidente que afetou as córneas de seu filho, resultando em uma redução da visão. A associação estabelecida por Justine Triet entre a cegueira do filho e a impotência sexual do pai sugere reflexões sobre mitos antigos que abordam tal temática.



**Imagem 1 - Capa do filme “Anatomia de uma queda” de 2023.**

Por exemplo, sobre a cegueira histórica, Freud (1910/1979) nos mostra que a visão é colonizada pelo olhar do outro, que ali há operações de defesa e somatização de afetos que causam o sintoma como formação de compromisso. Pois, um sintoma serve ao propósito de satisfação sexual e, também, ao de defesa e castigo. Logo, a pulsão sexual que se utiliza do olhar atrai a ação defensiva, assim as ideias através das quais os desejos se manifestam sucumbem ao recalçamento e são impedidas de se tornarem conscientes, o eu perde o domínio sobre o olho e o órgão fica à disposição das pulsões recalçadas. O paradoxo de ver/não ver refere-se à dinâmica psíquica das históricas, onde há uma dissociação entre a percepção consciente e o conteúdo inconsciente. Na superfície, elas podem não reconhecer ou não estar cientes das questões do inconsciente. No entanto, a nível inconsciente, esses conteúdos são vividos e causam os sintomas. Assoun (1999) ressalta que esse paradoxo resulta da dissociação.

É importante trazer a cegueira histórica, ela nos ensina que o erotismo do olhar vasculha o corpo do Outro em busca do Olho, o olhar erótico surge no olho para atender a função de agarrar o objeto e assim a histórica encerra o objeto que só ela pode ver. Então, o olhar é um apoio do desejo do Outro, sempre perdido e sempre procurado, o que causa espaço para estabelecimento de laços. Como Coloca Assoun (1999), sobre o mito de Ulisse e o canto das sereias, o laço presente entre o herói e seus subordinados, ele enquanto mestre, é o

impedidor dele sucumbir ao gozo dos encantos das sereias. Ulisses precisa enfrentar a prova do gozo para poder reger o desejo dos outros, assim acontece a transgressão bem sucedida.

Atualmente, como traz o filósofo Pierre Lévy (1999), com o avanço do virtual e das tecnologias, acontece a passagem da cultura da escrita para a cultura da visibilidade, a cibercultura. A cibercultura, conforme definida pelo autor, é um conceito que abrange as transformações culturais, sociais e individuais resultantes do advento e da disseminação das tecnologias digitais, em particular a internet. A cibercultura é caracterizada por uma série de fenômenos e mudanças culturais associados à digitalização da sociedade. O autor também introduz o conceito de ciberespaço, que é o ambiente digital global formado pela interconexão de redes de computadores. Ele argumenta que o ciberespaço não é apenas uma extensão do espaço físico, mas um espaço próprio com suas próprias dinâmicas e características.

A virtualização do espaço produz um desprendimento do aqui e agora; a organização virtual não pode ser localizada no espaço e no tempo com precisão, ou seja, ocorre uma desterritorialização e destemporalização no online. Mas o que isso tem a ver com o olhar? Com a proliferação de dispositivos tecnológicos, *gadgets*, surge um cenário caracterizado pela extrema facilidade e demanda por conexão, resultando em inúmeras possibilidades de ver e ser visto - o fenômeno do exibicionismo e voyeurismo - e de vigilância, representada pelo "olho que tudo vê". Aqui, torna-se evidente que a pulsão escópica e seu prazer são utilizados pelo capitalismo como moeda de troca. Navegar no Ciberespaço, portanto, convoca o olhar e implica o prazer escópico.

Freud (1915/1996) aprofundou a teoria da escopofilia, exemplificando-a em sua primeira fase com o autoerotismo pré-genital. Posteriormente, segundo ele, o prazer visual é transferido para o outro por analogia. Esse instinto primitivo é a base erótica da objetificação de outra pessoa para satisfazer a necessidade de observação. A pulsão escópica é composta pelo desejo combinado com uma fonte, e o meio pelo qual essa fonte alcança seu objeto foi identificado por Jacques Lacan (1964/1985) como o olhar. Lacan argumenta que o exercício da pulsão escópica encontrou domínio no uso da imagem. A linguagem cinematográfica em si surge do desejo de ver e ouvir, o que Lacan classifica como pulsão invocante. O estudo lacaniano (1964/1985) ao argumentar que o ato de olhar é uma introdução do sujeito na obra, diz:

... é no fundo do meu olho que o quadro se pinta. O quadro está certamente no meu olho. Mas eu, eu estou no quadro (p. 94).

O olhar é um operador da estruturação da condição humana, como coloca Lacan (1949) em sua teoria sobre o Estádio do Espelho: o bebê que ainda não fala não possui uma imagem unificada de seu corpo, não faz a distinção entre si mesmo e o exterior, pois não tem a noção de eu e de objeto. É preciso um outro para que o próprio eu se constitua. Então, os primeiros investimentos pulsionais são os do autoerotismo, já que para haver a passagem da necessidade para o desejo, a diferenciação entre interior e exterior, eu e outro, sujeito e objeto, o bebê precisa da primeira e única discriminação entre prazer e desprazer. E tudo isso ocorre através da função do olhar, do reconhecimento do Outro.

Lacan (1964/1985) afirma que somos seres observados no espetáculo do mundo, e que a percepção não está em nós, mas sim nos objetos que apreendemos. Entretanto, percebemos o mundo em uma percepção que depende do processo de “vejo-me ver-me” (pág. 84). Existe uma relação reflexiva bipolar, pois uma vez percebida, a representação passa a pertencer ao sujeito.

Na experiência da criança surge, nos intervalos do discurso do Outro, a pergunta “Ele me diz isso, mas o que é que ele quer?”, isso evidencia que o desejo do Outro é aprendido nas faltas (Lacan, 1973, citado por Frosh, 2018). Isso também diz sobre o discurso, e não sobre o olhar, mas destaca a questão da natureza enigmática do desejo do adulto, implantado na criança como uma fonte de confusão e surpresa, isso é uma sedução que excita a criança de forma vivificante e produz a contínua pressão por interpretação e esclarecimento que todos sentem.

A partir disso, Assoun (1999) coloca como lição:

... toda sedução pelo outro é também sedução por si mesmo através do outro: donde o efeito de retorno do olhar que seduzido e sedutor são os “atores” apaixonados, tomados no mesmo quadro (p. 77).

A pulsão escópica é o que confere beleza ao objeto desejado e permite que o sujeito o alcance através dos olhos e o desnude com o olhar. O gozo escópico é o gozo dos espetáculos, mas envolve o horror, o desvelamento do objeto, já que o olhar não se vê sem apagar o sujeito pois toda pulsão é pulsão de morte. A pulsão escópica não é apoiada em uma demanda como são as pulsões oral e anal, não existe uma fase escópica no desenvolvimento libidinal uma vez

que o escopismo é componente do próprio desejo. O saber encontra força pulsional na pulsão escópica, portanto o desejo de saber é uma derivação do desejo de ver e este se articula com os obstáculos, o que é uma ação própria dos desejos.

O olhar é castrador, mas também é internalizador. O principal foco é desejar a internalização do que é visto. O olho em si é fálico e o olhar fixo equivale a uma ereção, ou seja, ser cegado é o mesmo que ser castrado. O olho, o olhar e o desejo estão ligados, o observador e observado trocam de papéis. O olhar é ativo, sai para encontrar o objeto e é penetrante, é mágico quando através dele dominamos os atributos do outro, como faz a câmera. Além disso, olhar fixamente tem a ver com a cena primária, a intimidade sexual dos pais que não pode ser vista porque nos antecede e exclui. Existe a procura dessa cena primária, envolvendo fascinação e terror diante do nascimento que isso pode levar, a que outro sujeito ela dará origem e que pode nos substituir. Ao longo desses caminhos de sexo, castração e morte, flui uma intensidade de afeto que nos infecta ao sermos olhados, o medo é ter a vida sugada sob a influência do desejo do outro (Frosh, 2018).

### **1.3 Dá um close ao norte do corpo: o olhar erótico**

Bataille (1957/2021) afirma que o erotismo é um aspecto da vida interior, apesar da busca incessante pelo objeto de desejo no exterior. No entanto, o objeto responde à interioridade do desejo e é um aspecto inapreensível que transcende o real imediato. Portanto, o erotismo do ser humano difere da sexualidade animal, uma vez que questiona a vida interior. Ao formular o erotismo como a aprovação da vida até na morte, o autor considera que

A atividade sexual de reprodução é comum aos animais sexuados e aos homens, mas, aparentemente, apenas os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica, ou seja, uma busca psicológica independente do fim natural dado na reprodução e no cuidado com os filhos (p. 35).

O autor nos aponta que a atividade sexual humana só é erótica ao deixar de ser rudimentar, ao abandonar o simplesmente animal. No entanto, a sexualidade não responde ao que é negado ao animal, mas sim ao que o animal humano tem de íntimo e incomensurável: a sua exuberância sexual. E é isso mesmo que impede que ele seja limitado a meros bois de trabalho ou a simples instrumentos.



A tentativa de fazer uma distinção precisa entre o pornográfico e o erótico é desafiadora. Dominique Maingueneau busca analisar as principais características discursivas da literatura pornográfica em seu livro "O discurso pornográfico" (2010) e, para isso, propõe separações entre os termos "pornográfico" e "erótico". A partir de sua análise, ele faz essa distinção usando os afetos como seletivos. Segundo o autor, as obras eróticas se caracterizam pela dominação dos afetos, enquanto as obras pornográficas se preocupam em organizar um conjunto de ações que culminam no orgasmo. De forma simplificada, o teórico afirma que, no pornográfico a expressão do prazer é um pano de fundo, enquanto, no erótico, as emoções são o fio condutor da narrativa.

A pornografia é como um labirinto, e ela e o erotismo acabam transitando em um terreno marcado pelas contradições, um território não determinado, uma fronteira imprecisa que carrega tensões e sobreposições (Abreu, 2012). No debate público sobre a pornografia não há questionamento sobre a sua natureza; em vez disso, busca-se determinar se seria conveniente aplicar ou não regulamentações, se a difusão profunda é prejudicial ao desenvolvimento da juventude e se contribui para a violência contra as mulheres e outros, debates que não podem ser ignorados. No entanto, é importante considerar a pornografia como um regime discursivo específico, no qual as regras carecem de entendimento (Maingueneau, 2010).

Maingueneau (2010) focaliza que o termo pornografia contém o elemento *grafia* e que, à vista disso, ela é, de maneira constitutiva, inscrição. Ela não está aquém da linguagem, mas sim é um conjunto diversificado de práticas semióticas restritas, inscritas na história e com finalidade social, distribuídas em tipos e gêneros associados a determinados suportes e modos de circulação. O erotismo ao se transformar em gênero literário fez emergir essa forma singular de representar a atividade sexual e o apogeu é a indústria pornográfica globalizada.

O termo *porné* em grego antigo denomina a prostitua. Seu derivado, "pornografia", foi cunhado no início do século XIX, e, gradualmente, a referência à prostituição foi desaparecendo. Portanto, "pornografia" passou a denotar qualquer representação obscena. É igualmente importante notar que, desde a antiguidade, a pornografia oscilava entre a pintura e a escrita. Hoje em dia, ela é uma categoria que engloba filmes, livros, imagens e outros meios. Classificar algo como pornográfico também envolve um julgamento de valor que desqualifica. Isso será explorado mais detalhadamente no capítulo dedicado à trajetória histórica da pornografia.

Já o erotismo, como visto anteriormente, de acordo com Bataille (1957/2021), nem toda atividade sexual humana é erótica; ela só o é quando deixa de ser rudimentar ao ter uma perda voluntária que passa pelo interdito-transgressão, pois o erotismo é uma experiência que não pode ser apreciada de fora como uma coisa. Já a pornografia não mascara suas tendências sexuais agressivas; as repressões e censuras são abolidas em prol de se ver, ouvir e sentir tudo, sem qualquer pacto, sendo um objeto de consumo.

Abreu (2012) vem para pensar a obscenidade a partir do conceito de hipervisibilidade. Para isso, ele sai do campo da moralidade e de uma suposta ordem para explicar o paradoxo de um excesso de exposição que leva ao vazio. O fascínio pelas imagens obscenas seria a paixão desencarnada de um olhar sem imagem por uma cena vazia na qual nada ocupa um lugar, mas o olhar está satisfeito. Então, pode-se pensar a obscenidade como uma tentativa de sedução através da demonstração de uma verdade grosseira, deixando de lado o uso sutil dos signos disponíveis. Ao reduzir-se ao se dar à vista e forçar-se a ser vista, a hipervisibilidade se comporta no âmbito de uma oferta vulgar, ingênua e sentimental que pretende ser a verdade material das coisas, sem passar pela complexidade e sutileza das apresentações.

Pensando a partir da obscenidade também, Bidaud (2023) apresenta que a pornografia faz o sexo parecer um rosto<sup>1</sup>, na modernidade da pornografia a parte do corpo é composta como um rosto. A obscenidade seria superada e “rostificada” na pornografia pelo sexo mostrado sem pelos, ou seja, afastado de sua natureza. No pornô os pelos são considerados o desvio da norma, os sexos não depilados se enquadram em um gênero específico tendo como título, por exemplo, “mulheres peludas”. Assim, a carga de obscenidade é reduzida, pois o sexo como um rosto pode ser modificado com cirurgia, maquiagem e adornos. A obscenidade pode estar presente em um texto, é algo cru que perturba emocionalmente. Bidaud conclui que o obsceno pornográfico, a partir de suas poses codificadas, vela o corpo. O processo pornográfico de criação é paradoxal.

---

<sup>1</sup> Bidaud traz “rosto” no sentido do conceito de “rostidade” proposto por Deleuze e Guattari na obra *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (1996). Os autores referem-se ao rosto como um invólucro que fala, pensa e/ou sente, o rosto aqui é associado de forma metafórica aos processos identitários. De acordo com eles, há um processo de “rostificação” que funciona como um dispositivo proveniente do cruzamento dos sistemas semióticos de significação e de subjetivação.

#### **1.4 Dá um close ao sul do corpo: o olhar pornô**

O avanço tecnológico fez com que a conectividade digital se tornasse possível e criou as relações virtuais que se dão através das telas. Essas mesmas telas - de computadores, celulares, televisores, etc. - produziram a possibilidade de a sociedade direcionar o olhar para o âmbito digital, no qual é prevalente o ver e ser visto como prerrogativa que atua através do imperativo de exibir-se, o qual toma domínio dos corpos falantes. É preciso ser visto para ser lembrado. Além da exibição, também existe a vigilância permanente que acontece através das redes sociais, câmeras, GPS, histórico de navegação e outros meios. Essa vigilância acontece para os mais diversos objetivos, sendo o propósito soberano sempre os fins de mercado. Quem lucra com essa vigilância se utiliza dos algoritmos e sabe sobre as preferências visuais, de consumo, sexuais, políticas e ideológicas da população, seus gostos por tudo: eletrônicos, viagens, livros, roupas, músicas, filmes, de todos os objetos de consumo e também, consequentemente, sobre o que se procura de modo específico no site pornô (Vieira Filho, 2023).

Nessa perspectiva, os aparelhos tecnológicos podem ser compreendidos como mediadores da comunicação onde novas possibilidades de interação são criadas. Contudo, de acordo com Berardi (2017) em sua obra “Fenomenologia do fim” (Tradução nossa), os aparelhos estabelecem modos específicos de comunicação, tudo acontece através de uma tela de textura e tamanho pré-fixados, as notificações exigem uma atenção específica que reduz a atenção ao que está ao redor. Os olhares, gestos e convocações perdem-se, a sensibilidade sofre uma mutação por meio da intermediação cada vez mais intensa dos meios digitais. Através dessas operações, os aparelhos digitais modificam a compreensão da realidade e da relação com o corpo, as pessoas cada vez mais conectadas deixam os corpos à mercê das telas. O corpo passa a ter sua diversidade de compreensão do mundo restrito, sobretudo pela digitalização do mundo. Berardi (2017) coloca o termo 'digitalização' representando a transformação da imagem, do texto e da voz em dados informatizados.

As produções pornográficas audiovisuais presentes no meio digital utilizam técnicas digitais para aproximar o espectador voyeur da cena filmada. É importante ressaltar que o “sexo virtual” retira de cena três categorias de sensações primordiais: o tato, o olfato e o paladar, restando apenas a audição e a visão. De acordo com Abreu (2012), antes da aproximação da óptica, de sublinhamento ou acentuação, o plano de close é uma entidade, um signo estático que faz tirar o corpo dele mesmo, o espírito dele mesmo e também o espaço

realista no plano do conjunto. Se a câmera intensifica o olhar e fixa um objeto, ela substitui a percepção do objeto por uma relação tátil; o assistir se transforma em um olho que toca.

Debord (1997) fala que quando o mundo real se transforma em meras imagens, as imagens simples ganham vida própria e se tornam entidades reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico. O espetáculo, através de mediações especializadas e nessa função de fazer ver o mundo que não se toca diretamente, utiliza a visão como sentido privilegiado. Além disso, a visão é o sentido mais sujeito à abstração e corresponde à abstração generalizada da sociedade atual. Portanto, a alienação e a passividade seriam marcas elementares de um sujeito submetido ao imperativo do consumo de imagens.

Portanto, a produção pornô integra as imagens e sons de prazer para construir uma situação imersiva. Na iconografia pornográfica, dois componentes são paradigmáticos: a exibição em close das genitálias em ação e a ejaculação masculina fora do orifício vaginal feito para o espectador (*money shot*<sup>2</sup>). Sem o *money shot*, não há filme pornô. Esse plano, o tiro, representa o clímax de uma ação sexual e o final da cena, devendo apresentá-lo em uma variedade de ações e narrativas (Abreu, 2012).

Além dos recursos visuais, os recursos sonoros também são empregados de modo a amparar a ilusão diegética<sup>3</sup> de um espaço-tempo imaginário e de um lugar para o corpo humano dentro dele. Os diálogos amarram o corpo à voz, os efeitos sonoros trazem solidez e dimensão espacial à representação, a música aplicada cria emoções e estabelece ritmos que complementam os movimentos dos corpos; assim, os vazios espaço-temporais criados pela edição são suavizados. Como em qualquer outra produção cinematográfica, nos filmes pornôs, a integração da tecnologia sonora vem reforçar o efeito realista das imagens e acrescentar elementos para a percepção, aumentando a possibilidade de gratificação do espectador (Abreu, 2012).

---

<sup>2</sup> O termo “arremesso de dinheiro” é usado para se referir a um clímax masculino visível. No passado, as estrelas da pornografia masculina não costumavam ejacular visivelmente na câmera. Hoje em dia, um “arremesso de dinheiro” é comum na pornografia heterossexual e homossexual e a ejaculação geralmente ocorre visivelmente no corpo de um parceiro.

<sup>3</sup> Diegética vem da palavra “diegese”, um conceito de narrativa, estudos literários, dramaturgicos e de cinema que diz respeito à dimensão da narrativa. A ilusão diegética trazida pelo autor seria essa narrativa do pornô audiovisual, que com seus aparatos sonoros e visuais, traz o espectador para a cena, o faz sentir-se integrante e participante das ações ali representadas. No contexto da análise de filmes pornográficos, a “ilusão diegética” refere-se à capacidade desses filmes de criar uma narrativa ou uma representação que envolve o espectador de tal forma que ele se sente como parte da cena ou acredita na história sendo contada, mesmo que a narrativa possa ser simples ou limitada.

De acordo com o mesmo autor, o espectador-voyeur ao escolher o pornovídeo demonstra ter alguma relação específica com esse tipo de produto. Esta mercadoria, contudo, não ocupa simplesmente um lugar entre os gêneros cinematográficos do espectador de vídeo, mas pode estar ocupando um lugar mais obscuro nessa relação vídeo-espectador - o do interdito e o da transgressão, o do voyeurismo e do fetichismo. Assistir a um pornovídeo implica colocar-se na condição de estar assistindo a exibição de algo que não deveria ser visto, então esse olhar intruso pode ser tomado como o de um voyeur no sentido primário do termo - o de uma perversão.

Ao considerar o papel do espectador-voyeur na análise da pornografia, é essencial reconhecer a dinâmica ativa dessa relação. Como salienta Freud, em uma das referências principais "Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade" (1905/1996), a pulsão é sempre ativa ao se destinar a um objetivo, aos seus diferentes destinos. Assim, podemos reconhecer que a visualização de pornografia não é necessariamente uma passividade.

Inclusive, contrariamente à percepção comum de que a visualização de pornografia representa uma atividade passiva, é mais apropriado entendê-la como uma manifestação dos desejos do espectador. Ao optar por consumir pornografia, o espectador se envolve ativamente no ato voyeurístico, buscando satisfazer seus desejos sexuais por meio da observação do conteúdo erótico. Por exemplo, durante uma análise do site YouPorn, foi observado que vídeos que incorporam o elemento voyeurismo, nos quais o espectador já está inserido na cena, geralmente apresentam menos engajamento em comparação com outros tipos de vídeos. Essa falta de engajamento nessa categoria específica sugere uma ausência de interesse por assumir o papel de observador dentro da cena, ou seja, o "voyeur do voyeur". O fenômeno observado de menor engajamento em vídeos que incorporam o elemento voyeurismo direto também pode indicar que os espectadores preferem manter uma certa distância da ação, evitando a identificação completa com o papel de observador na cena. Esse fenômeno evidencia a complexidade das preferências e motivações dos espectadores de pornografia.

A pornografia não se enquadra de maneira convencional entre os gêneros cinematográficos, e o sexo pornográfico também não busca se distinguir do que é denominado "sexo doméstico" no imaginário social. Ao refletir sobre esse tema, Bidaud (2023) afirma que a pornografia é um espaço indefinido devido às suas muitas definições; é uma abstração que persiste na pornografia e em seus usos da imagem. O que existe são as diversas maneiras de

nos defrontarmos com a pornografia, a relação individual que estabelecemos com ela, permeada pelo segredo, desde a repulsa até a paixão, pela cultura íntima e pela relação com o indecente, que, como destaca o autor, Freud considerava um componente da sexualidade. Bidaud também enfatiza que não compete à psicanálise contribuir com uma definição adicional da pornografia, mas sim começar do ponto comum entre todas as definições: a pornografia busca estimular a excitação sexual por meio de um produto projetado com esse propósito.

A indústria pornográfica tem a intenção de apresentar um sexo "voraz" que desafia o roteiro "convencional" por meio da espetacularização das práticas sexuais. Afinal, a pornografia é um produto intrinsecamente relacionado à monetização, transforma o sexo em produto de consumo. No entanto, a produção pornográfica vai além do aspecto financeiro e impõe dinâmicas nas relações entre os sujeitos. O capitalismo não se limita mais à exploração da força de trabalho, mas agora também envolve a exploração do sujeito como consumidor.

Com o foco na contínua evolução tecnológica e reconhecendo a importância da sexualidade não apenas para o desenvolvimento subjetivo, mas também para as modalidades de controle social, a pornografia emerge como um objeto de destaque.

Retomando Freud, em sua obra "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (1905/1996), nas perversões que são dirigidas no sentido do olhar e ser olhado, encontra-se uma característica notável: o objeto sexual ocorre sob duas formas, uma ativa e outra passiva. Portanto, na perversão em que o sujeito se empenha em olhar e ser olhado, a meta sexual aparece em configuração dupla: em forma ativa e passiva, o par contrastante. Quando falamos de atividade e passividade (características gerais da vida sexual), podemos mencionar o sadismo e o masoquismo, a mais frequente e significativa das perversões, a inclinação a infligir dor ao objeto sexual e sua contrapartida.

E de acordo com o trabalho de Abreu (2012), o voyeurismo e o exibicionismo específicos são dois elementos de um mesmo impulso que tende a erotizar o olhar. Este tipo de perversão comporta um início de punição, já que o sujeito, escondendo-se, se coloca na posição de censurado, e através desse ato exclui-se da cena da qual deveria participar. O requinte pode ser grande e torna o espetáculo ainda mais proibido. Logo, o pornovídeo parece ter como proposta a exibição das perversões privilegiando o par contrastado - exibicionismo e voyeurismo - e, desse modo, cria uma cumplicidade entre produto e consumidor. O objeto que

é exibido nesse produto mantém uma distância necessária do observador, o que é essencial ao voyeurismo.

O significativo, no audiovisual pornô, é redobradamente imaginário, já que o objeto exibicionista trabalha para compensar sua ausência e produzir uma ilusão compensatória, a promessa de uma fantasia - uma satisfação vicária - para a gratificação do desejo. Como esta nunca ocorre plenamente, renova-se a necessidade de busca de gratificação, na tentativa de preencher o vazio entre o enredo representado e a fantasia evocada. O desencontro desempenha um papel particularmente importante na pornografia, pois é mais agudamente experimentado (Abreu, 2012).

As representações pornográficas parecem proliferar e circular com base na institucionalização social desse processo de perda, na parte da separação. A instituição é estruturada no duplo processo de separação que envolve a diferença entre a fantasia evocada e a representação da fantasia sexual, necessariamente localizada e socializada, e o vazio entre o espectador e a representação. Essas características da produção pornográfica garantem que a representação de nenhuma fantasia satisfaça o desejo, pois o desejo é constantemente renovado por novas representações. Vale lembrar que o voyeur não está apenas interessado em observar, mas em obter seu próprio prazer. Nesse sentido, o espectador não busca apenas uma imagem para possuir e devorar, mas uma imagem de prazer. Portanto, os vídeos pornográficos representam objetos de prazer, um suporte, uma vez que o verdadeiro objeto de prazer é o prazer do sujeito, a sua própria excitação (Abreu, 2012).

## **CAPÍTULO II - A PORNOGRAFIA: ALGUNS DESDOBRAMENTOS HISTÓRICOS E ATUAIS**

### **2.1 A (in)discreta história da pornografia**

Ao adotar uma perspectiva interacional em relação ao uso de *gadgets* para examinar o excessivo consumo de pornografia audiovisual online, neste capítulo apresento uma breve trajetória sócio-histórica para observar as mudanças no pornô veiculado pelas mídias comunicacionais. Primeiro, radicalizo a pornografia em seus males, para depois acolhê-la e enxergar os potenciais criativos para a sexualidade.

Thompson (2008), em seu ensaio "A Nova Visibilidade", utiliza o exemplo dos escândalos políticos para ilustrar aspectos dessa nova visibilidade instaurada pelo desenvolvimento das mídias comunicacionais. O surgimento dessa nova visibilidade está relacionado às formas atuais de ação e interação proporcionadas pela evolução da mídia, que evoluiu da forma escrita (como cartas e panfletos) para a forma audiovisual presente na internet.

Atualmente, a interação é altamente mediada, o que amplia e comprime a interação em termos espaciais e temporais. Isso significa que, na interação mediada, os contextos dos emissores e receptores podem estar separados no espaço, no tempo ou ocorrer simultaneamente. Isso difere significativamente da interação face a face, que é uma forma fundamental de interação, pressupondo um contexto de copresença, diálogo bidirecional e multiplicidade de gestos simbólicos, incluindo gestos, expressões, palavras, cheiros e toques. Portanto, as várias mudanças trazidas pela evolução da tecnologia influenciam a natureza da interação no século XXI, que agora é moldada por diversas características espaciais e temporais, bem como pela diversidade das características do meio utilizado (Thompson, 2008).

O mesmo autor ressalta que, apesar dos benefícios, a interação mediada envolve uma redução nas referências simbólicas, uma vez que os participantes não têm acesso a elas da mesma forma que em uma situação face a face. Por exemplo, existe a interação mediada na produção e recepção de materiais como livros, jornais, rádio, programas de televisão, filmes, séries, etc. O autor chama esse fenômeno de "quase-interação mediada". Nesse contexto, as formas simbólicas são produzidas para um número indefinido de receptores, ou seja, para potenciais consumidores, e qualquer pessoa que tenha os meios para recebê-las. A comunicação é monológica, pois o fluxo segue em uma única direção, sem retorno. A quase-interação mediada cria relacionamentos interpessoais à distância e não recíprocos.

Assim, as pessoas estão cada vez mais capazes de obter informações e conteúdo simbólico sem a necessidade de transmissão direta de pessoa para pessoa, expandindo o acesso ao conhecimento (Thompson, 2008). A sexualidade sempre gerou curiosidade, representando um conhecimento velado que se torna mais acessível devido às evoluções na pornografia. No entanto, vale ressaltar que as produções pornográficas não representam fielmente as relações sexuais reais.



Com o horizonte voltado para o contínuo avanço tecnológico e reconhecendo a importância da sexualidade não apenas no desenvolvimento subjetivo, mas também nas modalidades de controle social, a pornografia se destaca como um objeto de interesse privilegiado e complexo. Como discutido anteriormente, a negação da sexualidade é destinada ao fracasso, dada a diversidade e complexidade da sexualidade humana, que é justamente o que nos caracteriza como seres humanos. Na vasta história da expressão sexual, a filosofia, a arte, a ciência, a religião e todas as áreas do conhecimento contribuíram para a censura, negação e repressão do corpo em sua dimensão sexual. Portanto, ao longo da história intelectual do Ocidente, surgiram ideias que tentaram configurar a carnalidade humana de várias maneiras.

A pesquisa histórica não nega o aspecto fundamental dessa questão. Como Leite (2016) expõe, no século XIX, nas ruínas de Pompeia, arqueólogos descobriram diversos objetos e imagens de natureza sexual que até então eram considerados impróprios para circulação na sociedade. Esses artefatos foram destinados ao Museu de Nápoles, mas foram mantidos fora do alcance de crianças e de pessoas pouco instruídas. O setor encarregado de guardar esses objetos foi inicialmente chamado de "gabinete de objetos obscenos" (p. 101-102), posteriormente renomeado para "gabinete de objetos reservados" (p. 102). Em 1860, por influência de Alexandre Dumas, o conjunto foi nomeado como "coleção pornográfica" (p. 102), utilizando uma expressão originada do termo "pornographia", cujo significado se referia aos escritos sobre prostitutas. Aqui, surgiram duas novas palavras: "pornográfica" e "pornografia", ambas derivadas do grego, com o objetivo de criar uma barreira linguística que limitasse o acesso a essas produções e afastasse a evocação explícita da obscenidade, bem como a curiosidade associada a um suposto segredo.

Diante disso, torna-se compreensível que, apesar de ter tido origem no meio acadêmico, a palavra "pornografia" tenha se deslocado de sua origem e adquirido uma vida própria no senso comum. Desde o início, ela atraiu o interesse das pessoas, embora de maneira velada, e se difundiu no senso comum, sendo cultivada principalmente pelo comércio. Ou seja, a pornografia se estabeleceu, e essa característica predominante continua até hoje, com foco em um mercado específico e lucrativo. Seguindo a lógica da espetacularização, esse tipo de material busca estimular as sensações físicas por meio de um produto sensacionalista (Leite, 2016).

Assim, a representação da sexualidade na forma que conhecemos como pornografia nasce sob o viés da cultura e entretenimento de massas, não se configurando como um tipo de obra cultural específica. De acordo com Leite (2016), a pornografia representa uma forma de ordenação conceitual, uma maneira de organizar e selecionar as produções culturais relacionadas a determinadas representações da sexualidade. Consequentemente, ela está intrinsecamente ligada às ideias e momentos históricos que a moldaram e continuam a influenciá-la. Maingueneau (2010), em sua obra “O discurso pornográfico”, destaca que ao examinarmos o surgimento e a evolução da literatura pornográfica, é necessário levar em consideração o interdiscurso da época em que essa literatura é produzida, uma vez que ela não evolui de forma isolada, mas se apoia em outros discursos (como os religiosos, científicos, jurídicos, éticos, etc.) que, aparentemente, estão alheios a ela. Portanto, o discurso pornográfico não pode ser uniforme em sociedades com diferentes abordagens em relação à sexualidade, como aquelas em que a prática da confissão é comum em comparação com aquelas onde os sexólogos são amplamente consultados, uma vez que o contato com a sexualidade varia consideravelmente em diferentes contextos da realidade.

A literatura pornográfica teve seu início no âmbito do livro impresso e da clandestinidade, duas características incomuns nos dias de hoje. A tipografia desempenhou um papel fundamental na emancipação do conteúdo pornográfico, uma vez que a palavra escrita permitiu a abstração do enunciado da interação entre interlocutores, concentrando-se na relação comunicativa entre enunciado e leitor. Isso se tornou uma condição essencial para a apropriação individual do texto, tornando o literário revolucionário ao criar um espaço que o leitor podia dominar e recuperar, possibilitando uma apropriação solitária (Maingueneau, 2010).

No início do século XVI, foram criadas condições para a produção de textos com a única finalidade de provocar o prazer sexual de forma explícita, representando uma mudança sem precedentes que proporcionou o acesso a uma sexualidade mais explícita, embora ainda restrita. Esses livros eram encontrados de forma furtiva, com apenas uma pequena parcela da população tendo acesso a eles e eram frequentemente ocultados em esconderijos dentro das casas, como nos informa Maingueneau (2010).

No entanto, o material impresso tinha limitações de produção e, consequentemente, de consumo pornográfico, o que não era do interesse do mercado. Então esse movimento, que

posteriormente se transformou em vídeos, migrou para as sessões domésticas por meio do VHS por exemplo, onde um ou mais espectadores, como um casal, o consumiam de forma discreta e privada. Conforme apontado por Vieira Filho (2023), a concorrência na indústria pornográfica aumenta exponencialmente a cada dia, com milhares de plataformas focadas em pornografia buscando estratégias de exibição que alcancem altas métricas de consumo e comercialização para se manterem lucrativas como negócios. Isso significa que a pornografia está constantemente se adaptando e moldando em sua construção como uma indústria.

Em “O olhar pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo” (Abreu, 2012), é apresentada uma análise abrangente da evolução da representação cinematográfica da sexualidade, um processo inserido no âmbito da comunicação, da indústria cultural e da história social. Embora o livro de Abreu tenha sido lançado em 1996, a segunda edição de 2012 aborda as mudanças significativas no universo da pornografia em movimento ao longo desses anos. Durante esse período, a internet se disseminou e se tornou parte dos lares em todo o mundo, tornando-se quase universal e democrática em sua popularização. Com os desdobramentos desse processo, a pornografia visual *hardcore* passou a fazer parte dos ambientes domésticos, onde antes o público tinha acesso mais limitado por meio de mídias como VHS. Hoje, os consumidores podem acessar esse conteúdo a qualquer momento e em qualquer lugar. O posfácio da segunda edição de Abreu aborda o fenômeno do *cyberporn* consumido por uma audiência solitária e interativa.

Abreu (2012) descreve esse fenômeno como "domesticação do obsceno". Com a ascensão da internet, os vídeos passaram a ser direcionados aos espectadores individuais, que os assistem de forma solitária por meio de seus computadores, notebooks ou celulares. Surgiu assim um novo tipo de consumidor: o espectador solitário, inserido em uma coletividade em rede. A coletividade é uma característica dos sites, que informam ao consumidor quantos outros usuários já visualizaram o vídeo e, por meio de um espaço de comentários, possibilitam a expressão de opiniões sobre o conteúdo, a criação de diálogos e a oportunidade de votar na qualidade do material, bem como de compartilhá-lo com contatos pessoais.

Essa forma de interatividade, descrita pelo mesmo autor, implica uma polaridade entre solidão e compartilhamento como uma maneira contemporânea de se relacionar com o mundo, definindo a condição do sujeito. Assim, os espectadores fazem parte de um espaço cibernético compartilhado, onde a narrativa pornográfica é diluída por meio da oferta massiva

de obras obscenas. Vieira Filho (2023) caracteriza as plataformas online como infraestruturas que coevoluem em fluxo contínuo nas relações entre usuários e serviços, tornando-se parte integrante do cotidiano e influenciando a partir de estratégias de marketing o processo comunicacional desenvolvido no ambiente online, que se estende para o contexto social.

O segmento pornográfico se destaca no espaço online em termos quantitativos de alcance de público e circulação de dados. Diante da constante atualização, as formas de execução, exibição e compartilhamento assumem contornos diferentes. Há uma ampliação das interações por meio da apropriação desses espaços pornográficos. Além das plataformas, que integram os usuários por meio de produtos e serviços, elas ultrapassam a quarta parede e se misturam entre o público e o privado. O sujeito aqui assume centralidade, seu acesso o incorpora ao serviço com outros usuários, enquanto o individualiza por meio de sugestões de conteúdos publicitários que seguem seus interesses de navegação. As *tags*, que são meios de categorização das produções em palavras-chave, permitem que o tráfego ocorra entre uma categoria e outra, atravessando inúmeras combinações. Ao assistir aos vídeos, o usuário deixa rastros, e as informações são retidas pelas plataformas e convertidas em mercadoria (Vieira Filho, 2023).

O caminho percorrido pelos algoritmos resulta em uma sexualidade controlada. A indústria oferece uma diversidade aparente, com milhares de opções, mas dentro das inúmeras alternativas, há padronização, uma produção coletiva do desejo. O sujeito não consegue escapar das cópias criadas a partir do histórico de navegação, onde os algoritmos se acasalam.

Leite (2016) argumenta que o termo pornografia se consolidou como uma ideia imprecisa, difusa no senso comum e alimentada pela indústria de entretenimento. Justamente por ser uma concepção difusa, sustenta-se através da imprecisão conceitual, e o mercado pornô cria suas centenas de subclassificações utilizando-se dessa fluidez. Como resultado, o termo pornografia desenvolve um caráter desqualificante e pejorativo, uma vez que passa a ser vista como tendo a intenção de violar tabus morais e sociais. Assim, o termo começa a ser usado em diversos discursos para nomear certas representações da sexualidade que vão contra os valores estéticos e morais. A palavra pornografia passa a representar o que é socialmente desqualificado, vulgar e/ou perigoso, sendo sempre algo ilegítimo e passível de repressão legal ou simbólica. Por fim, o usuário sente que está transgredindo ao entrar nas plataformas e fazer a escolha de um fetiche “demonizado”.

Com isso, hoje em dia, a pornografia não é apenas um termo valorativo ou um tipo específico de representação da sexualidade; também é uma classificação mercadológica neoliberal. O neoliberalismo se alimenta de imprecisões classificatórias ao operar em sua rede. Aqui, podemos pensar literalmente em uma rede com furos, mas que tenta capturar tudo o que for possível ao ser lançada.

Conforme Foucault (1976/1998), a pornografia irrompe juntamente com o progresso da ciência sexual e o colonialismo do século XIX. Os três discursos, apesar de suas distinções, estão profundamente interligados. Esses dois progressos que acompanham a evolução da pornografia estão presentes hoje no labirinto classificatório como característica essencial do *ciberporn*. Esse fator ajuda na conservação de um elemento imaginário medular do universo pornô: a exotização do Outro (Leite, 2016). O desejo colonizado é uma verdade fabricada e dada.

Abreu (2012) justifica que a globalização traz ao conhecimento do ser humano uma variedade de etnias, quase sempre desvinculadas das culturas, que podem conter, para o olhar ocidental, propriedades excitantes. Assim, nos sites, aparecem subclassificações de mulheres por suas etnias. É uma problemática reduzir os grupos do mundo em representações caricaturais. A caricaturização étnica emerge como uma estratégia de controle sobre os povos colonizados, perpetuando, assim, a dominação. Exemplos incluem a representação das mulheres negras como lascivas e dos homens negros como dotados de órgãos sexuais avantajados, além da associação das mulheres do Extremo Oriente, como japonesas, chinesas ou coreanas, a uma imagem de adolescência eterna. Essas narrativas, originalmente exploradas pelo racismo científico do século XIX, ressurgem na pornografia contemporânea da indústria cultural do século XXI.

Conforme apontado por Williams (1999), citada por Dorlin (2008/2021), o enquadramento pornográfico emerge como uma técnica distintiva dentro da indústria pornográfica, caracterizada pela fragmentação dos corpos. Destaca-se, em primeiro plano, a representação dos órgãos genitais, os quais frequentemente se assemelham às percepções científicas dessas estruturas, evidenciando assim uma vontade de saber. Dorlin (2008/2021) argumenta que neste contexto são aplicadas técnicas de enquadramento derivadas da antropometria moderna, adaptadas especificamente para os órgãos genitais, visando a produção de estereótipos.

... enquanto todo pênis é necessariamente desproporcional, os órgãos genitais femininos - assim como as características secundárias, como os seios - são estereotipados em classes de mulheres ( loira / morena, branca / negra-asiática..., certinha / atrevida, frígida / quente-ninfomaníaca etc.) (p. 80).

Dorlin (2008/2021) ressalta que o sujeito colonial é um sujeito de fascinação sexual e racial. Os corpos estereotipados, por exemplo nos cartões-postais distribuídos aos soldados do Exército francês na África ou na Ásia durante a expansão colonial, são os únicos nus apresentados em contextos familiares e com inocência aparente, mesmo sendo erotizados pelo olhar científico (Os estereótipos fotográficos antropológicos e etnográficos são inclusive um gênero de ilustração científica). Essa discussão aponta para a complexidade das representações coloniais e como elas podem perpetuar estereótipos prejudiciais e reforçar desigualdades de poder.

A exotização e erotização são, simbolicamente, formas de expressar os processos de dominação econômica e cultural nas relações cotidianas. O colonialismo com sua lógica de dominação saturou de signos eróticos os habitantes das terras exploradas. Por consequência, na tradição moderna ocidental, o erótico carrega os traços históricos insistentes que dão sentido aos encontros sexuais atuais. O prazer de sentir o diverso, o autêntico, não é desligado das experiências coloniais e mitos sobre o não europeu como conhecimento que parte de um olhar hegemônico sobre a periferia, ou seja, é prazer permeado por relações de poder já que a ideia do exótico é intrínseca do processo de dominação e domesticação do que é distinto. A variedade aparece como um aspecto que instiga o desejo e aquece o mercado (Pelúcio, 2010). Inclusive, isso fica explícito em subcategorias encontradas no site YouPorn, são algumas: arab, asian, ebony, japanese, latina, indian e interracial.

Dufour (2013) traz que o personagem da *pin-up*<sup>4</sup>, criado no início da crise de 1929 pelos desenhistas americanos George Petty e Alberto Vargas, possibilita um espaço pornográfico *soft*. A *pin-up* revela-se capaz de erotizar qualquer objeto manufaturado com o objetivo de vender à massa através da exploração industrial da energia pulsional. Assim, o mercado transforma-se num pornógrafo, acompanhando cada objeto - cerveja, ferramentas do operário, eletrodomésticos, carros, cigarros, charutos, etc - há uma *pin-up*. Quando máquinas e ferramentas industriais são acopladas ao corpo feminino, ele transforma-se em corpo produtivo e gozoso.

---

<sup>4</sup> Se refere a uma mulher voluptuosa retratada em material gráfico, cujas imagens sensuais acompanhavam calendários, cartazes e catálogos de produtos.

O mesmo autor expõe que a *pin-up* traz consigo suas derivações horizontais e verticais: as diversas artistas apresentadas nas revistas, atrizes hollywoodianas, *pom-pom girls*<sup>5</sup>, *bishôj*<sup>6</sup>, bonecas sexuais e a estrela pornô. Mas, enquanto a *pin-up* vende um objeto qualquer, erotizando-o, a estrela pornô vende a si mesma em algum ato sexual. Essa transição da *pin-up* para a estrela pornô também representa a passagem do pornô *soft* para o *hard*.

E é esse mesmo corpo, transformado e visto como exótico, que a pornografia espetaculariza. A especificação precisa manter o caráter de estranheza por meio do embaralhamento das concepções corporais, científicas, nativas e mercadológicas. Talvez transformar as diversas etnias do mundo em vídeos caricaturais obscenos, oferecidos em formato de cardápio, seja uma maneira de evitar o interesse pelas culturas, de realmente conhecer as particularidades dos povos e, assim, colocar - manter - os outsiders do padrão europeu em um lugar apenas de exploração nas suas diversas modalidades. A pornografia é um mercado - uma indústria transnacional - que cria constantemente subdivisões, sobretudo no espaço cibernético, o que permite alcançar qualquer pessoa em qualquer parte do planeta.

## 2.2 Subversão: a proposta da pós-pornografia

Em contraste com o tipo de pornografia "tradicional" disseminada de forma mais ampla, surgiram outros movimentos de representação sexual, como a pornografia feminista, a queer e a pós-pornografia. Esses movimentos buscam representar corpos e práticas sexuais que escapam à forma heteronormativa, questionando também as perspectivas centradas na branquitude. Eles denunciam e propõem alternativas à pornografia hegemônica, que é vista como produto do capitalismo, colonialismo, heteropatriarcado e outras formas de opressão que afetam os corpos.

O feminismo, conforme Dorlin (2008/2021) esclarece, propõe uma política de subversão inspirada no pensamento foucaultiano, que argumenta que não há um local externo ao poder; o que podemos fazer é resistir a ele. As práticas de resistência, encapsuladas no

---

<sup>5</sup> Líder de torcida que geralmente faz parte de um grupo de apoio em eventos esportivos, normalmente em jogos de equipes esportivas como futebol americano, basquete, futebol e outros.. Desempenham a realização de coreografias, o incentivo da torcida e a demonstração de diversão para motivar os espectadores e apoiar a equipe. Usam uniformes coloridos que exibem o logotipo da equipe esportiva que estão representando e pompons nas mãos.

<sup>6</sup> É um termo japonês usado para referir-se a um tipo de personagem, garotas jovens e bonitas, com aspectos corporais sensuais exagerados, geralmente abaixo da idade universitária, vistas em quase todos os gêneros de anime e mangá, inclusive os pornôis.

conceito queer, não buscam abolir o sexo, mas sim as normativas políticas que derivam dele, contestando o sistema dominante que se apoia no dimorfismo, no causalismo e no heterossexismo. Dessa forma, a ideia é que o corpo é moldado por políticas estratégicas que buscam limitá-lo e constituí-lo com base em marcadores sexuais. Portanto, o corpo é um produto de uma relação de poder que reforça a heterossexualidade compulsória, na qual a repetição discursiva exerce influência sobre o corpo.

Assim, a subversão busca seguir o caminho da performatividade, tal como a dominação. Existem três principais culturas que cristalizam o debate sobre a subversão: as questões relacionadas às identidades e sexualidades lésbicas, as políticas transexuais e transgênero, e a pornografia conhecida como pós-pornô (Dorlin, 2008/2021), sendo esta última de interesse para a presente discussão.

As opiniões dentro do feminismo sobre a pornografia podem variar consideravelmente, já que o movimento feminista é diverso e multifacetado. O ponto de vista das feministas antipornografia tende a se concentrar nas formas como a pornografia pode perpetuar e normalizar representações misóginas e violentas das mulheres. Elas também estão preocupadas com a exploração das mulheres na indústria pornográfica, argumentando que muitas vezes as mulheres são coagidas ou exploradas de várias maneiras para participarem da produção de pornografia (Gregori, 2016).

No entanto, é essencial reconhecer que as visões sobre pornografia no feminismo não são monolíticas, com correntes diversas apresentando posicionamentos variados em relação a essa questão. Por exemplo, dentro do feminismo pró-sexo ou *sex-positive feminism*, algumas correntes adotam uma postura favorável à pornografia, defendendo a autonomia das mulheres para escolherem participar dela de forma consensual. Elas argumentam que a pornografia pode potencialmente servir como uma expressão positiva da sexualidade e empoderamento feminino, desde que seja produzida e consumida de maneira ética, sem exploração. Outras perspectivas dentro desse movimento veem a pornografia como um meio de explorar o prazer e as possibilidades eróticas, destacando seu potencial para desnaturalizar a visão da sexualidade como exclusivamente voltada para a reprodução.

As feministas pró-sexo têm uma perspectiva diferente em relação à pornografia em comparação com as feministas antipornografia. Elas argumentam que o banimento da pornografia pode resultar em uma maior regulamentação estatal sobre a sexualidade e a



expressão sexual, o que poderia restringir ainda mais a liberdade das mulheres e outras minorias sexuais. Essas feministas defendem que políticas de proibição podem aumentar os riscos e a vulnerabilidade das pessoas envolvidas na indústria do sexo, ao invés de protegê-las. Elas defendem a liberdade sexual, o direito das mulheres de fazerem escolhas autônomas sobre sua sexualidade e o acesso ao prazer sexual como aspectos importantes da emancipação feminina, reconhecendo a pornografia como uma forma de prática de resistência (Gregori, 2016).

Um exemplo de pós-pornografia pode ser encontrado na série documental “Hot Girls Wanted: Turned on” de 2017 produzida plataforma de streaming Netflix. No primeiro episódio, Erika Lust, uma cientista política, diante do seu incômodo gerado pela falta de representação do prazer feminino na pornografia já que as mulheres nos filmes pornográficos só estão lá para dar prazer aos homens, cria sua própria produtora, a Lust Films, com o objetivo de criar uma visão mais séria e feminista na indústria pornográfica. Erika Lust defende a ideia de que a participação feminina desempenha um papel fundamental na transformação do mercado. Através do assumir de novas funções, desta vez nos bastidores como diretoras e roteiristas, as mulheres passam a ter voz ativa na definição de como desejam ser representadas.

Um dos temas mais discutidos por Lust durante o documentário é o papel do gênero na vida das pessoas. Ela argumenta que seria simplista pensar que o impacto da pornografia se limita à esfera da masturbação, ou que sua importância é insignificante quando consideramos que a maioria da população consome esse tipo de conteúdo, seja por meio de vídeos ou outras formas de mídia. Lust enfatiza que a pornografia está intrinsecamente integrada à sociedade, da mesma forma que filmes e músicas, e a falta de uma discussão aberta sobre o assunto representa um retrocesso social que tem repercussões diretas na vida cotidiana das pessoas. Essa visão destaca a necessidade de um diálogo aberto e esclarecido sobre os efeitos da pornografia na cultura e nas interações humanas, visando uma compreensão mais ampla de suas implicações sociais.



**Imagem 2 - Capa e descrição do 1º episódio da série documental “Hot Girls Wanted: Turned On” (2017).**

Contudo, ao longo do episódio, apesar da proposta de Lust, observa-se que o trabalho da cineasta é atravessado por mecanismos capitalistas que exercem um impacto significativo nos bastidores da produção. A atriz do filme de Lust, retratada no documentário, era uma fã que se voluntariou para participar da obra, enquanto o ator era proveniente do ramo pornográfico tradicional. Esse descompasso entre os dois protagonistas é evidente, com o ator habituado a performances exageradas e a atriz vivenciando essa experiência pela primeira vez. Em determinado momento, a atriz chega a passar mal e precisa de um tempo para se recuperar, o que suscita preocupações de Lust em relação aos custos financeiros da produção, considerando que o local e os profissionais envolvidos eram remunerados por hora. A preocupação de Lust com os custos financeiros da produção, especialmente diante do imprevisto com a atriz, ressalta as pressões econômicas presentes na indústria do entretenimento, que muitas vezes podem influenciar as decisões criativas e os resultados finais das obras.

A série apresenta uma variedade de relatos, predominantemente de mulheres, que compartilham suas experiências no universo da pornografia, especialmente em um contexto em que a internet desempenha um papel central ao aumentar a exposição e facilitar a

divulgação de conteúdo adulto. Esses depoimentos contribuem para a construção de um panorama que explora o impacto do sexo e da tecnologia na vida das pessoas, e como esses elementos têm influenciado as dinâmicas dos relacionamentos interpessoais. Em última análise, ao fornecer um espaço para uma gama diversificada de relatos, a série oferece *insights* valiosos sobre as maneiras pelas quais a pornografia online está moldando a experiência humana e influenciando a forma como as pessoas se relacionam e interagem em um mundo cada vez mais digitalizado.



**Imagem 3 - Capa da série documental “Hot Girls Wanted: Turned On” (2017).**

### 2.3 Escondido é mais gostoso

Abreu (2012) menciona que na literatura sobre erotismo e pornografia, um conceito aparece recorrentemente em diversos autores: o segredo. O erótico e o pornográfico são vistos como uma revelação de algo que não deveria ser exposto, envolvendo um mistério que proporciona prazer quando desvendado. Afinal, o erótico e o pornográfico dizem respeito à sexualidade e às proibições sociais, manifestando-se por meio da transgressão, são interesses que triunfam sobre as restrições. Nesse sentido, muitas pessoas se excitam eroticamente quando uma fantasia contém o elemento de risco.

O autor também ressalta que o erótico e o pornográfico possuem uma fronteira imprecisa; um e outro são manifestações do intolerável, habitam um território socialmente balizado que suscita sentimentos contraditórios, como hostilidade, curiosidade, desgosto, idolatria e outros. Aqui, entre o erótico e o pornográfico, é fundamental entender o conceito de obsceno, que é uma corruptela do vocabulário “cena” e possui como significado literal “fora de cena”, ou seja, aquilo que não pode se apresentar na vida cotidiana. A obscenidade é apresentar o que deveria estar fora de cena, é transgredir.

A pornografia desvela o que é privado, não apenas o sexo, mas também momentos íntimos, como a nudez ao trocar de roupa, o ato de admirar-se em frente ao espelho, o flerte secreto de amantes e até mesmo alguém que espia pela janela uma rotina dos vizinhos, e esse desvelamento pode causar excitação sexual. Maingueneau (2010), sobre a escrita pornográfica, destaca duas condições mínimas que devem ser reunidas. São elas: a necessidade do texto restituir a configuração da cena, ou seja, o leitor precisa conseguir visualizar com exatidão a operação sexual dos atores, e o texto deve trazer a consciência dos personagens carregados de afetos eufóricos. Essas duas condições não precisam estar reunidas, uma pode estar presente sem a outra. No entanto, diante dessas condições, a pornografia traz consigo uma utopia, porque o sentimento de transparência que ela proporciona aos seus consumidores é resultado de um trabalho montado de forma minuciosa.

Neste trabalho minucioso da literatura pornográfica, é necessário um narrador que se distancie para relatar as operações, fornecendo elementos para que o leitor monte a cena, ao mesmo tempo em que encontre soluções que reduzam ao máximo a distância entre o leitor e a cena. Toda a operação descrita é fornecida por uma subjetividade desejada, o que é exposto é

aquilo que é desejado pelo ator/voyeur/narrador. Diante disso, o leitor não pode ignorar que a cena expressa os desejos de um agente todo-poderoso, uma perspectiva esquematicamente montada à qual ele é obrigado a adotar. Para satisfazer essas características do dispositivo pornográfico, o narrador muitas vezes assume o papel de voyeur, e é esse mesmo lugar que o leitor ocupa (Mainguenau, 2010).

Da mesma forma, na pornografia audiovisual, o consumidor sempre está em posição de voyeur. O consumidor não é um personagem do roteiro, mas sim um observador que participa da violação do segredo. O material pornográfico e o consumidor são cúmplices. Pode-se pensar em um contrato, que, ao contrário do cunho intelectual presente nos livros, envolve o produtor, o material e o consumidor.

No século XVII, o termo "libertino" se referia a um indivíduo livre de inibições e amarras sociais no âmbito das ideias e dos costumes. O sexo foi considerado um estímulo à inteligência. No entanto, no século XIX, a palavra passou a adquirir o sentido de um comportamento fora do padrão, reprovável, e "libertino" tornou-se aquele que era irresponsável, que gostava de sexo a ponto de ultrapassar as normas sociais e legais para obter-lo. A libertinagem passou a ser vista nas colunas policiais como um crime, mas mantinha uma conotação ambígua que exalava o charme do libertino como um bandido e sedutor audacioso (Mendes, 2016).

O próprio Marquês de Sade pode ser lido como libertino, mas também como pornógrafo. Suas obras subvertem a ideia do prazer burguês associado a posições passivas/ativas bem demarcadas, como as mulheres sendo vistas de forma inerte e os homens de forma potente, o corpo como puro e intocável, e o sexo visto apenas como fins reprodutivos devido à influência da moral cristã. Há um aspecto transgressivo em Sade, suas obras desvelam a privacidade e mostram o que acontece no sexo.

No passado, foram chamados de "livros pornográficos" os impressos classificados como literatura licenciosa, inclusive as obras que não eram escritas e publicadas com o objetivo de excitar sexualmente. No segundo oitocentos, a pornografia surge como um fim em si mesma. Acompanhando essa transformação, os escritores construíram obras para o novo mercado. Antes disso, o sexo era usado como uma forma de desenvolver críticas à Igreja e ao Estado, e os livros obscenos ou libertinos eram vistos como um comentário político e social pelos autores. No entanto, é claro que o público poderia destinar outros fins para os livros, já

que a leitura não pressupõe uma adesão do leitor às ideias e propósitos das obras (Mendes, 2016).

O artigo de Mendes (2016) mencionado aborda a presença e popularidade dos chamados "sucessos pornográficos literários" no Brasil no final do século XIX. a categoria de livros pornográficos no Brasil tinha uma variedade de origens e era muitas vezes comercializada sob o rótulo de "Livros para Homens"<sup>7</sup>. Esses livros eram anunciados como algo que proporcionava diversos benefícios aos leitores. Entre as promessas feitas para incentivar a leitura desses materiais estava a afirmação de que ela afastaria os desgostos, desenvolveria os nervos e ativaria a vontade. Os argumentos utilizados sugeriam que a leitura de livros pornográficos era benéfica para a saúde e estava associada à força vital e à alegria.

Além disso, esses livros eram acessíveis em termos de preço. Custavam entre 1 e 10 mil-réis, o que, em uma conversão atual de réis para reais, representaria um valor entre R\$0,03 e R\$250,00. Os livros mais cobiçados e caros eram aqueles que possuíam ilustrações, e havia uma variedade de opções de preços e conteúdos disponíveis para atender às preferências dos leitores.

De acordo com a pesquisa mencionada, a venda de livros pornográficos no Rio de Janeiro no final do século XIX era, de fato, um bom negócio. Alguns comerciantes relataram que essas vendas eram responsáveis pelo principal movimento de suas livrarias, destacando a popularidade e a demanda por esse tipo de literatura naquela época.

O "Livro para Homens" continha romances libertinos que exalavam a promessa de aventuras galantes, a fantasia de liberdade econômica e sexual, sem interdição ou culpa. A aristocracia francesa pré-revolucionária era exaltada e transmitia um mundo fechado em si mesmo, as pessoas viviam alheias aos problemas materiais e às dificuldades econômicas, o tempo podia ser consumido da forma que a pessoa bem quisesse (Mendes, 2016). Aqui já podemos testemunhar a fantasia do ser humano de ter controle sobre o tempo e liberdade - uma liberdade que passa pelo capital - para fazer o que bem quiser.

---

<sup>7</sup> Os enredos que recebiam tal subtítulo deveriam ser proibidos às mulheres, vistas naquela época como pessoas de personalidade frágil. Entregues a essas histórias, as leitoras poderiam se esquecer das convenções sociais e sair em busca de emoções e afetividades distantes de sua realidade. Os homens por serem considerados capazes de discernir o mundo da ficção do cotidiano das regras e bons costumes tinham acesso irrestrito a essas leituras.

O livro é uma tecnologia que também serviu e serve ao propósito de fabricar uma sexualidade. Podemos enxergar essa questão ao nos depararmos com a possibilidade do homem dar saída para suas vontades sexuais através dos impressos e a falta no mercado de "Livros para Mulheres". Mendes (2016) revela que a pesquisa sobre a literatura pornográfica revela uma realidade com milhares de leitores ávidos. Os impressos pornográficos, baratos e anônimos, passaram por uma expansão que apontou um mercado livreiro que estava preocupado em atender essa demanda específica. O sucesso decorre da promessa do livro reconectar o leitor com seu corpo e também promover, através do riso, o bem-estar físico e mental, o que confirma o padrão de divulgação de "Livros para Homens". Sempre foi um mercado predominantemente direcionado para homens e com ares de clandestinidade, porém os livros pertenciam a uma tradição materialista moderna que via o corpo como o local de uma experiência autêntica. Eles eram acessórios legítimos na busca de satisfação diante das agruras da vida na cidade moderna, solitária e impessoal. As obras faziam sucesso por incitar uma busca do prazer pelo prazer. Esses propósitos só eram possíveis na clandestinidade do discurso pornográfico. Era um negócio legalizado e barato, todos sabiam onde comprar, mas, para evitar problemas com pais e padres, era preferível guardar os livros em baús e ler em segredo.

A pornografia do século XX concentra-se em dois tipos de representação sexual: de um lado, há o interesse em órgãos sexuais, principalmente o pênis ereto, culminando em representações em fotografias, gravuras e filmes. Aqui, as descrições são deixadas de lado para privilegiar a imagem. Por outro lado, há a representação repetida do ato sexual, também em fotografias, romances, contos e, sobretudo, em filmes. O uso de imagens para representações de conteúdos eróticos pode ser rastreado até o século XVIII com "As Ilustrações de Wanton", representações de diversas posições sexuais, que estavam entre as principais causas de ereções masculinas e eram usadas para a masturbação solitária. Inclusive, alguns homens passavam da excitação provocada pelas ilustrações para uma relação sexual com prostitutas (Trimbach, 1999). É interessante saber que muitas narradoras eram a figura da prostituta, que não é vista como uma função profissional, mas sim como um aspecto de personalidade. As prostitutas são consideradas mulheres livres, independentes e ousadas, não representam uma ocupação, mas sim uma forma de ser (Hunt, 1999).

Com o desenvolvimento do cinema e da fotografia, gradativamente a vida sexual saiu das páginas impressas e foi sendo evidenciada em novas modalidades e performances sexuais,

na explicitação da máquina sexual humana. O corpo passou por uma transformação nos enfoques da câmera, e a sedução e o mistério desapareceram em prol do coito explícito. Attimonelli e Susca (2017) apontam que a pornografia perdeu a grafia depois da proliferação da cultura digital. O pornô ficou sem escritura e se apresenta somente como corpos visuais. Os autores nomeiam esse cenário atual de pornocultura no sentido de um estilo de vida, valores e comportamentos que envolvem cada vez mais pessoas e produzem transformações profundas na experiência humana. A pornificação do cotidiano é visível online, na linguagem e até no design de objetos sem utilidade sexual, gerando um novo tipo de ocupação capitalista.

Por um lado, a aparente "ausência" de elementos narrativos na pornografia contemporânea pode ser interpretada como uma simplificação do conteúdo, com uma ênfase exclusiva na excitação visual e na gratificação imediata. No entanto, essa simplificação pode, por outro lado, restringir a capacidade de explorar narrativas sexuais mais complexas e as nuances emocionais associadas à sexualidade humana. Enquanto a perda total da escrita na pornografia é discutível, uma simplificação da escritura pode ser observada, especialmente considerando-se que o pornô audiovisual de plataforma muitas vezes segue um roteiro, mesmo que simples, e faz uso da descrição do conteúdo online.

A falta de contextualização e de narrativa na pornografia contemporânea pode resultar na redução dos participantes do ato sexual a meros objetos de prazer, privados de individualidade e subjetividade. No entanto, é importante reconhecer que ainda existem muitos vídeos pornográficos que apresentam elementos narrativos e contextuais, embora em menor escala do que em décadas passadas. Narrativas simples, como enredos de encontros sexuais, fantasias ou situações eróticas, continuam a ser comuns em muitos filmes pornográficos. Além disso, existem subgêneros específicos de pornografia, como o pornô feminista, que valorizam a narrativa e buscam oferecer uma representação mais contextualizada e diversificada da sexualidade humana.

Como exposto, antigamente, os sujeitos eram submetidos a meios que o forçavam a ir até às bancas, livrarias ou cinemas apropriados. Ou na época dos VHS e DVD, tinham que ir até a locadora para obterem o material pornô. Todos os lugares sociais de acesso foram substituídos por formas mais privadas, e hoje basta apenas um clique para o acesso. Logo, a pornografia sofreu, ao longo do tempo, desgastes em sua forma escrita. Todavia, os vídeos, por mais que ocorra uma fragmentação, contém corpos que se comunicam e expressam algo



através dos movimentos. Num primeiro olhar, pensa-se em uma repressão social da sexualidade que, através do pornô, encontra uma quebra, uma possível transgressão. No entanto, o sexual é transgressivo em si mesmo, e ao avançarmos na análise, é possível enxergar que há um objetivo sociopolítico, também presente no pornô, que configura a sexualidade não utilizando a repressão, mas o apagamento da alteridade. A sexualidade sempre passou por tentativas de controle, e atualmente, podemos pensar no extremo da fabricação e massificação do prazer.

Diante desse contexto, Bidaud (2023) destaca que, apesar da liberdade oferecida a todos para assistir pornografia hoje em dia, algumas pessoas optam por manter essa escolha em segredo, pois o segredo constitui a condição do prazer.

Parece necessário pensar na pornografia como uma cena de brincadeira, um lugar onde é possível entrar e sair sem se comprometer, sem deixar um pedaço de si mesmo para trás (p. 41).

A pornografia não faz mais parte do cinema; ela transitou da tela ampla, com ficção e história, para a tela reduzida do smartphone ou do computador. Portanto, o espectador de vídeos e imagens pornográficas permanece no isolamento de seu espaço privado, não mais no espaço público do cinema (Bidaud, 2023). Há uma mudança do "fora" para o "dentro". Assim, pode-se pensar que há uma ambivalência, visto que, ao mesmo tempo em que a pornografia ultrapassa repressões e censuras, atualmente não há mais o tráfico de conteúdos eróticos e pornôs que possuem o elemento encoberto, gerando curiosidade e a necessidade de desvendar o mistério. A acessibilidade tem uma aura onipresente, o custo é praticamente zero, já que a maioria dos sites são gratuitos, e o anonimato é garantido; não é necessário se preocupar em ser descoberto. O prazer é garantido, imediato e seguro.

E, quando falamos de prazer garantido, imediato e seguro automaticamente fica excluído o desejo. Esses elementos são a recusa do desejo. Como visto, o prazer é sempre autoerótico, mas a pornografia como um fim, quando não envolve o outro, se torna um problema ao recusar o gozo do corpo do outro.

Com a possibilidade do usuário abrir uma aba, criar um perfil no site pornô e consumir os conteúdos de forma anônima, as marcas da singularidade são apagadas, e o algoritmo achata as oportunidades do sujeito viver a subjetividade imprecisa. As sugestões na página principal, as inúmeras categorizações e recomendações de vídeos ao final de cada vídeo criam

uma experiência que não tem um começo, meio e fim. Não existe o "escondido é mais gostoso" porque o sujeito não está escondido; ele está exatamente no local que lhe é designado pelo poder, e esse local não contém espaço para a construção da fantasia. E somente por meio da fantasia é possível ao sujeito desejar.

Em vista dos pontos apresentados, entende-se que a forma do sujeito relacionar-se com a pornografia é distinta em cada período histórico e em cada sociedade, tendo em vista a valorização ou não do corpo em seus variados aspectos. Na psicanálise, como visto anteriormente, a pulsão não se reduz à sua representação; ela envolve o corpo erógeno como lugar da satisfação. A pulsão não obedece à finalidade da reprodução da espécie, não agarra o objeto para saciar o apetite da satisfação; ela transita por objetos parciais, saliente: é perversa-polimorfa. Ou seja, a satisfação ocorre durante o percurso circular: partir da zona erógena corporal, dirigir-se ao objeto (qualquer coisa), controlá-lo e retornar à zona erógena, onde reiniciará o trajeto. Dessa forma, o circuito pulsional é um eterno retorno, em torno de um objeto perdido e inalcançável, e isso é o fundamento da repetição. Considerar a nomeação "compulsão por pornografia" como redundante ou vazia à luz desse entendimento pode ser uma perspectiva válida, já que a busca por satisfação sexual é inerentemente repetitiva. Ao falarmos de sexualidade, estamos condenados a falar de repetição. O que se faz problemático no uso da pornografia é ela ser usada como um fim, uma ferramenta que deteriora laços sociais, e não como meio para contornar o corpo do outro

Como afirma Lacan (1998), para a psicanálise, não nascemos com um corpo enquanto um dado natural; o corpo é algo que se constrói, uma imagem feita de palavras e afetos. O corpo como uma unidade precisa ser construído, e às vezes reconstruído; é necessário transformar esse organismo em uma imagem, um corpo unificado. No início, predominam as pulsões parciais, a sexualidade de forma fragmentada. Para transformar essa fragmentação em um corpo potencial, é necessário a imagem especular para formar uma Gestalt. Nessa experiência, o Outro é fundamental, o Outro que confirmará a existência desse corpo.

O corpo resultante da unificação é o suporte do eu. E esse corpo é um fato do discurso, pois o corpo do ser falante é afetado pela linguagem, tecido pelas palavras. O real do corpo, de acordo com a psicanálise, está ligado à pulsão e à sua satisfação, mas só temos pistas desse estado constante de tensão inconsciente através do mal-estar que permeia todo ser falante e o lança nas vias da angústia e do desejo (Lacan, 1998).

Diante desse cenário, a pornografia pode ser considerada uma das várias maneiras pelas quais os sujeitos lidam com o mal-estar e a fragmentação do corpo. Ao fornecer uma representação visual fragmentada do corpo humano, muitas vezes focada em partes específicas, principalmente os ditos órgãos sexuais, a pornografia pode oferecer uma forma de controle e compreensão sobre a sexualidade e o corpo. A representação fragmentada do corpo na pornografia pode dar aos espectadores uma sensação de separação entre suas próprias identidades corporais e suas experiências sexuais, pode refletir e reforçar as tensões e ansiedades em torno da extimidade, termo proposto por Lacan (1959-60) para falar do estranho que habita o eu. O sujeito tem dificuldades para aceitar a extimidade - por isso a tendência de separar as coisas entre bem e mal - como algo próprio do eu. Então, a fragmentação do corpo e conseqüentemente da sexualidade, trazida pela pornografia, pode ser vista como uma forma do sujeito lidar com o mal-estar causado pelo estrangeiro que é seu próprio inconsciente. Assim, no uso seguro e controlado da pornografia para explorar a sexualidade, o sujeito não precisa lidar com o constrangimento de tentar dar um sentido às experiências, ao recalcado. É como se o sujeito tentasse colocar cada coisa em uma caixinha, na tentativa de deixar algumas fechadas para todo o sempre.

## **CAPÍTULO III - PRAZERES PRIVATIZADOS: PORNOGRAFIA, NEOLIBERALISMO E LAÇO SOCIAL**

### **3.1 Discursos: não só a pornografia produz gozo**

Para compreender a captura do sujeito através da pornografia, um fenômeno associado ao neoliberalismo, é imprescindível considerar sua inserção no tecido social. Argumenta-se que compreender esse processo é fundamental para entender por que os sujeitos se submetem à violência sistêmica do neoliberalismo, que resulta na precarização das relações sociais e na promoção de uma lógica de competição e performance. Para essa análise, propõe-se o uso da teoria lacaniana dos discursos.

Na obra "A sociedade incivil: mídia, liberalismo e finanças" (2021), Muniz Sodré apresenta premissas relacionadas à estruturação dos dispositivos de comunicação/informação nas democracias tecnológicas ocidentais. Ele explora as interações entre o capitalismo, a tecnologia eletrônica e os meios de comunicação, argumentando que essas relações influenciam o surgimento de modos de vida que se assemelham à transição da dominação no

controle social para a codificação generalizada da existência. A esfera contemporânea da vida, caracterizada pela mídia eletrônica financeira, é descrita como uma reencenação platônica do mundo, funcionando como um gerador de realidades artificiais. Essa análise destaca a intensificação das narrativas fictícias associadas ao capitalismo.

Na materialidade social contemporânea, a comunicação se manifesta por meio de diversos canais, incluindo mídia corporativa, publicidade, marketing, redes digitais e produção imaterial. Sodré (2021) destaca que essa forma de comunicação revela uma faceta adicional da racionalidade neoliberal, que ele denomina de "comunicação funcional". O neoliberalismo é concebido como um conjunto de discursos, práticas e dispositivos que estabelecem um novo modelo de governança dos indivíduos, fundamentado no princípio universal da concorrência. Nesse contexto, a comunicação desempenha um papel crucial na disseminação e legitimação das ideias e práticas associadas ao neoliberalismo na sociedade contemporânea, pois os signos, os discursos e os dispositivos tecnológicos estão na base do processo de formação de uma forma nova de socializar.

Conforme mencionado por Berardi (2019), o neoliberalismo promove uma mudança ao transformar os procedimentos de produção em sistemas de comunicação, nos quais a ênfase na velocidade e a ilusória concepção de liberdade são utilizadas para induzir a internalização do controle social, o autor ainda sustenta que a associação entre conexão e precarização se estabelece porque esses elementos colaboram na criação de laços sociais que derivam de contínuos processos de exploração.

É inegável que a internet é um dispositivo tecnológico revolucionário, ela é geradora de um novo espaço, o virtual, que sobrepõe coordenadas espaço temporais. Com a crescente mediatização, a comunicação eletrônica converte as tecnologias da informação em dispositivos de *machine learning*. Essa inteligência artificial (IA) atrelada a rede eletrônica cria uma estrutura de interconexão invisível, tudo nesse cenário é ao mesmo tempo conexão e passagem na superfície reticular, mas também na interioridade das pessoas que não são meros meios de transmissão (Sodré, 2021).

De acordo com o mesmo autor, o que está em curso é uma reconfiguração antropológica da vida humana, do sujeito real. Há processos de subjetivação que agora, por meio da IA e de sua presença conectiva na rede dos mecanismos de poder, aderem ao corpo humano que também é tela. Assim, temos tela perante tela. A característica dessa nova forma

de vida promovida pelo capital e a tecnologia é a falta de conexões orgânicas com o comum, as trocas são virais e simuladas.

O comum, Sodré (2021) coloca que seria a ordem simbólica e é algo inerente à condição humana pois institui comunicativamente a linguagem, o sujeito, a política e a família. O comum permite o contato e a troca e é isso que concatena essas instâncias, há partilha simbólica. Na era da mídia o comum é redefinido tecnologicamente de maneira que os signos, imagens e dígitos criam um mundo próprio que se passa na esfera virtual.

O autor ressalta que em princípio toda estética altera percepções, mas os dispositivos eletrônicos não deixam clara que a formação social da rede se dá por uma criação de engenheiros e designers condicionadores dos lugares de fala dos usuários. A sociabilidade de plataforma é uma construção técnica, manipulável por algoritmos. Isso tudo não implica efeitos diretos de controle econômico, mas de comportamentos e atitudes, ou seja, causam restrição à autonomia do sujeito.

De acordo com a teoria lacaniana, o laço social está constituído por meio da linguagem, que funciona para além das palavras e abarca o sistema simbólico. Para Lacan, o sujeito não existe isoladamente, mas está inserido em um contexto simbólico mais amplo, onde o discurso do outro, que ultrapassa o sujeito, desempenha um papel central na formação do inconsciente e na constituição da subjetividade. Alemán (2016) coloca que o ser falante é dependente e subordinado à ordem estrutural e ontológica da linguagem, o ser vivo é capturado pela linguagem, captura que acontece antes de seu nascimento e prossegue após sua morte, e assim vira sujeito. O sujeito só se constitui desse modo; ele é um efeito da linguagem. Mas, Alemán ressalta que, além dessa primeira constituição do sujeito, há a construção sócio-histórica que é suscetível às diferentes transformações de cada época. Assim, há um circuito simbólico exterior ao sujeito. Isso implica que a subjetividade não é algo fixo ou estático, mas é moldada e influenciada pelos sistemas de significação e pelos discursos dominantes na sociedade. O autor destaca:

Primeiro: a realidade é constitutivamente construída por discursos; os afetos, os corpos, as pulsões, estão atravessado pelo discurso, marcados por seus significantes, determinados por uma retórica e gramática que suspende toda a ideia de uma “força original e imanente” que se possa representar diretamente (p. 18). (Tradução nossa).

A linguagem possibilita ao sujeito as trocas e a busca do impossível, o objeto que nunca poderá ser encontrado novamente, porém é constantemente procurado, brevemente capturado e logo perdido nas tentativas de representação através dos significantes. E nessa busca do impossível, como coloca Lacan em seu texto “*O aturdido*” (1972b) “não há relação sexual”, então o sujeito faz laço social. E, como o mesmo autor ressalta em sua conferência, de 1972 em Milão, “Do Discurso Psicanalítico” (1972a) a língua não é algo que faz parte do mundo, mas sim o que sustenta o mundo.

Segundo Lacan, o sujeito emerge da relação na qual um significante-mestre (S1) busca representação em outro significante (S2), formando assim uma cadeia significativa na qual o sujeito surge nas lacunas da busca por significado. O próprio nome que recebemos ao nascer é um significante, ou seja, está ligado ao desejo do outro. Na alienação do sujeito ao desejo do outro ocorre a inserção no laço social, a inserção existe mesmo antes, por exemplo, da fecundação. Em outras palavras, estamos previamente e diretamente inseridos na cultura; não há laço social apenas posteriormente. Essa alienação ao Outro, que faz parte da estrutura do sujeito, compõe o laço social em suas várias modalidades discursivas, como veremos brevemente adiante.

Soler (2011), destaque que com a noção de discurso, assim como Freud falava de civilização, Lacan introduz que a partir do discurso analítico pode-se compreender alguma coisa sobre o conjunto das coletividades. E aqui é importante retomar Lacan (1955-56):

... o fenômeno analítico como tal, seja ele qual for, é, não uma linguagem no sentido em que isso significaria ser um discurso - eu nunca disse que é um discurso - mas estruturado como uma linguagem (p. 191).

Conforme Lacan (1955-56) enfatiza, o inconsciente é estruturado como uma linguagem e na análise ele se ordena como discurso. Ou seja, o discurso analítico lança luz sobre os outros, revelando os modos pelos quais a circulação se realiza entre eles. Os discursos incluem o discurso do mestre, o universitário, o da histórica e o analítico. Aquilo que Lacan denomina como discursos são, na verdade, os diversos tipos de laços sociais. Cada discurso representa uma modalidade específica de laço social. Esses vínculos entre os seres humanos, que abrangem tanto corpos quanto falas, são organizados pela linguagem.

Em “Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise”, Lacan (1969-70/1992) ressalta sua retomada do projeto freudiano pelo avesso. Ora, Lacan, com insistência, quis distinguir o que

estava em questão no discurso enquanto uma estrutura que ultrapassa a palavra. O discurso subsiste sem palavras pois subsiste em certas relações fundamentais, relações estáveis que dependem da linguagem. A linguagem, enquanto instrumento, instaura relações estáveis que ultrapassam as enunciações efetivas, algo bem mais amplo inscreve-se no interior das mesmas. Ou seja, pode haver discurso sem o pronunciamento de palavras porque o discurso são relações de estrutura que a linguagem estabelece entre os sujeitos.

A teoria dos discursos tem uma relevância significativa tanto para a teoria quanto para a prática clínica da psicanálise, pois instaura um novo modo de pensar as estruturas clínicas e os vínculos sociais ao articular os campos da linguagem e do gozo, bem como o sujeito e o saber inconsciente. Para Lacan, os discursos representam quatro modos fundamentais de relacionamento que foram apontados por Freud em “O mal-estar na civilização” (1930/1996) como fontes do sofrimento humano: o discurso do mestre (governar), o discurso universitário (educar), o discurso da histérica (analisar) e o discurso analítico (fazer desejar). Esses discursos delineiam diferentes dinâmicas de poder e formas de relação entre os sujeitos.

A linguagem e os discursos desempenham um papel fundamental na produção do que ele Lacan (1972a) chama de "mais-gozar", que está relacionado ao desejo. Ao produzir a causa do desejo, que Lacan denomina objeto *a*, a linguagem cria o suporte dos discursos e das relações, moldando o modo específico de cada sujeito em seu desejo. O "objeto *a*" é uma construção conceitual lacaniana que representa aquilo que causa o desejo, mas que é inatingível e elusivo. É o objeto de desejo que nunca pode ser plenamente alcançado, e sua busca incessante é o que impulsiona o sujeito na sua relação com o mundo e com os outros. Assim, os discursos não apenas comunicam significados, mas também produzem os desejos e os modos de subjetivação dos sujeitos. Eles moldam as formas como os sujeitos experimentam e vivenciam seu desejo

Então, é a partir dos discursos, que são estruturas que organizam os laços sociais, que o sujeito pode se integrar à cultura. Portanto, a teoria dos discursos desempenha um papel fundamental na psicanálise, pois fornece um espaço para os sujeitos e seus significantes na dinâmica social, conectando-os à autoridade, ao conhecimento e ao prazer, simbolizados pelos elementos S1, S2 e pelo objeto *a*.

No entanto, Lacan introduz um quinto discurso de particular interesse: o Discurso Capitalista. Ele critica esse discurso, apontando para os pequenos objetos (objeto *a*) de

consumo mercantil que são construídos a partir da ordem significativa como se fossem necessidades do sujeito reduzidas ao nível da demanda, deixando de lado o campo do desejo. Isso sugere uma crítica à forma como o capitalismo utiliza a linguagem e os significantes para criar demandas artificiais, contribuindo para a alienação e a subjugação dos sujeitos sob a lógica do mercado. Essa análise de Lacan sobre o Discurso Capitalista traz importantes reflexões sobre as interações entre linguagem, poder e economia na contemporaneidade.

A análise do Discurso Capitalista revela um paradoxo subjacente: o enfraquecimento dos laços sociais. Este paradoxo emerge da inter-relação entre o discurso enquanto laço social e a capacidade do Discurso Capitalista de fragmentar as relações sociais. Por exemplo, há pessoas que possuem uma agenda para o trabalho e outra para a vida pessoal, como se essas duas esferas não tivessem compatibilidade. A ênfase no sucesso individual e promoção de uma cultura competitiva desencadeia um processo de alienação das pessoas umas das outras e até mesmo de si mesmas, como nos propomos observar no presente trabalho a partir da esfera sexual. Embora o discurso capitalista ofereça um tipo de coesão social baseada em valores de mercado e aspirações individuais, simultaneamente contribui para o enfraquecimento dos laços sociais que não se enquadram na lógica mercantil.

Soler (2011) sugere que no discurso capitalista, o sujeito é subjugado pelo consumo e pela produção, o que cria um ciclo fechado no qual os sujeitos são controlados pelos produtos que consomem e constantemente ameaçados pela necessidade de produzir para sobreviver. Esse ciclo pode levar à alienação e à fragmentação das relações sociais, à medida que os sujeitos se concentram em seus próprios interesses e na busca de lucro.

Essa visão psicanalítica e crítica do capitalismo destaca como as relações sociais autênticas e os laços comunitários podem ser corroídos pelo sistema econômico dominante, que prioriza o lucro e o consumo em detrimento do bem-estar humano e das relações interpessoais significativas. A autora ainda destaca a diferença do período histórico em que Lacan desenvolve sua teoria sobre o discurso capitalista e o capitalismo atual, ela diz:

Hoje, como se diz habitualmente, é o triunfo total da globalização capitalista; e eu fico surpreendida ao ver que a ideologia que gera o capitalismo não é nada envergonhada como era nos anos 1970. Hoje, a ideologia do lucro não é mais negada, ela é idealizada (p.56).

Dentro de um olhar regido pelo capitalismo, o corpo e o desejo são colocados na sociedade ocidental atual como produtos a serem consumidos, por exemplo, nas redes



sociais e, também, em sites pornográficos. Assim, a satisfação do prazer é incentivada por uma indústria pornográfica, evidenciando o caráter socioeconômico da pornografia nas produções culturais. Conforme Soler (2011) observa, a psicanálise não se limita a indivíduos isolados, mas pode oferecer insights valiosos para compreender as dinâmicas coletivas dos sujeitos. Nesse sentido, a análise lacaniana do discurso capitalista não se concentra apenas nas interações individuais, mas também nas formas pelas quais o discurso hegemônico influencia e molda as estruturas sociais e econômicas.

O discurso capitalista é apresentado como um deslizamento do discurso do mestre, é um discurso que não faz laço social, foraclui a castração. Nele há dois imperativos de gozo: “produza” e “consuma”. O neoliberalismo como expressão de um capitalismo na sua forma mais desenvolvida fecha as possibilidades do indivíduo procurar escapatórias da séria trabalha-comprar. Soler (2011) coloca que produzir e consumir são os dois grandes imperativos da economia capitalista: produzir para consumir e consumir para que a produção faça sentido.

Nesse contexto de consumir e produzir, em que muitas vezes só é acessível ao sujeito produzir, a pornografia é pensada como lazer por usuários, pois há uma inacessibilidade de acessar formas de sublimação quando tudo passa pelo capital. Freud, desde as suas primeiras referências à sublimação, traz de maneira latente o valor erótico traduzido em uma proposta de laço com o outro. Esse fenômeno pode ser melhor visualizado através dos relatos pessoais postados na rede social *Reddit*, um espaço em que as pessoas podem tratar e trocar sobre diversos temas, se assemelhando ao *Twitter*.

Separei dois recortes em que os usuários tratam sobre o tempo ocioso entre o produzir-consumir e a falta de recursos para investir em atividades que envolva os pares, assim os sujeitos acabam fazendo o uso da pornografia de plataforma, que é grátis e de fácil acesso.



geist

Lenda da internet

Mensagens: 20.876  
Reações: 82.858  
Pontos: 1.503

16 Outubro 2021

#66

Eu deletei tudo o que tinha lá pro final de 2019. Fiz as pazes com Deus, a Igreja, minha vida estava indo bem.

Só que com a pandemia, bastante tempo ocioso, ansioso... recaí e estou agora com 1.2TB da mais fina pornografia salva. Não tem um vídeo que qualquer um aqui assista sem ficar ao menos de pau duro.

É difícil. Ainda mais pra um cara sem muito recurso como eu, fica sendo meio que a única forma de entretenimento adulto.

Espero conseguir me desvencilhar desse vício maldito logo. Ruim que já estou nessa de idas e vindas desde uns 11 anos de idade.

👍👍 November, Amin\_Arrollah, Axel e 6 outros



Becoming a Liferuler

Bam-bam-bam

Mensagens: 1.087  
Reações: 7.424  
Pontos: 353

16 Outubro 2021

#68

Outro ponto, é que pra um cara que não come ninguém, ficar sem pornografia é praticamente impossível. E todos sabem como as "madames" estão exigentes hoje em dia. Então o cara tem 3 opções pra ter prazer sexual (ou não né): 1- abaixar hardmente o nível de exigência e comer barangas, 2- comer garotas de programa e 3- bater p\*nh\*ta/ver porno.

Não tem como, o porno tá sempre vivo na vida de um homem que não seja padre ou celibatário voluntário.

É um dos vícios mais difíceis de se livrar que tem.

👍👍 November, Amin\_Arrollah, Lost Brother e 6 outros



geist

Lenda da internet

Mensagens: 20.876  
Reações: 82.858  
Pontos: 1.503

16 Outubro 2021

#69

**Becoming a Liferuler disse:** Ⓞ

Outro ponto, é que pra um cara que não come ninguém, ficar sem pornografia é praticamente impossível. E todos sabem como as "madames" estão exigentes hoje em dia. Então o cara tem 3 opções pra ter prazer sexual (ou não né): 1- abaixar hardmente o nível de exigência e comer barangas, 2- comer garotas de programa e 3- bater pnh\*ta/ver porno.

Não tem como, o porno tá sempre vivo na vida de um homem que não seja padre ou celibatário voluntário.

É um dos vícios mais difíceis de se livrar que tem.

Pois é. Eu não tenho dinheiro, então a pornografia acaba sendo a única saída mesmo.

Pra quem tem dinheiro ainda tem GP, Tinderela, Msol, enfim...

👍 November Amin Arrollah, Axel e 3 outros

#### Imagem 4 e 5 - Recorte de relato do site *Reddit* acessado em 19 de julho de 2023.

Os recortes evidenciam como a pornografia se tornou uma alternativa de lazer para sujeitos enfrentando limitações financeiras ou falta de recursos para outras atividades, especialmente em um contexto onde tudo está sujeito à monetização sob o neoliberalismo. Os usuários que compartilharam os relatos demonstram que a pornografia muitas vezes não é a primeira opção para passar o tempo de ócio, embora seja a mais facilmente acessível. Eles acabam recorrendo a ela como uma forma rápida e acessível de preencher o tempo entre suas

responsabilidades diárias. No entanto, o oferecimento de gratificação instantânea sem exigir investimento emocional ou compromisso interpessoal contribui para a precarização dos laços sociais.

Miller (2016), em seu texto sobre o inconsciente e o corpo falante, expõe que na era da técnica a copulação não fica mais confinada no privado nutrindo as fantasias particulares de cada um. Ela foi inserida no campo da representação por meio de fotos e vídeos e passou a uma escala de massa. Em confluência com essa formulação, Ondina Machado (2015) argumenta que a profusão de imagens de corpos não estimula a fantasia, é algo pronto a ser consumido apenas. O coito na produção pornográfica atual é sem véus, sombras ou enredos, elementos estes que introduzem o erótico da cena. A autora ainda salienta que é necessário para construir uma cena em que o Outro compareça, com olhar e sentido, uma velação do objeto. Sem o objeto velado o consumo é de algo industrial, feito em linha de montagem, além do necessário, e sem levar em conta as particularidades.

Os *gadgets*, como Lacan nomeia os objetos de consumo, produzidos pelo discurso capitalista são oferecidos aos sujeitos como promessa de felicidade plena, provocando um consumo exacerbado e avassalador na sociedade contemporânea. Os *gadgets* são o objeto *a* produzidos pelo capitalismo. De acordo com Badin e Martinho (2018):

Verifica-se que, na contemporaneidade, os sujeitos se utilizam do consumo como uma tentativa de dar conta de um vazio, de uma falta, da castração. Desde o final do século XIX, contudo, Freud já nos havia ensinado que a falta, a castração, inerente ao ser humano, é impossível de ser preenchida. Em meados do século XX, Lacan ratificou a teoria de Freud ao observar que, por nascermos na linguagem, já nascemos faltosos, castrados, pois a própria linguagem tem furos, deixa brechas, não se pode dizer tudo. Enquanto a psicanálise de Freud e Lacan defende a tese de que a falta humana é impossível de ser preenchida, o discurso capitalista, ao contrário, munido de seus *gadgets*, segue numa direção oposta, desconsidera as proposições da psicanálise e assegura a possibilidade de tamponar a castração, sustentando assim, uma promessa de felicidade. O sujeito, na ilusão de existir a possibilidade de completude, banhado pelo mal-estar próprio da castração, vê-se seduzido por esse discurso, na crença de que a castração será dissipada, tamponada por seus objetos de consumo. Daí, pode-se observar que o que entra em cena é uma busca insaciada, infinita por esses *gadgets* (p. 141).

Assim, fica evidenciado um fenômeno crucial: o discurso capitalista oferece uma promessa de completude que se contrapõe à falta constitutiva do sujeito. A falha do discurso capitalista é propor uma narrativa em que o sujeito pode, através de seus produtos, alcançar uma espécie de completude, iludindo-se de que o vazio é essencial. No pensamento lacaniano,

o objeto *a* representa algo que simboliza a perda inerente ao desejo, sendo irremediavelmente inatingível e, portanto, fonte do desejo interminável. Porém, no contexto capitalista, os *gadgets* se apresentam ao sujeito como uma tentativa constante de preenchimento desse vazio, mesmo sabendo-se que a castração é inevitável e insuperável.

Soler (2011) destaca que, nesse cenário capitalista, o sujeito é comandado pelos produtos e ameaçado pelos meios de produção, que nós somos instrumentalizados por todos os produtos os quais não podemos ficar sem e que uma simples falha trava o cotidiano de maneira dramática. Portanto, o discurso capitalista não faz laço entre os humanos, ele faz uma forma de fantasia do sujeito com o objeto *a*, porém esse objeto é coletivamente condicionado pela economia.

Essa dinâmica entre falta e promessa de completude é vista na forma atual de consumo exacerbado, pois o sujeito consome, compra, em busca da felicidade, mas acaba operando uma repetição. Isso traz à tona o mal-estar contemporâneo, onde o sujeito, capturado pelo discurso capitalista, se vê às voltas com a castração não reconhecida e não elaborada, enquanto os *gadgets* tentam funcionar como substitutos do desejo, criando um ciclo de insatisfação que alimenta o mercado.

Em “O mal-estar na civilização” (1930/1996), Freud aponta a razão da felicidade plena ser impossível de ser alcançada: desde o nascimento o ser humano é um ser desamparado, o mundo o confronta com dores e horrores. Mas essa impossibilidade não impede o homem de continuar na busca da felicidade. Freud também destaca que o sofrimento humano provém de três fontes principais: o poder superior da natureza, a fragilidade dos corpos e a deficiência das disposições que regulam os relacionamentos na família, no Estado e na sociedade.

As duas primeiras fontes o autor verifica que somos forçados a reconhecê-las e nos conformarmos com a inevitabilidade. A terceira fonte, a principal e maior fonte de sofrimento, diz dos relacionamentos humanos. Freud para falar dessa fonte traz o aforismo de Hobbes extraído do livro “Do cidadão” (1642): o homem é o lobo do homem. Com esse destaque, Freud elucida que o próximo, transformado em objeto, é alguém em quem se tenta satisfazer a agressividade, explora a força de trabalho, abusa sexualmente, humilha, causa-lhe sofrimento até a morte. O próximo é objeto da pulsão de morte.

Com isso, estar inserido na cultura é enfrentar constantemente o mal-estar. A vida é difícil, traz dores e decepções. Para suportar esse cenário, há a busca por satisfações substitutivas, como os entorpecentes que liberam sensações de prazer imediatas. Contudo, as formas de proteção são tarefas impossíveis, o desamparo é fundamental.

Ondina Machado (2015), traz que o sexo é encontro com o Outro presente na fantasia, esta última sendo a possibilidade de arrumação na relação do sujeito com o objeto, sentido como dele e também do Outro, é nessa relação que o sujeito se deduz enquanto tal. E o sexo, sem um saber prévio no inconsciente, sempre coloca uma questão de mal-estar. Já o sintoma completa aquilo que a fantasia não foi capaz de arrumar nesse mal-estar, no modo de satisfação.

Então, quando o Outro é imperativo, “goze!”, não há dialética ou suposição, só império de angústia. O mercado de consumo, o discurso capitalista, é um Outro em nossa época e faz o sujeito acreditar existir um objeto que o complete e que este pode ser adquirido, comprado. O objeto atual é múltiplo, há várias opções e isso traz a ilusão de se pode escolher o melhor. Isso causa uma decisão infinita, o sujeito sempre acha que pode obter uma satisfação mais completa (Machado, 2015). Referente ao uso repetitivo de pornografia virtual, vemos isso na multiplicidade de sites e gêneros. Nesse meio, o sujeito não assiste um vídeo aliado a sua fantasia e se satisfaz, mas sim usa sem parar a pornografia sempre pensando que pode encontrar um conteúdo absoluto. Ora, nisso, como pontua a referida autora, o caminho que leva ao desejo não precisa ser trilhado.

Quando Lacan nos informa que a relação sexual não existe ele nos diz que fazer sexo não é fazer laço. Quando o ato sexual acaba, o sujeito precisa recomeçar tudo de novo. O sujeito, ao longo da vida, se prepara para ser desejado pelo Outro, isso absorto em dúvidas, demandas e gozo com esse Outro. Compromissado com o narcisismo o sujeito procria. Como salienta Bataille ao dizer (1957/2021):

... o erotismo, que é fusão, que desloca o interesse no sentido de uma superação do ser pessoal e de todo limite, é, entretanto, expresso por um objeto. Estamos diante deste paradoxo, diante de um objeto significativo da negação dos limites de todo objeto, diante um objeto erótico (p. 154).

### 3.2 Neoliberalismo: o capitalismo e o gozo como fonte rejuvenescedora

Com frequência, circulam teorias da conspiração que sugerem a participação de indivíduos ricos e influentes no processo de prolongamento de suas vidas e na busca contínua pelo sucesso, por meio da exploração da juventude de pessoas mais jovens. Pode-se estabelecer uma analogia entre essas teorias e o funcionamento do sistema capitalista. Segundo Bataille (1957 /2021) , a contemporaneidade demanda que a prioridade seja dada à racionalidade, conforme estabelecido pela "lei da razão". Ele argumenta que o trabalho desempenha um papel na contenção dos impulsos mais primitivos do ser humano, já que energias não subjugadas pelo trabalho, por exemplo, podem emergir em formas de violência.

O autor sugere que em um contexto anterior, o sujeito não submetia o erotismo ao mesmo controle racional como agora. O espetáculo contemporâneo não mais satisfaz o desejo coletivo, pois o erotismo não se encontra divorciado do movimento de violência e morte. Esses elementos representam um excesso que transcende a esfera da razão. Para Bataille (1957 /2021), a razão está intrinsecamente ligada à atividade laboral, uma vez que indivíduos conduzidos pela razão buscam a aquisição de bens, trabalham para aumentar seus recursos e se empenham em acumular riquezas. Por outro lado, o desejo sexual leva a um resultado oposto, levando a uma dissipação desmedida de energia e até mesmo à dilapidação de recursos consideráveis em busca do clímax. O excesso erótico resulta em desordem, e a verdadeira felicidade reside na dissipação improdutiva, proporcionando uma sensação de distanciamento do mundo em que a acumulação de recursos é a norma.

Quinet (2002), em sua obra "Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise", faz referência ao Big Brother do livro "1984", de George Orwell, para ilustrar a prevalência da vigilância na sociedade contemporânea. Assim como no universo distópico de Orwell, onde o olho do Big Brother estava presente em todos os lugares para controlar o mundo, Quinet destaca os projetos de espionagem coordenados pelos órgãos de segurança dos países como exemplos contemporâneos desse fenômeno. Tais projetos visam a transparência total, refletindo o panoptismo na indústria da vigilância. O psicanalista ressalta como essa sociedade dita escópica vai além do imperativo de ver e ser visto, utilizando a tecnologia científica para estabelecer um olhar onipotente que alimenta a paranoia coletiva, na medida em que a possibilidade de vigilância constante é uma realidade inescapável.

A contribuição de Alemán (2016) ressalta que o funcionamento do mercado opera como um mecanismo: por meio da contínua imposição de pressão sobre as vidas individuais, por meio do imperativo "goze!", introjeta nas pessoas a obrigação de construir uma existência feliz e satisfatória. A cultura atual se mostra maníaca e onipotente. Além disso, o fenômeno em ascensão da "autoajuda" evidencia tanto esse mecanismo quanto a impossibilidade das demandas de realização plena impostas pelo mercado. Portanto, conforme destacado pelo autor argentino, há uma exploração sistemática do sentimento de culpa, conceituado por Freud em "O mal-estar na civilização".

Uma análise breve do site Amazon Shopping (uma das maiores plataformas de comércio eletrônico do mundo) revela que aproximadamente 50% dos livros mais vendidos são classificados como pertencentes ao gênero de autoajuda. Chiaretti & Tfouni (2016) observam que a produção discursiva desses livros de autoajuda evidencia uma tendência em direção à resolução do mal-estar proposta pela ciência e pelo mercado, uma vez que as alterações no tecido social têm sido influenciadas pela perspectiva de alcançar uma satisfação de forma acessível, mediante a simples aquisição dos recursos disponíveis.

Os livros de autoajuda elaboram um projeto de felicidade por meio de um discurso prescritivo: "você pode recriar sua vida". O uso do "você" tem a função de formar um lugar vago de fácil identificação, formando um sujeito universal (Chiaretti & Tfouni, 2016). Esse fenômeno de massificação da subjetividade é visto nas recomendações e trocas de leitura. Os livros de autoajuda "viralizam" e se tornam os mais vendidos do mundo pois os leitores recomendam as obras para familiares, cônjuges, colegas de trabalho, amigos, filhos, etc. A frase "você precisa ler esse livro, vai mudar seu mindset" não precisa de esforços para ser escutada.

Chiaretti & Tfouni (2016) destacam o paradoxo subjacente à expressão "livros de autoajuda", uma vez que o termo "livro" implica uma relação com o outro, enquanto "autoajuda" sugere uma busca por identidade de modo solitário. A transição dos livros convencionais para os livros de autoajuda, caracterizada pela eliminação da alteridade, é equiparada à evolução da pornografia, que transitou da forma escrita para o meio audiovisual, caracterizado pela repetição infinita de conteúdos semelhantes. Este paralelo sugere uma convergência entre ambos os fenômenos, nos quais a ênfase na autorreflexão e na busca pessoal de sucesso ou satisfação resulta na diluição das fronteiras entre a esfera individual e a coletiva.

Sodré (2021) sobre o capitalismo financeiro e seu impacto na sociedade contemporânea, especialmente no contexto do neoliberalismo, argumenta que o capitalismo financeiro enfatiza a interconexão entre economia, política e cultura, sugerindo que esses domínios estão cada vez mais entrelaçados e influenciados por forças financeiras. O neoliberalismo é caracterizado como uma "máquina tecno-social" que promove uma intensa financeirização da sociedade, transformando instituições antigas e práticas culturais.

Uma das ideias-chave é a noção de que a economia se torna comportamental, implicando que as decisões individuais são moldadas não apenas por fatores econômicos, mas também por influências políticas e culturais. Sodré sugere que o neoliberalismo busca impulsionar as pessoas em direção a decisões que, embora possam parecer ser para seu próprio benefício, de fato servem aos interesses neoliberais. Esse movimento vai além das esferas tradicionais da economia, afetando diversos aspectos da vida do sujeito, incluindo questões culturais e políticas.

As ideias apresentadas sobre os livros de autoajuda e sua influência na formação de uma subjetividade massificada podem ser relacionadas com as perspectivas de Sodré (2021) sobre o capitalismo financeiro e o neoliberalismo. Assim os livros de autoajuda promovem uma narrativa prescritiva de "você pode recriar sua vida" alinhada com o capitalismo financeiro e o neoliberalismo, esse casamento promove uma ideologia individualista, incentivando os indivíduos a verem a si mesmos como agentes autônomos responsáveis por seu próprio sucesso ou fracasso. A proliferação dos livros de autoajuda e sua disseminação através de recomendações e compartilhamentos podem ser interpretadas como parte de um fenômeno mais amplo de individualização e massificação da cultura, impulsionado pelas forças do capitalismo financeiro e do neoliberalismo, conforme abordado por Sodré.

No contexto amplo do neoliberalismo, observa-se uma normatividade que favorece a privatização e a desregulamentação em detrimento da intervenção estatal. Esse modelo normativo tem como premissas fundamentais a busca pela eficácia produtiva e sucesso pessoal, valores que são exacerbados pelas formas contemporâneas de produção massificada de subjetividades. Sodré (2021) ressalta ainda a diferença entre o liberalismo do século XIX e o neoliberalismo, destacando que este último não é uma simples ideologia conservadora. Enquanto o liberalismo clássico pode ser associado a ideais de liberdade individual e mínima intervenção do Estado na economia, o neoliberalismo se destaca por seu enfoque na desregulamentação e na priorização do mercado como motor da sociedade.



O neoliberalismo, como uma ideologia econômica e social, enfatiza a autonomia individual, a responsabilidade pessoal e a maximização do sucesso pessoal. Dentro desse contexto, os livros de autoajuda são promovidos como ferramentas para alcançar esses objetivos, encorajando os indivíduos a melhorarem a si mesmos e a atingirem seu pleno potencial. No entanto, ao mesmo tempo, o neoliberalismo também pode contribuir para uma exclusão social ao vincular a valoração do indivíduo à sua produtividade e sucesso econômico. Os diagnósticos de condições como depressão e TDAH podem ser percebidos como contraproducentes a essa narrativa, uma vez que podem implicar em desafios à produtividade e eficiência. Portanto, enquanto o neoliberalismo oferece a ilusão de acolhimento ao disponibilizar esses recursos de autoajuda, também perpetua uma forma de exclusão ao marginalizar aqueles cujas experiências não se encaixam nos padrões de produtividade valorizados pela ideologia neoliberal.

Este exemplo evidencia a operação do discurso capitalista, que aparenta integração, mas, na realidade, promove exclusão, incluindo para excluir. A inclusão oferecida pelo neoliberalismo é condicional, baseada na capacidade do indivíduo de se conformar aos ideais de produtividade e sucesso econômico promovidos pelo sistema. Ao mesmo tempo, ao marginalizar aqueles cujas experiências não se alinham com esses ideais, o discurso capitalista perpetua uma forma de exclusão. Essa exclusão pode deixar o sujeito desorientado em relação ao seu verdadeiro desejo e identidade, pois enfatiza valores e objetivos que podem não refletir suas necessidades. Assim, o sistema capitalista, ao mesmo tempo em que oferece uma suposta proteção, também pode contribuir para a alienação e desorientação do sujeito em relação ao seu próprio eu, ocorrendo a massificação de subjetividades.

Conforme abordado por Alemán (2016), em consonância com a produção teórica de Gramsci, Althusser e Foucault, a compreensão do poder transcende os aspectos meramente localizados e coercitivos. Alemán destaca que o poder não se limita à sua manifestação como uma força opressora, mas também assume um papel ativo na criação de uma trama simbólica que molda as orientações subjetivas dos sujeitos. Nessa perspectiva, o poder opera não apenas por meio da imposição direta, mas também através da construção e difusão de ideias e valores que se naturalizam no contexto social.

Esse processo de naturalização acontece, em partes, pelos meios midiáticos dirigidos por corporações dominantes e promove a aceitação das ideias dominantes como sendo inerentes à ordem social, ocultando assim o seu verdadeiro caráter de imposição (Alemán,

2016). Essa análise destaca a complexidade e a sutileza das dinâmicas de poder, que transcendem as relações de dominação explícita para incluir também mecanismos de produção e reprodução ideológica que permeiam a vida cotidiana. Hoje temos como uma das principais ferramentas os algoritmos, num primeiro momento parecem desordenados e funcionando de modo aleatório, mas eles formam tramas bem organizadas, podemos tentar materializar o funcionamento pensando em uma trama de crochê.

Alemán (2016) aborda a sustentação dos meios de comunicação pela linguagem, independentemente do meio de transmissão empregado. O autor destaca a necessidade de distinguir duas dimensões da ordem simbólica. Primeiramente, destaca-se a dependência e subordinação do ser falante em relação à ordem estrutural da linguagem, em termos da constituição do sujeito. Alemán argumenta que o sujeito é capturado pela linguagem mesmo antes de seu nascimento, e essa condição persiste após a morte, constituindo um fenômeno inescapável. Em segundo lugar, o autor aponta para a existência de uma dominação sócio-histórica construída, suscetível às diferentes transformações de cada período histórico. Essa perspectiva implica que a estruturação dos meios de comunicação e o uso da linguagem estão intrinsecamente ligados às dinâmicas de poder presentes na sociedade ao longo do tempo, refletindo e moldando as relações sociais e culturais em constante evolução.

Seguindo essa linha de raciocínio, Alemán (2016) argumenta que o neoliberalismo se destaca por ser o primeiro regime político-econômico a buscar, de forma deliberada, influenciar e moldar a primeira dependência simbólica, afetando os corpos e capturando os sujeitos desde sua dependência estrutural. Nessa perspectiva, o neoliberalismo se diferencia de outros regimes ao priorizar não apenas aspectos materiais e econômicos, mas também ao reconhecer a importância da linguagem e da simbolização na perpetuação de suas ideias e práticas. Assim, o neoliberalismo busca não apenas controlar as estruturas econômicas e políticas, mas também moldar as subjetividades e os comportamentos dos sujeitos por meio de uma abordagem que permeia as esferas social, cultural e simbólica.

Aqui chegamos em um ponto que podemos relacionar ao uso contemporâneo de pornografia. O consumo excessivo desse tipo de conteúdo pode ser visto como um exemplo atual de como a linguagem, neste caso, imagens e narrativas eróticas, pode capturar os sujeitos em sua dependência estrutural. Primeiramente, e como visto no Capítulo II, a pornografia sustenta-se na linguagem, seja por meio de imagens, palavras ou narrativas. Essa linguagem pornográfica tem o poder de influenciar as percepções, as atitudes e os

comportamentos das pessoas, moldando suas ideias sobre sexualidade, intimidade e relacionamentos. O consumo de pornografia pode ser interpretado como uma manifestação da busca por gratificação instantânea e constante, refletindo a captura dos sujeitos por uma trama que promete prazer imediato e intenso. Nesse sentido, o uso de pornografia, enquanto um fim e exclusão do corpo do outro, pode ser entendido como uma forma de dependência simbólica, na qual os sujeitos são capturados pela linguagem pornográfica em sua busca por satisfação.

Alemán (2016) salienta ainda que o neoliberalismo necessita forjar um novo tipo de indivíduo, um “homem novo”\*, moldado a partir de seu próprio contexto presente e desvinculado de legados simbólicos do passado. Esse novo tipo de indivíduo deve ser fluido e volátil, assim como as próprias mercadorias que o neoliberalismo promove. Assim, ao criar e promover um ideal de "homem novo" que se adapte às exigências do neoliberalismo, essa produção biopolítica da subjetividade - usando, por exemplo, os livros de autoajuda - busca não apenas garantir a reprodução do sistema econômico e político, mas também legitimar e naturalizar suas práticas e valores, consolidando assim sua hegemonia sobre a sociedade.

Então, a utilização da pornografia pode ser vista como uma manifestação dos laços precários produzidos pelo neoliberalismo, especialmente quando os imperativos de sucesso e realização pessoal dominam a vida do sujeito. Em um contexto em que o sujeito se vê constantemente pressionado a atender às demandas do mercado e a alcançar padrões idealizados de sucesso e felicidade, os laços sociais e afetivos muitas vezes se tornam frágeis passando pela lógica da mercantilização.

Por exemplo, os aplicativos de encontro, chamados anteriormente de aplicativos de namoro, se tornam uma ferramenta para marcar encontros casuais, na maioria das vezes não há intuito de alimentar uma relação duradoura. Essa lógica é mostrada mais uma vez pela anteriormente referida série documental “Hot Girls Wanted: Turned on” de 2017 produzida plataforma de streaming Netflix . No segundo episódio a série retrata James, um ex-astro de reality show de 40 anos, cuja vida sexual é movimentada principalmente pelo uso desses aplicativos. James, incapaz de iniciar relações de forma "orgânica" ou tradicional, depende dos aplicativos de encontro para estabelecer encontros com mulheres. No entanto, após esses encontros, ele não mantém contato com essas mulheres para um segundo encontro, demonstrando a natureza efêmera e descartável dessas interações. Essa dinâmica reflete uma cultura de consumo e gratificação imediata, na qual as relações humanas são reduzidas a transações superficiais e temporárias.



**Imagem 6 - Capa e descrição do 2º episódio da série documental “Hot Girls Wanted: Turned On” (2017).**

A pornografia, nesse contexto, pode ser vista como uma forma de preencher o vazio deixado pelos laços sociais e afetivos enfraquecidos ou inacessíveis, especialmente para aqueles que enfrentam desigualdades sociais e econômicas significativas, que muitas vezes impedem ou dificultam a participação em encontros e relacionamentos interpessoais. Essa falta de oportunidades para estabelecer conexões significativas pode levar as pessoas a buscarem na pornografia uma sensação de conexão e intimidade, mesmo que temporária e ilusória. No entanto, essa conexão é superficial, pois se baseia em interações com representações idealizadas e objetificadas do corpo humano, desprovidas de emoção, reciprocidade e autenticidade.

Como descrito por Braunstein (2010) e embasado na teoria dos discursos proposta por Lacan, o mestre moderno se caracteriza pela incitação à satisfação direta de aspirações e demandas. Em contraste, o mestre antigo representava a repressão, onde a lei era estritamente delimitada e promovia a conformação de indivíduos sujeitos a regulações jurídicas. O novo mestre, por sua vez, comanda e ordena o gozo. O discurso capitalista, ao recusar a castração simbólica, promove a prevalência do gozo instantâneo e desimpedido.

A mudança no discurso do mestre é atribuída ao seu encontro com as ciências, conforme destacado por Braunstein (2010). Os objetos técnicos do capitalismo, conhecidos

como *gadgets*, são concebidos a partir de formulações matemáticas. Braunstein nomeia esses objetos como *servomecanismos*, os quais são produzidos em massa e destinados a uma rápida obsolescência. Eles operam de maneira semelhante aos objetos de desejo, especificamente o pequeno objeto *a*. A produção dos *servomecanismos*, impulsionada pela busca por mais-valia e por um aumento no prazer, é vista como uma demonstração tangível do poder da empresa capitalista.

As plataforma de pornografia audiovisual e aplicativos de encontros online, podem ser interpretados como um exemplo contemporâneo desses servomecanismos. Por exemplo, assim como os *gadgets* são projetados para atender às aspirações imediatas dos consumidores, o Tinder oferece uma experiência de busca e seleção de potenciais parceiros de maneira rápida e acessível. Os usuários podem acessar uma ampla variedade de perfis e tomar decisões instantâneas sobre possíveis conexões, em um processo que se assemelha à gratificação instantânea promovida pelo discurso capitalista.

Além disso, a dinâmica de consumo dos vídeos pornográficos, muitas vezes caracterizados por uma cultura de descartabilidade e busca incessante por novas experiências, reflete a lógica de obsolescência rápida mencionada na teoria. Assim como os servomecanismos são substituídos por novas versões com frequência, os vídeos são facilmente descartados em busca de algo que possa proporcionar uma satisfação momentânea ainda maior.

E, como mencionado acima, quando citamos os livros de autoajuda, o sujeito em sua cegueira de tudo querer e poder, acredita na força do “eu”. Ou seja, como coloca Braunstein (2010), acredita não estar sujeito a nada. Esse “eu” unitário e coerente, que vai na contramão do eu paradoxal e na divisão permanente irreduzível. Essa divisão irreconciliável da subjetividade é uma característica central da teoria laciana, que enfatiza a falta constitutiva no cerne do sujeito.

O *servomecanismo* se apresenta como algo capaz de realizar todas as fantasias, porém, seu destino é decepcionar após cumprir a aspiração fantasmática de completar o sujeito, negando sua falta (Braunstein, 2010). E essa decadência do servomecanismo é a fonte rejuvenescedora do capitalismo, pois a insatisfação do sujeito o impulsiona em direção à próxima mercadoria, em um ciclo que se retroalimenta.

## CAPÍTULO VI - DESVELANDO OLHARES: ANÁLISE DE CATEGORIAS PORNÔS

Neste capítulo, apresentaremos os dados coletados no contexto da presente pesquisa que investiga a interseção entre neoliberalismo e pornografia. Os dados foram obtidos por meio de análise de conteúdo contido no YouPorn, um dos principais sites de compartilhamento de vídeos pornográficos na internet. A escolha do YouPorn como fonte de dados se deve à sua popularidade e à diversidade de conteúdo disponível, o que permite uma análise abrangente das representações pornográficas contemporâneas. É importante ressaltar que esta análise se concentrou exclusivamente no conteúdo disponível no YouPorn e pode não capturar toda a variedade de representações pornográficas na internet.

Classifiquei as categorias, que agrupam diferentes temas e práticas presentes nos vídeos, permitindo uma análise das representações da sexualidade. A classificação das categorias abrangeu três partes: corpo, atividades e estrelas pornô.

<b>CORPO</b>
BIG ASS
BIG DICK
BIG TITS
SMALL TITS
MUSCLE
BLONDE
BRUNETTE
REDHEAD
TATTOS
BBW (BIG BEAUTIFUL WOMAN)
BIG NATURAL TITS
MATURE

**Tabela 1 - Categorias do site YouPorn que fazem referência à partes ou características do corpo.**

A categorização do corpo feita pelas categorias no site pornô reduz a sexualidade humana a partes isoladas e/ou características físicas, tal processo assemelha-se à fragmentação que a indústria farmacêutica faz do sujeito. Por exemplo, o modelo médico frequentemente enfatiza o tratamento dos sintomas em vez de abordar as causas subjacentes de determinados sintomas. Há uma separação entre sujeito e sintoma. Essa fragmentação do sujeito, de sua identidade especialmente no que diz respeito à saúde mental, leva o sujeito a procurar ancoragem identificatória no diagnóstico e medicamentos. O reducionismo presente no olhar médico também está presente no olhar da sexualidade.

Em sua obra “Manifesto Ciborgue”, Haraway (2009) diz que ao final do século XX o ciborgue, a máquina-organismo fabricada, é a nossa ontologia e determina a política. Nas tradições da ciência e da política capitalista ocidental - que é a tradição racista dominada por homens que tem como princípio o progresso através da exploração da natureza como matéria para a produção, e a reprodução em massa do eu a partir do outro - a autora ressalta a guerra de fronteira relação organismo e máquina.

Diante do cenário atual, em que o celular é uma extensão das nossas mãos, olhos e aparelho sexuais, ousou dizer que a fronteira se perdeu. Os avanços tecnológicos têm levado a uma fusão cada vez maior entre o orgânico e o mecânico. Os dispositivos digitais são objetos transacionais das nossas capacidades sensoriais, cognitivas e comunicativas. Como Haraway (2009) já salientava em sua obra, as coisas em jogo na fronteira entre organismo e máquina são os territórios da produção, da reprodução e da imaginação.

Na categoria “TATTOS”, as pessoas que compõem os vídeos pornográficos possuem tatuagens, poucas ou muitas. A manifestação corporal através da tatuagem pode ser vista como uma forma de linguagem implicada na busca de identidade, ou seja, expressão do sujeito. O corpo se torna tela para narrativas pessoais. Assim, é interessante pensar na categorização pornográfica de pessoas que são tatuadas. Há pessoas dos vídeos contidos nessa categoria que possuem apenas uma tatuagem. O que atrai os espectadores? Talvez a possibilidade de capturar minimamente quem é aquele sujeito que encena no vídeo?

Lacan (1964/1985) liga a tatuagem com a função erótica. Para o autor, a marca permanente no corpo através da tinta é uma forma de encarnar no corpo o órgão irreal que é a pulsão, já que a tatuagem situa o sujeito para o outro, marcando um lugar nas relações sociais

e comunicando desejos. Ao categorizar vídeos pornográficos com base na presença de tatuagens nos performers, os espectadores podem estar buscando não apenas uma estimulação visual, mas também uma conexão mais profunda com os sujeitos representados. A presença de tatuagens pode ser interpretada como uma forma de individualidade e autenticidade, o que pode atrair os espectadores ao sugerir uma maior intimidade ou autenticidade na interação entre os performers e o público. Uma única tatuagem pode transmitir uma mensagem ou narrativa poderosa sobre a identidade e os desejos do sujeito. Nesse sentido, os espectadores podem ser atraídos pela possibilidade de capturar uma pequena parte da complexidade do sujeito que está atuando no vídeo, através da interpretação e significado atribuídos à sua tatuagem.

A análise revela que, apesar do número relativamente limitado de categorias no YouPorn em comparação com outros sites, como o XVideos, há uma evidente fragmentação da sexualidade em subtítulos específicos para tratar de práticas sexuais semelhantes. Isso sugere uma adaptação às demandas de um mercado cada vez mais segmentado e diversificado, no qual a individualização e a customização das experiências sexuais não são valorizadas, mas sim massificadas.

<b>ATIVIDADES</b>
DOUBLE PENETRATION
TOYS
ROUGH
ANAL
BLOWJOB
BONDAGE
BUKKAKE
FINERING
FACIALS
CUMSHOT
FISTING



FETISH
PARODY
GANG BANG
GROUP
MASSAGE
SOLO MALE
SQUIRTING
HANDJOB
STRIPTESSE
MASTURBATION
PISSING
PUSSY LICKING
ORGY
POINT OF VIEW (ponto de vista da pessoa, o olho é a câmera)
DoogyStyle
CASTING
REALITY
SFW - SAFE FOR WORK (utilizada para designar um arquivo que pode ser aberto e visto em público sem nenhum receio)

**Tabela 2 - Categorias do site YouPorn que fazem referência à atividades sexuais, fetiches e modos de consumo.**

A categoria "Safe for Work" (SFW) no contexto de sites pornográficos se refere a conteúdo que é considerado adequado para ser visualizado em ambientes públicos ou de trabalho. Isso significa que os vídeos ou imagens nessa categoria não contêm nudez explícita, cenas de sexo ou outro material gráfico que seria considerado impróprio para esses ambientes. Em vez disso, eles incluem conteúdos provocativos, mas não explicitamente sexuais, como vídeos de pessoas vestidas de maneira sugestiva, mas dentro dos limites do que seria considerado aceitável em um ambiente público.

Associando a pornografia e o neoliberalismo, nossa linha de pesquisa, a categoria SFW torna-se de particular interesse, pois reflete certas dinâmicas sociais e econômicas contemporâneas. Por exemplo, no contexto neoliberal, os indivíduos são frequentemente encorajados a estarem constantemente produtivos e disponíveis, mesmo em momentos que tradicionalmente seriam considerados privados ou pessoais. A existência de conteúdo SFW permite que as pessoas consumam entretenimento pessoal de uma maneira que não interrompa a sua produtividade ou que não viola normas sociais de comportamento em locais de trabalho.

Também há a questão da individualização e consumo. Ao enfatizar a individualização, o neoliberalismo cria a flexibilização de consumo, incluindo a de mídia. Assim, as preferências e hábitos de consumo são adaptados para caber na vida constantemente ocupada das pessoas, os *gadgets* permitem aos sujeitos acessarem uma variedade de conteúdos em qualquer momento e lugar. Esse fenômeno também associa-se à ideia de autogoverno pregada pelo neoliberalismo, como se fosse possível ter uma liberdade gerencial da própria existência sem ter embate com os direitos de outros sujeito, já que SFW é a materialização da ideia de que se pode consumir qualquer tipo de conteúdo em qualquer lugar, desde que seja discreto, sem ultrapassar as normas sociais e o conforto dos outros ao redor. Assim, a profecia de Lafargue (1883/1999), em seu ensaio “O direito à preguiça”, de que o progresso tecnológico não serviria para aliviar o homem do trabalho, mas para escravizá-lo, se concretiza.

De acordo com Calazans (2023), o contrato social atual coloca o sujeito em uma posição de constante disponibilidade devido à digitalização dos processos de produção. Esse fenômeno cria um tipo de sujeição contemporânea onde a ausência de tempo livre se torna uma nova forma de escravização. As pessoas estão sempre "disponíveis" para produzir, mesmo fora do horário de trabalho formal, devido à onipresença da tecnologia.

Já a categoria de *Pornstar* é organizada por uma lista-alfabética de A até Z ou por popularidade que desdobra-se em 252 páginas. Cada página possui cerca de 40 *Pornstar*, ou seja, o *YouPorn* possui cerca de 10.080 atrizes e atores catalogados. As atrizes e atores são categorizados com uma foto principal, o nome artístico deles embaixo, a posição deles no Ranking e quantos vídeos estão disponíveis. Os atores pornôs estão em menor número, sendo uma média de 4 atores para cada 30 atrizes na categoria *Pornstar*.

Vieira Filho (2023) traz que a internet possibilitou uma transformação significativa na construção da identidade social de atores e atrizes pornôs, oferecendo um ambiente dinâmico e interativo em tempo real. Diferente de períodos anteriores, onde a mediação externa por estúdios e outros tipos de mídia predominava, a era digital permitiu que esses performers assumissem controle direto sobre suas imagens e narrativas públicas. Esse fenômeno se dá através de perfis em várias plataformas sociais, gerenciados pelos próprios artistas. O discurso utilizado pelos performers na internet é frequentemente metanarrativo, abordando sua própria construção de identidade de forma consciente e reflexiva. Ao mesmo tempo, esses discursos são autobiográficos, incorporando elementos de suas vidas pessoais e profissionais. Essa combinação de metanarrativa e autoficção permite uma exploração profunda de suas próprias experiências e identidades, proporcionando uma visão única e autêntica que desafia as representações tradicionais e estereotipadas da pornografia.

Mas, a construção da identidade pornográfica online obedece à fragmentação característica da pós-modernidade. O performer se inventa na interseção de múltiplas falas e formas de expressão – ficção, entrevistas, posts em redes sociais, palestras, etc. Cada uma dessas plataformas contribui para a formação de uma identidade multifacetada, que não se limita a uma única narrativa ou representação. Esta fragmentação reflete a complexidade e a fluidez da identidade contemporânea, onde o sujeito é constantemente (re)construído através de suas diversas manifestações online.

Podemos acompanhar a construção de uma atriz pornô no filme "Pleasure" (2021), sueco dirigido por Ninja Thyberg, que explora a vida de uma jovem sueca que se muda para Los Angeles com o sonho de se tornar uma estrela da pornografia. O filme é uma análise brutal e realista da indústria pornográfica, abordando temas como poder, consentimento, exploração e a busca por identidade e reconhecimento. A protagonista, Bella Cherry (interpretada por Sofia Kappel), chega a Los Angeles com ambições de se tornar uma das maiores estrelas da pornografia. O filme acompanha sua jornada dentro da indústria pornográfica, mostrando os desafios, os compromissos e as decisões que ela precisa tomar para alcançar seu objetivo.



**Imagem 7 - Capa do filme “Pleasure” de 2021.**

O filme aborda como a indústria pornográfica pode explorar jovens mulheres, frequentemente colocando-as em situações onde o consentimento é ambíguo ou comprometido. Bella enfrenta diversas situações em que precisa negociar seus limites e tomar decisões difíceis sobre o que está disposta a fazer para avançar na carreira, explora as dinâmicas de poder entre os diferentes atores da indústria pornográfica, incluindo também diretores, produtores e agentes.

A trajetória de Bella é também uma busca por identidade e reconhecimento. Bella Cherry chega a Los Angeles com grandes ambições. Ela tem uma visão clara de se tornar uma estrela reconhecida na indústria pornográfica, não se contentando em apenas ser mais uma atriz pornô sem nome reconhecido como suas colegas de residência, então ela luta para encontrar seu lugar em uma indústria que a vê principalmente como um objeto.

Inicialmente, Bella começa a trabalhar em produções menores e sessões de fotos. Esses primeiros trabalhos servem como uma introdução ao ambiente da indústria e aos tipos de demandas que serão feitas a ela. Conforme Bella se envolve mais na indústria, ela se depara com os padrões estéticos e performativos exigidos. Isso inclui adaptações físicas e

emocionais para se encaixar nas expectativas de diretores e públicos, ela participa de cenas cada vez mais intensas e desafiadoras, às vezes colocando em risco seu bem-estar. O filme não se esquivava de mostrar as realidades cruas e frequentemente desconfortáveis do trabalho sexual, criando um retrato que é tanto revelador quanto perturbador.

Ratts (2015) relata, em seu artigo, a história de um casal de homens, Diego e Wagner, que ingressou no mundo da pornografia audiovisual por meio de um convite inesperado. O vídeo que gravaram fez tanto sucesso que resultou em contratos com grandes empresas do setor. O casal destaca que a vaidade desempenha um papel significativo na aceitação dessa proposta, uma vez que o reconhecimento da aceitação do vídeo aumentou a autoestima de ambos. Embora nem sempre atuem juntos, Diego e Wagner afirmam conseguir manter uma vida normal a dois, mesmo considerando que seu trabalho envolve relações sexuais com outros homens. Apesar de abordarem suas atividades profissionais de maneira leve e divertida, ressaltam que, em certos momentos, o sexo diante das câmeras se torna apenas uma tarefa a ser cumprida. Como Ratts (2015) destaca, os profissionais da pornografia, por meio da sedução e do sexo que praticam - ainda assim atravessados por uma certa teatralidade - evocam a condição de um corpo que existe e que pode se multiplicar em trabalho e vida pessoal, operando em desconformidade com as imposições da tradição.

A estrutura do site YouPorn e a categorização de atores e atrizes pornográficos oferecem um paralelo interessante com o filme "Pleasure" (2021) e o relato contido no artigo de Ratts (2015). Os contextos — o filme, a entrevista e o site — abordam a forma como os performers são apresentados e consumidos pelo público, destacando temas de objetificação, exploração e a busca pelo sucesso na indústria pornográfica. A popularidade no YouPorn é medida por rankings e visualizações, incentivando performers a buscar estratégias que aumentem sua visibilidade. No filme, Bella Cherry se insere em uma indústria que frequentemente caracteriza e avalia performers com base em atributos específicos e sua disposição para participar de cenas mais extremas.

A estrutura de sites como YouPorn, em que as atrizes e atores pornôs são catalogados em uma lista alfabética e por popularidade, e a vasta quantidade de conteúdo disponível, cria uma experiência de consumo contínua e inesgotável. Esse formato exemplifica várias dinâmicas teóricas. Lacan (1964/1985) argumenta que o desejo é sempre insaciável e está ligado à falta fundamental que define a experiência humana. No contexto da pornografia online, o usuário é constantemente "teleguiado pelo olhar", buscando satisfazer um desejo que

nunca pode ser plenamente satisfeito. A imensidão do conteúdo reflete essa busca interminável pelo prazer visual. Cada vídeo oferece uma nova possibilidade de satisfação, mas essa satisfação é sempre temporária, levando o usuário a continuar consumindo.

Além dessas subcategorias citadas acima, os sites pornográficos, incluindo o YouPorn, também frequentemente categorizam e classificam os vídeos por etnias e raças. Essa prática é comum na indústria pornográfica e pode ser observada em várias plataformas e sites que hospedam conteúdo adulto. Essas categorias podem incluir termos como "asiática", "latina", "branca", "negra", entre outras. A classificação por etnia e raça é uma forma de organização do conteúdo que reflete a demanda do mercado e os interesses específicos dos usuários. Essa classificação pode perpetuar estereótipos raciais e objetificar pessoas com base na sua etnia ou raça, contribuindo para a discriminação e a fetichização racial.

<b>RAÇA/ETNIA</b>
ARAB
GERMAN
EBONY
EUROPEAN
INDIAN
JAPANESE
LATINA

**Tabela 3 - Categorias do site YouPorn que fazem referência à características físicas.**

A categorização de conteúdo adulto por etnias e raças, como visto anteriormente no capítulo que trata sobre a história da pornografia, também é uma reflexão das dinâmicas de poder e representatividade na sociedade, onde certos grupos podem ser hipersexualizados ou representados de maneira estereotipada. Esses fatores são parte de um debate mais amplo sobre a ética e o impacto da pornografia na sociedade.

Cabe ressaltar a ausência de categorização por raça e etnia de mulheres brancas, não existindo por exemplo a categoria “White Womens”. Assim, diante dessa ausência, as mulheres brancas são muitas vezes associadas às cores do cabelo em categorizações por partes

do corpo, encontradas no YouPorn em categorias como "Blonde", "Brunette" e "Redhead". Em muitas sociedades, a branquitude é historicamente privilegiada e considerada a norma, o que pode explicar essa falta de categorização racial para mulheres brancas. Como resultado, a categorização por raça e etnia é mais comum para grupos minoritários, pois são eles que se desviam dessa norma percebida e são exotizados. Assim, a pornografia reflete e amplifica essas normas sociais existentes.

A categorização de corpos em classes estereotipadas, conforme descrito por Dorlin (2008/2021), remete à construção de identidades rígidas que servem para reprimir a complexidade e a diversidade da experiência humana. Lacan (1964/1985) sugere que a identidade é construída através de um processo de espelhamento e identificação com o Outro. Na pornografia, a criação de estereótipos simplifica essas identificações, reduzindo a subjetividade dos sujeitos a características físicas e comportamentais estereotipadas. Esse processo reflete uma tentativa de domesticar e controlar o desejo, ao mesmo tempo que reforça normas sociais e culturais hegemônicas.

Dorlin (2008/2021) e Pelúcio (2010) discutem como a exotização e erotização são formas simbólicas de expressar dominação econômica e cultural. Do ponto de vista psicanalítico, essas práticas podem ser vistas como manifestações de uma pulsão de morte, onde o desejo pelo Outro é simultaneamente um desejo de controle e destruição. A exotização serve para marcar o Outro como diferente e inferior, justificando assim a dominação e a exploração. Em sua obra "O Mal-Estar na Civilização" (1930), Sigmund Freud discute como a civilização humana é construída sobre a repressão dos instintos primitivos, incluindo os instintos agressivos e sexuais. Freud argumenta que a cultura e a sociedade exigem a renúncia de certos impulsos instintivos para garantir a coexistência pacífica e a cooperação entre os sujeitos. No entanto, essa repressão não elimina os instintos; ela os desloca e os transforma, muitas vezes resultando em práticas de dominação e subjugação do Outro.

Pelúcio (2010) discute como o prazer de sentir o diverso é permeado por relações de poder. A psicanálise pode interpretar esse prazer como uma expressão de desejo reprimido e subjogado pelas normas sociais. Lacan (1964/1985) argumenta que o desejo é sempre desejo do Outro, e na pornografia, esse desejo é manipulado e moldado pelas dinâmicas de poder. A variedade e a exotização na pornografia não são apenas sobre a busca pelo novo e diferente, mas também sobre a reafirmação das hierarquias de poder e controle.

A análise psicanalítica da pornografia, enriquecida com as teorias de Foucault (1976/1988), Mulvey (1975/2012) e Hooks (1981/2019), oferece uma compreensão mais completa de como a categorização de corpos e a criação de estereótipos funcionam para reprimir a diversidade e a complexidade da experiência humana. Essas representações não apenas satisfazem desejos inconscientes, mas também reforçam e perpetuam estruturas de poder e dominação na sociedade.

Michel Foucault explorou como o poder e o conhecimento se entrelaçam para criar discursos que disciplinam e controlam os corpos. Em "A História da Sexualidade" (1976/1988), Foucault argumenta que a sociedade moderna utiliza o discurso sobre a sexualidade como uma forma de controle social. A pornografia pode ser vista como parte desse discurso, onde a categorização de corpos e a criação de estereótipos servem para manter e reforçar relações de poder. Foucault sugere que a sexualidade não é apenas uma expressão de desejo individual, mas também um campo de batalha para o controle social e político.

Além disso, é importante observar e destacar que quando falamos das categorias contidas em "Raça/Etnia" estamos falando de mulheres reduzidas às características estereotipadas e exotizadas. A exotização das mulheres com base em sua raça ou etnia as transforma em objetos exóticos de desejo, desumanizando-as no processo. Hooks, em trabalhos como "Eu não sou uma mulher?: Mulheres negras e feminismo." (1981/2019), aborda a interseccionalidade de raça, gênero e classe, e como essas categorias se entrelaçam na opressão de mulheres negras. A pornografia frequentemente exotiza e erotiza corpos não-brancos, perpetuando estereótipos raciais e sexuais. Hooks argumenta que essa exotização é uma forma de dominação racial e sexual, onde o prazer do espectador é obtido às custas da desumanização do Outro.

Já Mulvey, em seu ensaio "Prazer Visual e Cinema Narrativo" (1975/2012), introduz o conceito de "male gaze" (olhar masculino), onde as representações de mulheres são feitas do ponto de vista do espectador masculino heterossexual. Assim, na cultura patriarcal, a mulher fica presa na ordem simbólica apenas como portadora do significado, e não produtora, e os homens podem expressar suas fantasias e obsessões sob a imagem da mulher silenciosa, ou melhor, silenciada.

Na pornografia, essa dinâmica é exacerbada, com corpos femininos frequentemente objetificados e fragmentados para satisfazer o desejo masculino. Mulvey argumenta que essa



forma de olhar retifica as mulheres, transformando-as em objetos passivos de desejo, enquanto reforça a posição ativa e controladora do observador masculino.

## **CAPÍTULO V - OS FINALMENTES: O FUTURO DO OLHAR**

O consumo de pornografia no período atual envolve a problemática da compulsão e repetição. E, na atualidade, tudo é atravessado pelo trabalho. Na esfera do trabalho, a economia neoliberal favoreceu a implantação de um ritmo diferenciado de atividade ao flexibilizar serviços. Ter horários mais flexíveis transforma todas as horas em horas potenciais de produção, ampliando a pressão sobre o sujeito para estar constantemente produtivo e disponível.

Calazans (2023) ressalta que o sujeito, no encadeamento associativo, é preso aos significantes da época. E a subjetividade da época implica sintomas específicos, que variam de acordo com os significantes e os recursos organizativos de determinado período. Os significantes da época limitam a liberdade, logo, o sujeito encontra limites em um desejo de outra coisa. Tal tensão entre o desejo de outra coisa e os significantes da época se realiza no sintoma, aqui tratado enquanto formação de compromisso. No contexto neoliberal, a busca por satisfação através do consumo de pornografia pode ser vista como uma tentativa de negociar essa tensão, ainda que de maneira frustrante e insatisfatória, pois é o que resta.

Com o domínio da lógica neoliberal sobre os corpos, os significantes propriedade privada e liberdade são os formadores de laço social (Calazans, 2023). A proposta do neoliberalismo – diante dos significantes propriedade privada e liberdade – soa contraditória ao minar as bases sobre as quais o desejo pode se articular. Ter liberdade para possuir uma propriedade privada - com a privatização enquanto isolamento e proteção contra o perigo que é o outro - enquanto a máxima empobrece o laço social. Restando a pergunta: como desejar outra coisa sem laço? Esses significantes agem como limitadores da liberdade real, pois impõem uma forma específica de viver e desejar em consonância com a lógica neoliberal.

Para desejar outra coisa, é necessário repensar os significantes dominantes e buscar formas de fortalecer os laços sociais. Isso pode envolver uma crítica ao neoliberalismo e a busca por alternativas que valorizem a coletividade e a interdependência, permitindo ao sujeito encontrar novos modos de desejar e realizar-se fora das limitações impostas pelos

significantes contemporâneos. Pois, ao massificar as subjetividades através dos significantes contemporâneos, de acordo com Calazans (2023), o sujeito não se abre para o outro frente à negatividade, que permite a falta em si mesmo e no Outro. Esse cenário de não abertura promove o individualismo e o isolamento.

Calazans (2023) também aponta que o neoliberalismo impõe uma lógica concorrencial em que os outros são vistos apenas como adversários a serem derrotados, impedindo a formação de laços sociais, já que todos são percebidos como inimigos. Além de promover o individualismo e o isolamento, o neoliberalismo fortalece essa tendência com *slogans* como "estude enquanto eles dormem", sugerindo que o sujeito sempre precisa superar alguém. Essa constante necessidade de competição e superação reforça a alienação do sujeito, levando à exaustão e à fragmentação da identidade.

Ao adotar tal lema, o sujeito pode desenvolver síndrome de *burnout* devido à incapacidade de administrar adequadamente seu tempo entre trabalho e descanso. Isso ocorre porque ele pode se prender à promessa de que o aumento da carga de trabalho levará a mais sucesso e, por conseguinte, a uma maior satisfação. Assim, ao desenvolver uma patologia, o sujeito pode se ancorar em uma lógica outra da produtividade. Como ressalta Calazans (2023), o diagnóstico torna-se uma identidade suplementar para quem não está cumprindo o papel de produtor-consumidor, já que o capitalismo tenta transformar o sintoma em subjetividade.

Assim, o consumo de pornografia cai na lógica de um vício, uma compulsão que precisa ser tratada em si mesma, com explicações frequentemente reduzidas a fatores neuronais. Essa abordagem limitada ignora um entendimento mais amplo do problema, já que nem tudo se resume à produção de neurotransmissores. Aqui fica mais entendível a preocupação de Bidaud (2023) ao ressaltar o pouco interesse da psicanálise sobre a pornografia. É lamentável, pois a psicanálise possui recursos teóricos - como a abordagem sobre o olhar - para acolher melhor a problemática da pornografia enquanto uma questão sexual, e não apenas como um vício em um determinado conteúdo.

Ao abordar a trajetória histórica da pornografia, é essencial reconhecer que o erótico e o pornô, embora frequentemente tratados como distintos, inevitavelmente se enlaçam. Estes conceitos não são mutuamente exclusivos, mas sim partes interligadas de um espectro, o que é crucial para entender a pornografia como uma expressão cultural complexa. A interligação

entre o erótico e o pornô sugere que a pornografia deve ser analisada em seu contexto cultural e histórico, reconhecendo suas múltiplas facetas e significados. Pois, como salienta Bidaud (2023), a pornografia é um fato da sexualidade. Sua acessibilidade inunda os campos visuais, oferecendo, além da excitação sexual, um lugar de saber e de ver.

Além disso, ao analisar a questão política que perpassa a produção e consumo de conteúdos de plataforma na atualidade, é evidente que mesmo iniciativas que tentam ser orgânicas frequentemente sucumbem à lógica de massa. Isso ilustra como as tentativas de fugir do mainstream acabam sendo absorvidas pela lógica capitalista, destacando a dificuldade de escapar da influência do capitalismo no contexto da produção e consumo de conteúdo pornográfico. A observação crítica de que a lógica capitalista cooptou e comercializou praticamente qualquer forma de resistência ou diferença reforça a análise de como o neoliberalismo molda as práticas culturais contemporâneas, incluindo a pornografia.

Assim, como discutimos, a pornografia de plataforma opera uma fragmentação do corpo ao separar o sexual em várias categorias, abrangendo fantasias, modos de consumo dos vídeos, partes do corpo, raça e etnia, e performers profissionais da área. Esta fragmentação é semelhante à realizada pela medicina contemporânea, que separa o corpo do psicológico, embora ambos sejam povoados por pulsões que unificamos ao longo do desenvolvimento. A medicina trata os males físicos e psíquicos como doenças incapacitantes, avaliando primeiramente se essas condições impedem ou não a continuidade da produção. A pergunta "Essa doença te impede ou não de continuar trabalhando?" enfatiza a lógica neoliberal que vê a saúde (tanto física quanto mental) através do prisma da produtividade. Esta perspectiva destaca como o neoliberalismo valoriza a funcionalidade e a capacidade de produção acima de outros aspectos do bem-estar humano.

A lógica de fragmentação continua operando no âmbito social. O laço social é fragmentado pelo neoliberalismo, enfraquecido pelas variáveis da produção e consumo. O sujeito acaba sendo reduzido ao próprio corpo, e esse corpo é reduzido a suas partes. Dessa forma, o fragmento torna-se o todo, um todo desprovido de história e contexto.

Lacan (1975-1976) propôs que o *sinthoma* é uma construção singular do sujeito para lidar com o real do seu sintoma, uma tentativa de estabilizar e articular sua própria estrutura psíquica diante da falta estrutural. Neste sentido, o *sinthoma* pode ser entendido como uma

resposta criativa e singular à tensão entre o desejo e os significantes da época, como destacado por Calazans (2023).

A psicanálise não concentra sua atenção na simples eliminação dos sintomas, uma vez que Freud abandonou a hipnose ao perceber que não abordava as causas fundamentais dos sintomas. Segundo Freud (1904 [1903]), o objetivo da análise é capacitar o paciente a agir sobre sua própria existência, restaurando suas habilidades de realização e produção. O conceito de produção aqui não se refere à compulsão da lógica neoliberal, mas sim ao trabalho como uma atividade que dignifica. De maneira geral, os sintomas para Freud representam uma restrição interna originada de conflitos psíquicos, os quais privam o sujeito dos recursos necessários para sua inserção no mundo e suas relações.

Ao examinar a pornografia contemporânea dentro deste quadro, torna-se claro que as práticas culturais - incluindo aqui o pornô - não são apenas reflexos passivos das estruturas dominantes, mas também são arenas onde o *sinthoma* pode emergir como uma forma de resistência e de expressão subjetiva. Neste sentido, a análise crítica da pornografia não só desvela as contradições e limitações do neoliberalismo na formação dos desejos e práticas sexuais, mas também sugere que os sujeitos podem encontrar maneiras criativas e singulares de se posicionar frente às normativas impostas pelo sistema econômico vigente.

Enquanto os sintomas neuróticos são entendidos como representações simbólicas de conflitos inconscientes, o *sinthoma* é visto como uma construção que articula diretamente o real, o que não pode ser simbolizado ou integrado plenamente na ordem simbólica. Pois o *sinthoma* não é uma manifestação padrão, é uma construção única e particular que cada sujeito desenvolve para manejar sua própria estrutura psíquica e lidar com as demandas do real. Lacan (1975-1976) discutiu o *sinthoma* em termos de casos clínicos, como o caso de James Joyce, onde a produção literária do autor foi vista como seu *sinthoma*, uma maneira de lidar com as dificuldades psíquicas e existenciais.

Em seu livro “Depois do futuro” (2019), Berardi explora provocativamente o futuro, outrora estruturado e aspirado, agora fragmentado e permeado por uma constante insegurança. Essa insegurança é fruto do entrelaçamento, promovido pelo capitalismo, entre o futuro e a economia. O capital permeia todos os aspectos, buscando incessantemente qualquer fragmento de tempo humano disponível para exploração. Assim, enquanto o trabalhador é

legalmente livre, seu tempo é escravizado - contratado para atuar no ciberespaço produtivo, onde os tempos são recombinaados e seus momentos capturados.

A fragmentação do futuro resulta na fragmentação do tempo presente. Este é vivenciado de maneira dispersa e incessante. Resta apenas o presente para ser consumido, onde o tempo precisa ser utilizado de forma incessante para produzir resultados. Todo tempo é moldado pela produtividade. Berardi (2019) argumenta que neste tempo fragmentado, o sujeito não consegue se perceber de maneira integral; o presente contínuo não permite a formulação de projetos futuros, nem espaço para a subjetivação e a imaginação. O presente volátil demanda um cuidado constante, enquanto o futuro não se concretiza.

Na pornografia de plataforma, os usuários são frequentemente incentivados a consumir conteúdo de forma incessante, sem intervalos claros ou momentos de reflexão. O tempo é moldado pela busca constante por novos estímulos, refletindo uma lógica de captura e recomposição temporal similar à descrita por Berardi (2019) no ciberespaço produtivo. Assim como o trabalhador moderno se vê preso em um ciclo de trabalho constante, o consumidor de pornografia pode se encontrar preso em um ciclo de consumo contínuo, onde o presente volátil e fragmentado dificulta a formulação de projetos futuros ou a reflexão sobre a própria subjetividade.

Dessa forma, tanto na economia quanto no uso da pornografia, o tempo torna-se uma mercadoria a ser explorada, consumida e recomposta, refletindo uma dinâmica contemporânea de fragmentação temporal e constante pressão por produtividade ou consumo imediato. Enquanto os sintomas neuróticos são entendidos como representações simbólicas de conflitos inconscientes, o sintoma é uma construção que articula diretamente o real, o inassimilável pela ordem simbólica. Assim como Joyce utilizou sua produção literária como sintoma para manejar suas dificuldades psíquicas, os consumidores contemporâneos de pornografia podem encontrar nesse consumo incessante uma forma de lidar com as pressões e fragmentações causadas pela lógica neoliberal.

Se utilizamos o sintoma enquanto uma formação de compromisso, como proposto por Freud, é porque acreditamos ser possível extrair dele consequências significativas na leitura de nossa pesquisa. Ao questionarmos a captura da sexualidade pela pornografia dentro do contexto neoliberal, estamos também questionando o próprio ato de olhar, já que na

contemporaneidade a pulsão escópica é constantemente estimulada e alimentada. O olhar é um mediador - se não o maior - da experiência humana atual.

Por último, a análise crítica da pornografia contemporânea não apenas revela as contradições e limitações do neoliberalismo, mas também evidencia a substituição da sexualidade pelo sexo. O espetáculo e a constante necessidade de visualização nos meios digitais direcionam o olhar para um caminho tão hiperestimulante que se torna vazio e opaco. A cena assistida por um único sujeito, de forma isolada, reduz-se ao consumo, sem espaço para uma construção conjunta.

Para o sujeito criar sinthomas e fortalecer os laços sociais, é essencial explorar maneiras criativas e singulares de lidar com as pressões do sistema econômico vigente. Além disso, devemos continuar a buscar novas formas de compreender as práticas culturais contemporâneas. É inevitável reconhecer que a pornografia jamais deixará de ser um tema sensível, ressoando entre tabus e olhares críticos. Também não cabe, nos limites desta pesquisa, prever seus desdobramentos futuros. Contudo, é certo que ela seguirá se transformando, em sincronia com os avanços tecnológicos, como tem feito ao longo da história.

Para as investigações que a tomarem como objeto, será essencial uma espessura teórica capaz de abraçar sua complexidade — de sua criação à difusão, do consumo à ressignificação. Pois é nesse horizonte de densidade analítica que reside a possibilidade de compreendê-la em sua captura do sujeito e impacto.

## REFERÊNCIAS

- Abreu, N. C. (1996/2012). *O Olhar Pornô: a representação do obsceno no cinema e no vídeo*. Campinas: Mercado de letras.
- Alemán, J. (2016). *Horizontes Neoliberales en la subjetividad*. Grama Ediciones.
- Assoun, Paul-Laurent. (1999). *O olhar e a voz: lições psicanalíticas sobre o olhar e a voz*. Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud.
- Attimonelli, C. & Susca, V. (2017). *Pornocultura: viagem ao fundo da carne*. Porto Alegre, RS: Sulina..
- Badin, R. & Martinho, M. H. (2018). O discurso capitalista e seus gadgets. *Trivium: estudos interdisciplinares*, 10(2), 140-154.
- Bataille, G. (1957/2021). *O erotismo*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Berardi, F. (2017). *Fenomenología del fin*. Tradução de Alejandra López Gabrielidis. Buenos Aires, BA: Caja Negra.
- Berardi, F. (2019). *Depois do futuro*. Tradução de Regina Silva. São Paulo, SP: Ubu Editora.
- Bidaud, E. (2023). *Psicanálise e pornografia*. Rio de Janeiro, RJ: 7Letras.
- Braunstein, N. A. (2010). O discurso capitalista: Quinto discurso? O discurso dos mercados (PST): Sexto discurso? *A peste*, 2(1), 143-165.
- Calazans, R. (2008). Psicanálise e política. *Revista Psicologia Política*, 8(15), 17-30. Recuperado em 16 de outubro de 2023, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X200800010003&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X200800010003&lng=pt&tlng=pt).
- Calazans, R. (2023). *O que fizeram da liberdade? Uma análise sobre alguns paradoxos da liberdade e do consentimento no neoliberalismo*. Curitiba, PR: Editora Appris.
- Chiaretti, P. & Tfouni, L. V. (2016). Discursos de livros de autoajuda e subjetividades prêts-à-porter. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, 38(4), 397-404.
- Costa, V. A. S. (2005). *Lei simbólica, desamparo e pânico na contemporaneidade: um estudo psicanalítico*. Dissertação de mestrado, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.
- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto.
- Dorlin, E. (2008/2021). *Sexo, gênero e sexualidades*. São Paulo, SP: Crocodilo.
- Dufour, D. R. (2013). *A cidade perversa: liberalismo e pornografia*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.

- Freud, S. (1904 [1903]) *O método psicanalítico de Freud*. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- Freud, S. (1905/1996) *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Edição Standard Brasileira das obras completas, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1908/1996). *Moral sexual civilizada e a doença nervosa moderna*. In S. Freud: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. 9. pp. ). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1910/1979). *A contribuição psicanalítica da perturbação psicogênica da visão*. In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XI pp. 193-203). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1915/1996). *As pulsões e suas vicissitudes*. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1915/1980). *O Recalque*. In S. Freud: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. (Vol. 14. pp. 165-189). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1919/1996). *O estranho*. In S. Freud: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. 17. pp. 137-162). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1920/2006). *Além do princípio de prazer*. In S. Freud, Obras Psicológicas de Sigmund Freud – Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente (Vol. 2, pp. 123-198, L. A. Hanns, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1927/1996) *Fetichismo*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. 21). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1930/1996). *O mal-estar na civilização*. In S. Freud. Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago.
- Frosh, S. (2018). *Assombrações: psicanálise e transmissões fantasmagóricas* (C. I. Nakagawa, trad.). São Paulo: Benjamin Editorial.
- Foucault, M. (1976/1988). *História da sexualidade: A vontade de saber* (Vol. 1). Rio de Janeiro, RJ: Graal.
- Gregori, M. F. (2016). *Prazeres perigosos: erotismo, gênero e limites da sexualidade*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Haraway, D. (2009). Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: Haraway, Donna.; Kunzru, Hari.; Tadeu, Tomaz (orgs), *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano* (pp. 33-118). Belo Horizonte. MG: Autêntica.
- Hooks, B. (1981/2019). *Eu não sou uma mulher?: Mulheres negras e feminismo*. Rio de Janeiro, RJ: Rosa dos Tempos.
- Hunt, L. (1999). *A invenção da pornografia: obscenidade e as origens da modernidade*. São Paulo, SP: Hedra



- Kraus, J., & Maher, S. (Diretores). (2015). *Hot Girls Wanted*. Netflix.
- Lacan, J. (1955-56). *O Seminário, Livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2002.
- Lacan, J. (1959-60). *O seminário, Livro 7: A Ética da Psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1992.
- Lacan, J. (1964/1985). *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2008.
- Lacan, J. (1969-70). *O Seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1992.
- Lacan, J. (1972a). Do discurso psicanalítico. (S. R. Felgueiras, Trad.) Disponível em [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5767159/mod\\_resource/content/1/DO%20DISCURSO%20PSICANAL%C3%8DTICO%20-%20Lacan.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5767159/mod_resource/content/1/DO%20DISCURSO%20PSICANAL%C3%8DTICO%20-%20Lacan.pdf)
- Lacan, J. (1972b). O aturdido. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 448-497). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2003.
- Lacan, J. (1975-1976). *O Seminário, Livro 23: O sinthoma*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2007.
- Lacan, J. (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 96-103). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1998.
- Lafargue, P. (1883/1999). *O direito à preguiça*. São Paulo: Editora Hucitec.
- Leader, D. (2021/2023). *Gozo: Sexualidade, sofrimento e satisfação*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Leite Júnior, J. (2016). Labirintos conceituais científicos, nativos e mercadológicos: pornografia com pessoas que transitam entre os gêneros. *Cadernos Pagu*, (38), 99–128. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645034>
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo, SP: Editora 34.
- Machado, O. (2015). Sexualidade virtual. *Opção Lacaniana online* (18), 1-11.
- Mangueneau, D. (2010). *O discurso pornográfico*. São Paulo, SP: Parábola Editorial.
- Mendes, L. (2016). Livro para homens: sucessos pornográficos no Brasil no final do século XIX. *Cadernos do IL* (53), 173-19.
- Miller, J-A. (2016). O inconsciente e o corpo falante. *Scilicet: O corpo falante. Sobre o inconsciente no século XXI*. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise.

- Mulvey, L. (1975/2012). Prazer visual e cinema narrativo. In X. Amado & M. Borges (Orgs.), *Teoria contemporânea do cinema* (pp. 79-86). Tradução de Antônio Trânsito. São Paulo, SP: Senac.
- Parreiras, C. (2015). Altporn, corpos, categorias e cliques: notas etnográficas sobre pornografia online. *Cadernos Pagu*, (38), 197–222. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645037>
- Pelúcio, L. (2010). Exótica, erótica e travesti: nacionalidade e corporalidade no jogo das identidades no mercado transnacional do sexo. In Castro, AL. (Org.), *Cultura contemporânea, identidades e sociabilidades: olhares sobre corpo, mídia e novas tecnologias* [online] (pp. 197-213). Cultura Acadêmica. <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/109141/ISBN9788579830952.pdf?se#page=198>
- Quinet, A. (2002). *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Ratts, J. (2015). O corpo-pornô: reflexões sobre seus desdobramentos sociais e culturais. *POLÊMICA*, 15(3), 90-104.
- Sáez, J. & Carrascosa, S. (2016). *Pelo cu: políticas anais*. Tradução de Rafael Leopoldo. Belo Horizonte, MG: Letramento.
- Safatle, V. (2015) *O circuito dos afetos*. São Paulo, SP: CosacNaify.
- Safatle, V, Júnior, N. da S & Dunker, C. (2021) *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. São Paulo, SP: Autêntica.
- Sodré, M. (2021). *A sociedade incivil: mídia, liberalismo e finanças*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- Soler, C. (2011). O discurso capitalista. *Stylus*. Rio de Janeiro (22), p. 55-67. <https://doi.org/10.31683/stylus.vi22.816n>
- Thompson, J. B. (2008). A nova visibilidade. *MATRIZES*, 1(2), 15-38. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v1i2p15-38>
- Trimbach, R. (1999). Fantasia Erótica e Libertinagem Masculina no Iluminismo Inglês. In: A invenção da pornografia: obscenidade e as origens da modernidade. Tradução de Carlos Szlak. São Paulo, SP: Hedra. p. 273-308
- Triet, J. (Diretora). (2023). *Anatomia de uma queda*. Les Films du Worso.
- Thyberg, N. (Diretora). (2021). *Pleasure*. A24.
- Vieira, F. & Maurício, J. (2023). Plataformização da pornografia: considerações sobre estruturas e regimes de circulação de conteúdos audiovisuais na Xvideos. *Revista Eletrônica Internacional De Economia Política Da Informação, Da Comunicação E Da Cultura - Eptic*, 24(3), 117–136. <https://doi.org/10.54786/revistaepitic.v24i3.17829>